



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
PRÓ- REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO E MEIO  
AMBIENTE**

**MÔNICA DE MOURA BARBOSA**

**CASAS DE SEMENTES COMUNITÁRIAS: ESTRATÉGIA DE RESISTÊNCIA E  
MANUTENÇÃO DA VIDA CAMPONESA**

**FORTALEZA**

**2014**

MÔNICA DE MOURA BARBOSA

CASAS DE SEMENTES COMUNITÁRIAS: ESTRATÉGIA DE RESISTÊNCIA E  
MANUTENÇÃO DA VIDA CAMPONESA

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente do Centro de Ciências, da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Desenvolvimento e Meio Ambiente. Área de concentração: Proteção Ambiental e Gestão de Recursos Naturais

Orientador: Prof. Dr. Francisco Amaro Gomes de Alencar

FORTALEZA  
2014

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca de Ciências e Tecnologia

---

B199c      Barbosa, Mônica de Moura.

Casas de sementes comunitárias: estratégia de resistência e manutenção da vida camponesa /  
Mônica de Moura Barbosa. – 2014.  
95 f. : il. , color. enc. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Ciências, Pró-Reitoria de  
Pesquisa e Pós-Graduação, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente,      Fortaleza,  
2014.

Área de Concentração: Proteção Ambiental e Gestão de Recursos Naturais.

Orientação: Francisco Amaro Gomes de Alencar.

1. Ecologia agrícola. 2. Camponeses. 3. Mulheres do campo. I. Título.

CDD 363.7

---

MÔNICA DE MOURA BARBOSA

**CASAS DE SEMENTES COMUNITÁRIAS: ESTRATÉGIA DE RESISTÊNCIA  
CAMPONESA E MANUTENÇÃO DA VIDA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente do Centro de Ciências, da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente. Área de concentração:

Orientador: Prof. Dr. Francisco Amaro Gomes de Alencar

Aprovada em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Francisco Amaro Gomes de Alencar (Orientador)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Gema Galgani Silveira Leite Esmeraldo (Membro interno)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Aldiva Sales Diniz (Membro externo)  
Universidade Estadual Vale do Acaraú (UEVA)

Ao meu noivo  
Aos ativistas que lutam por um mundo melhor  
Aos homens, mulheres e crianças do campo.

## AGRADECIMENTOS

Á grande força Criadora do Universo que me inspira a confiar e me tornar uma pessoa melhor, ao planeta terra e todo o amor em sua extensão pela generosidade e equilíbrio. A todos os animais e plantas pela sensibilidade e energia doada gentilmente para todos. Aos meus guias espirituais por estarem sempre me inspirando e auxiliando para a realização do meu trabalho. Ao meu mestre Jesus Cristo pelos seus ensinamentos de amor e caridade. Muito amor e gratidão pela minha família, meu pai Benedito Barbosa, minha mãe Verônica Barbosa pelo amor doado, as minhas irmãs Viviane e Denise, pelo companheirismo em minha caminhada.

Ao meu orientador Professor Amaro, grata pela paciência, dedicação e sensibilidade. Ao meu noivo Henrique Ziegler, pela troca de saberes, amor e paciência. Aos meus cunhados e minha sogra Dirce que vem acompanhando toda a minha trajetória. Aos meus amigos do mestrado, Maria de Lourdes, Nizia, Debir, Luciana, Rafael, Ramon, Fágner e Geórgia minha grande amiga-irmã pelos momentos de inspiração, arte e amor.

Á Cáritas pela contribuição com o trabalho, ao Erivan Silva pela ajuda, sensibilidade e por ser o anjo guardião que me ajudou a trilhar meu caminho para realização da pesquisa. Ao José Maria pelo apoio e aos camponeses (as) por toda a sabedoria adquirida. Grata às comunidades que me receberam de braços abertos em seus lares, á Tunilda e Neuma pela confiança, por me mostrarem que é possível uma transformação social, começando por nós mesmos. Ao camponês Cosmos e todos os/as outros/as camponeses (as) de Massapê pelos ensinamentos e paciência. A CAPES, pelo o auxílio financeiro.

Á professora Gema Galgani pelo aprendizado e estímulo sobre as questões de gênero. Aos grandes trabalhadores por um mundo melhor e mais digno, Paulo Freire, Edgard Morin, Chayanov, Miguel Altieri, Caporal e muitos outros autores que estão realizando trabalhos com o intuito de quebrar paradigmas e por trazerem uma nova visão de mundo.

"Tudo o que existe no mundo  
Desde o animal até a gente  
Não poderia ter nascido  
Senão fosse a semente  
Ela é que origina tudo  
Faz a vida continuar  
Por isso que é preciso  
Da boa semente cuidar.

Desde os tempos mais antigos  
Que se conhece a cultura.  
A semente que alimenta  
Inventou a agricultura.  
Assim o povo viveu  
Fazendo o plantio da terra.  
E pra garantir a espécie  
Muita gente até fez guerra.

A semente e o fogo  
Eram duas preciosidades  
Quem controlasse as duas coisas  
Tinha superioridade.  
Hoje as coisas não mudaram  
Muito pra diferenciar.  
Quem controla estas coisas  
Tem o poder de mudar. "

(Eleni – MMC Maranhão)

## RESUMO

As experiências de armazenamento e seleção de sementes é uma prática bastante antiga. Data desde o início da agricultura, quando os povos antigos começaram a selecionar e melhorar as sementes de acordo com suas necessidades. Ao longo dos anos a agricultura sofreu muitas transformações e uma delas foi o uso de sementes híbridas e geneticamente modificadas na agricultura. Em resposta a este modelo floresce a Agroecologia, entendida com um campo do conhecimento baseado em uma perspectiva holística de compreensão dos fenômenos relacionados à produção de alimentos (ecológico, social e político) e a discussão da garantia de Soberania Alimentar, em especial a questão do uso e preservação das sementes tradicionais ou crioulas em oposição as "sementes corporativas". Contribuindo com essa nova forma de se relacionar com a natureza e conquista de autonomia emergem as casas de sementes comunitárias, considerada uma estratégia de conservação de manutenção da agrobiodiversidade e sociocultural das comunidades e povos. Esse estudo visou compreender se as casas de sementes são consideradas estratégias de resistência da vida camponesa frente ao atual modelo imposto pela agricultura insustentável. Assim como compreender as relações dos/as camponeses (as) com as sementes, formas de selecionar, papel da mulher dentro das casas de sementes, aspectos culturais e avaliar se constituem ferramenta de conservação das sementes crioulas e do saber popular. O estudo foi realizado no município de Massapê especificamente em três comunidades e um assentamento rural que apresentam casas de sementes comunitárias. Para obtenção dos dados foi utilizada uma metodologia qualitativa, através de entrevistas e questionários semi-estruturados, observação participante e uso da metodologia com grupos focais com os sujeitos da pesquisa. Como resultados foram diagnosticados as formas de selecionar as sementes crioulas que contribuem para a manutenção do saber popular, a inclusão da mulher e sua luta por conquista de espaços e autonomia. Além da identificação dos sujeitos a partir de suas práticas e da relação do acesso á terra, bem como aspectos culturais. Nesse sentido as casas de sementes comunitárias se configuram como uma nova forma e ferramenta de autonomia camponesa, porquanto propõe um novo modelo de desenvolvimento, não apenas para o campo, mas para as populações humanas em geral.

**Palavras-chave:** Ecologia agrícola; Camponeses; Mulheres do campo.



## ABSTRACT

Experiments storage and seed selection is a very ancient practice dating from the beginning of agriculture, when ancient people began to select and improve seed according to their needs. Over the years, agriculture has undergone many transformations where the seeds came to be genetically modified causing the few peasants were losing their autonomy and food sovereignty. In response to this style flowers Agroecology , understood as a field of knowledge based on a holistic perspective of understanding the phenomena related to food production ( ecological, social and political ) and the discussion of ensuring food sovereignty , in particular the issue of using and preservation of traditional seeds and landraces as opposed acs " enterprise " seeds . Contributing to this new way of relating to nature and achievement of autonomy emerge homes Community seed, considered a conservative strategy of maintaining agricultural biodiversity and socio-cultural communities and peoples. This study aimed to understand the houses of seeds are considered strategies of resistance of peasant life against the current model imposed by unsustainable agriculture. Just as understanding the relationships of the peasants (as) with seeds , ways to select , role of women within the homes of seed , cultural aspects and assess whether they constitute conservation of native seeds and know popular tool . The study was conducted in the municipality of Massapê specifically in three communities and one rural settlement which feature homes Community seed. To obtain the data a qualitative -quantitative methodology was used, through interviews and semi-structured questionnaires, participant observation and use of focus group methodology with the research subjects. As results were diagnosed forms of select native seeds that contribute to the maintenance of popular knowledge, the inclusion of women and their struggle for the conquest of space and autonomy. Besides the identification of the subjects from their practices and the relationship of access to land as well as cultural aspects. This sense of community seed houses are configured as a new tool as peasant autonomy, since proposes a new model of development, not only for the field, but for the human population in general.

**Keywords:** Agricultural ecology; peasants; Rural women.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Localização do município de Massapê-CE.....	18
Figura 2. Contato inicial com a comunidade de Meruoquinha em Massapê no encontro da RIS.....	20
Figura 3- Comunidades e Assentamentos que apresentam casas de sementes no município de Massapê.....	23
Figura 4 Casa de sementes na comunidade do Riacho Fundo em Massapê.....	41
Figura 5 Reunião da RIS na comunidade de Meruoquinha em Massapê.....	43
Figura 6 Fotos da Festa da Colheita no Assentamento Pé da Serra .....	49
Figura 7 Casa de sementes na comunidade de Morro Vermelho.....	51
Figura 8 Vista interna da casa de sementes na comunidade do Morro Vermelho.....	52
Figura 9 Casa de sementes do bairro Bandeira Branca.....	53
Figura 10 Coordenadores da casa de sementes de Riacho Fundo.....	55
Figura 11 Vista interna da casa de sementes crioulas do Assentamento Pé da Serra.....	57
Figura 12 Participação dos camponeses nas entrevistas.....	58
Figura 13 Nova ficha que será utilizada para controle dos sócios (as) das casas de sementes.....	63
Figura 14 Armazenamento de sementes em garrafas pets no Assentamento Pé da Serra.....	64
Figura 15 A coordenadora e sócia da casa no banner da Cáritas durante o encontro da RIS. .	68
Figura 16 Neuma em sua residência com os enfeites do reisado.....	70
Figura 17 Sócias da casa de sementes do bairro Bandeira Branca.....	71
Figura 18 Reunião do grupo de mulheres do Bairro Bandeira Branca.....	75
Figura 19 Roçado Comunitário da Casa de Sementes do Bairro Bandeira Branca.....	87
Quadro 1 Sistematização das informações da pesquisa com as ferramentas utilizadas.....	22
Quadro 2 Comunidades/Assentamentos que apresentam casas de sementes em Massapê e a instituição ou grupos que promoveu a abertura.....	47
Quadro 3 Informações gerais sobre os entrevistados.....	60
Quadro 4 Lista de sementes crioulas encontradas nos locais estudados.....	79

## SUMÁRIO

CAPITULO I.....	12
I. INTRODUÇÃO.....	12
II. Aspectos Metodológicos: Preparando para a Colheita.....	14
III. Local onde as Sementes foram Semeadas .....	17
CAPITULO II- Um diálogo com as Teorias .....	26
I. Agroecologia e Sementes .....	26
II. Família Camponesa e Soberania Alimentar .....	31
III. As Mulheres Camponesas e as Casas de Sementes Comunitárias.....	36
IV Implantação e Gestão das Casas de Sementes Comunitárias .....	39
CAPITULO III Colhendo os Frutos do Trabalho.....	45
I. Colhendo as histórias das casas de sementes da Zona Norte do Estado. ....	45
II. Conhecendo os/as Guardiões/as das Sementes Crioulas.....	57
III. As Mulheres Semeando Autonomia .....	65
IV. Sementes da Vida .....	78
V. Sabedoria na Seleção das Sementes da Vida. ....	81
VI. Como se Relacionam com a Terra.....	85
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	89
REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	91

# CAPITULO I

## I. INTRODUÇÃO

*Nenhuma atividade no bem é insignificante...  
As mais altas árvores são oriundas de minúsculas sementes.  
(Chico Xavier).*

A agricultura surgiu há aproximadamente 10.000 anos pelas mãos das mulheres e ao longo dos anos foi desenvolvida e melhorada pelos povos do campo através da observação da natureza onde foram adaptando variedades de sementes no mundo. Esses modelos prosperaram e sempre produziram alimentos e viviam harmonicamente com a natureza. (ALBARELLO, 2009).

Com o passar do tempo a agricultura sofreu várias mudanças, acompanhando o desenvolvimentismo e atendendo aos interesses da crescente população. Uma dessas transformações se deu a partir da Revolução Verde em 1950, que provocou muitas alterações sobre a agricultura em geral transformando em agricultura capitalista, bem como, sobre a agricultura camponesa em particular. Como explica Gliessman (2005. p.11):

Esse modelo se baseia na combinação de insumos derivados de combustíveis, uso de fertilizantes, agrotóxicos e sementes modificadas geneticamente, produzidas e comercializadas por corporações multinacionais em todas as regiões do globo, independente de suas condições climáticas e edáficas.

Nesse contexto a Convenção sobre a Diversidade Biológica de 1992, acrescenta que um dos problemas mais relevantes da revolução verde diz respeito à questão da redução da autonomia alimentar e cultural do camponês. Essa nova agricultura implica sobre a escolha que determinadas comunidades faziam há várias gerações que são de manter, reproduzir e selecionar as sementes. Em contraposição ao aumento dos monocultivos e a imposição de um modelo agroexportador. A partir de então, a agricultura passa cada vez mais a ter uma lógica mercantil, sendo o alimento transformado em mercadoria. Dessa forma, não podemos nem sequer supor que o camponês opere num sistema de venda dos excedentes. (ALTIERI, 2002). Se opondo a essa agricultura, surge a Agroecologia, que de acordo com Guzmán (2005, p.107):

A agroecologia é um campo do conhecimento baseado na perspectiva holística de compreensão dos fenômenos relacionados à produção de alimentos. Com isso, leva em conta experiências produtivas em agricultura ecológica na elaboração de

propostas para ações sociais coletivas que permite uma agricultura socialmente justa, economicamente viável e ecologicamente adequada a cada região. (2005, p.107)

A agroecologia apresenta-se como uma alternativa ao modelo de desenvolvimento capitalista, especialmente, em relação ao problema do monopólio da venda das sementes pelas multinacionais e a perda da agrobiodiversidade. Nesta perspectiva de resistência frente ao modelo hegemônico emergem as casas de sementes crioulas. As mesmas são estratégias surgidas no Brasil na década de 1970 para a preservação das variedades crioulas, constituindo uma estratégia de resistência adotada pela família camponesa para superar o avanço das sementes controladas pelas empresas, sejam elas híbridas ou transgênicas.

Foi essa outra forma de se relacionar com as sementes que despertou o meu interesse em compreender as formas de organização e funcionamento das casas de sementes comunitárias, bem como verificar se elas constituem uma das estratégias de resistência camponesa ao modelo predominante. Como objetivos específicos pretende-se analisar a história das comunidades e assentamento, bem como seus aspectos culturais, traçar o perfil dos sócios (as), avaliar a participação das mulheres e a compreensão delas acerca do tema das sementes crioulas, assim como compreender como se relacionam com a terra e como selecionam suas sementes.

Para uma melhor compreensão da pesquisa este trabalho foi dividido em quatro capítulos. O primeiro capítulo corresponde à introdução, objetivos da pesquisa, bem como ferramentas metodológicas utilizadas para construção do trabalho. Esse capítulo esclarece a construção da concepção metodológica. Assim como em um plantio há fases que antecedem a colheita, tratamos de declarar os passos para a nossa escolha pelos instrumentos escolhidos, bem como a compreensão e delimitação da área de estudo.

O segundo capítulo compreende um diálogo com os autores. O mesmo está dividido em seis subcapítulos. O primeiro bloco traz discussões sobre conceitos de Agroecologia e qual a relação com as sementes. Abordaremos também os diferentes conceitos sobre agrobiodiversidade e a sua importância no entendimento do resgate das sementes crioulas. O segundo subcapítulo traz uma discussão sobre o modo de vida da família camponesa e diferentes conceitos sobre soberania alimentar. No terceiro e quarto subcapítulos serão discutidos assuntos sobre o universo feminino e sobre as casas de sementes comunitárias.

No último capítulo venho trazer os frutos colhidos durante esse tempo de plantio. Venho trazer frutos sociais sobre o perfil dos/as guardiões/as formas organizativas, acesso ao conhecimento, informações culturais sobre a festa da colheita, mulheres que contribuem para

uma mudança de paradigma. Dentre os aspectos ambientais conheceremos as sementes crioulas, bem como sua forma de seleção e formas de manejos adotados com a terra.

## II. Aspectos Metodológicos: Preparando para a Colheita

A nossa concepção metodológica foi constituída empiricamente através do trabalho de campo, visitando as comunidades, instituições e a partir das leituras. De acordo com Minayo (2009), é no campo que o pesquisador relaciona o objeto estudado a partir das concepções teóricas que fundamentam o objeto da investigação, ou seja, é a partir do campo que será possível observar, questionar, interagir e até mesmo receber confiança dos pesquisados e contrapor às leituras já realizadas dos autores.

Para atingir tais objetivos foram utilizadas as abordagens quali-quantitativa. A abordagem qualitativa para Lakatos (2003) é utilizada quando se buscam percepções e entendimentos sobre a natureza geral de uma questão, abrindo espaço para a interpretação.

Para Turato (2005) as pesquisas que utilizam o método qualitativo devem trabalhar com valores, crenças, representações, hábitos, atitudes e opiniões. Não tem qualquer utilidade na mensuração de fenômenos em grandes grupos, sendo basicamente úteis para quem busca entender o contexto onde algum fenômeno ocorre. Em vez da medição, seu objetivo é conseguir um entendimento mais profundo e, se necessário, subjetivo do objeto de estudo, sem preocupar-se com medidas numéricas e análises estatísticas.

A abordagem quantitativa é complementar á qualitativa. Os dados quantitativos serão coletados por meio da aplicação de questionários semiabertos. Em relação aos dados quantitativos irão se destacar (quais os tipos de sementes utilizadas, produção, técnicas de manejo utilizadas, infraestrutura das casas) e qualitativos (percepções das famílias, sobre a área de estudo, relação das mulheres com as sementes, história da casa, como selecionam, dentre outros aspectos mais subjetivos).

Segundo as fontes de informação, a pesquisa é caracterizada como documental e de campo. A investigação foi considerada também bibliográfica por ter sido realizado um árduo trabalho de seleção, escolha e apreciação de vários autores que enfocam o assunto da pesquisa, além de materiais obtidos em livros, revistas e internet. Conforme Neto (1994, p.53) afirma:

Além dessas considerações, podemos dizer que a pesquisa bibliográfica coloca frente a frente os desejos do pesquisador e os autores envolvidos em seu horizonte de interesse. Esse esforço em discutir ideias e pressupostos tem como lugar privilegiado de levantamento as bibliotecas, os centros especializados e arquivos.

Nesse caso, trata-se de um confronto de natureza teórica que não ocorre diretamente entre pesquisador e atores sociais de um contexto histórico-social.

Todavia, a pesquisa foi, sobretudo de campo, pelo caráter metodológico proposto, no qual “a coleta de dados é efetuada *em campo*, onde ocorrem espontaneamente os fenômenos [...]” (ANDRADE, 2010, p.115, grifo do autor). Essa informação vem concordar com Gondim (2002, p.20):

O pesquisador ideal reconhece que são essenciais tanto a reflexão teórica, como o contato direto ou indireto com o mundo empírico (analisar dados primários ou secundários): é este tipo de trabalho que “fecunda” a inteligência, a qual se nutre das teorias. [...] Porque a pesquisa é justamente isso, um ato criador no sentido de permitir, mesmo ao mais comum dos mortais, acesso à produção do saber.

Além disso, a pesquisa documental também está sendo realizada. Essa técnica consiste na análise de documentos importantes cedidos pelas instituições que trabalham com a temática, informações coletadas pela própria comunidade, dados obtidos através do sindicato dos trabalhadores rurais (STR) fotografias, cartilhas, revistas, atas das reuniões das casas de sementes e documentos da rede de intercâmbio de sementes.

Outra técnica que utilizei foi a observação participante. Nessa técnica tem-se a oportunidade de unir o objeto ao seu contexto, contrapondo-se ao princípio de isolamento no qual fomos formados. Esse pensamento dialoga com os preceitos de Morin (1997, p.06) que afirma:

O conhecimento é pertinente quando se é capaz de dar significado ao seu contexto global, ver o conjunto complexo. Assim, a pesquisa participante que valoriza a interação social deve ser compreendida como o exercício de conhecimento de uma parte com o todo e vice-versa que produz linguagem, cultura, regras e assim o efeito é ao mesmo tempo a causa.

Com base no princípio particular de respeito pelo conhecimento popular local, esta pesquisa foi construída com base nos saberes e informações populares, tanto quanto se baseia no conhecimento científico. As comunidades pesquisadas foram inseridas em todo o processo de elaboração do trabalho. Essa metodologia seguiu Brandão (2001. p. 15) que afirma:

A pesquisa serve à criação do saber, e o saber serve à interação entre saberes. A interação dialógica entre campos, planos e sistemas do conhecimento serve ao adensamento e ao alargamento da compreensão de pessoas humanas a respeito do que importa: nós mesmos; os círculos de vida social e de cultura que nos enlaçam de maneira inevitável; a vida que compartilhamos uns com os outros; o mundo e os

infinitos círculos de realização do Cosmos de que nós, os seres humanos são parte e partilha.

Outros elementos utilizados estão de acordo com os ensinamentos de Paulo Freire. A pesquisa está sendo construída com base na dialogicidade, relacionando o saber popular com o científico, respeito, ética e aceitação da autonomia das comunidades estudadas. Para Freire (1992, p.86) esse diálogo e inserção são consideradas muito importantes em trabalhos de análise qualitativa:

A construção do conhecimento pelo sujeito tem por base as dimensões políticas, econômicas, sociais e culturais do espaço onde ele vive. Para o autor a construção do conhecimento deve se basear num diálogo multipolar permanente entre todos os intervenientes. Freire reforça que a construção do conhecimento acontece a todo o momento no seio de mundo e envolve variáveis que vão além do cognitivo, envolvendo o sensitivo, o motor, o estético, o intuitivo e o emocional, etc. O sujeito, a comunidade e o "mundo" têm um papel fundamental na construção do conhecimento individual e coletivo.

Segundo o mesmo autor, o trabalho dialógico busca compreender a visão do mundo dos camponeses e confrontá-la com a totalidade, para que a mudança possa ser construída em conjunto e não através da invasão cultural do pesquisador, que impõe sua visão de mundo no espaço histórico-cultural dos camponeses, os reduzindo a meros objetos de sua ação. Esse trabalho tem em si a visão holística, na qual compreende o significado de um evento ou comportamento em função das inter-relações que emergem dentro de um dado contexto.

Para compreender e trazer mais informações sobre determinado assunto foi utilizado à técnica de pesquisa com grupos focais com o grupo de mulheres. Segundo Caplan (1990) *apud* Dias (2009 p.02), os grupos focais são “pequenos grupos de pessoas reunidos para avaliar conceitos ou identificar problemas”. O objetivo central do grupo focal é identificar percepções, sentimentos, atitudes e ideias dos participantes a respeito de um determinado assunto ou atividade.

Buscando empoderar o saber das mulheres e suas relações com as sementes crioulas, me propus ao uso da técnica de entrevistas semiestruturadas na qual “o entrevistador busca informações, dados e opiniões por meio de uma conversação livre, com pouca atenção a prévio roteiro de perguntas” (MARTINS, 2008, p. 27). A entrevista semi-estruturada tem por característica permitir maior flexibilidade ao entrevistador e entrevistado. Isto possibilita que



no decorrer das entrevistas novos temas surgissem direcionando a discussão para novas questões, que permitiram uma melhor compreensão da realidade local. Nesse sentido Abramo (1988, p.41) afirma:

A partir de um tema geral, ou de um tema dividido em alguns tópicos gerais, a entrevista (a comunicação interativa) é conduzida pelo observador. O registro das respostas ou da *conversa* poder ser feito no momento da entrevista ou imediatamente após, pela anotação escrita ou pela gravação do som, pelo próprio *conversar* ou por um *anotador*, etc.

Nessa pesquisa foi utilizado também o auxílio do questionário semiaberto. Um questionário é extremamente útil quando um investigador pretende recolher informação sobre um determinado tema. Deste modo, através da aplicação de um questionário a um público-alvo constituído é possível recolher informações que permitam conhecer melhor a realidade dos sujeitos.

Nessa pesquisa foi utilizado o questionário de tipo misto, que tal como o nome indica são questionários que apresentam questões de diferentes tipos: resposta aberta e resposta fechada. (DESHAIES, B (1992) *apud* PÓVOA (2005)). Nesse tipo de questionário é possível captar informações de caráter tanto subjetivo quanto objetivo. Segundo Neto (1994) é interessante utilizar para o registro de todos os momentos da pesquisa de campo máquina fotográfica. O recurso visual (por meio de fotografias) é importante no intuito de ampliar “o conhecimento do estudo, porque nos proporciona documentar momentos ou situações que ilustram o cotidiano vivenciado”.

### III. Local onde as Sementes foram Semeadas

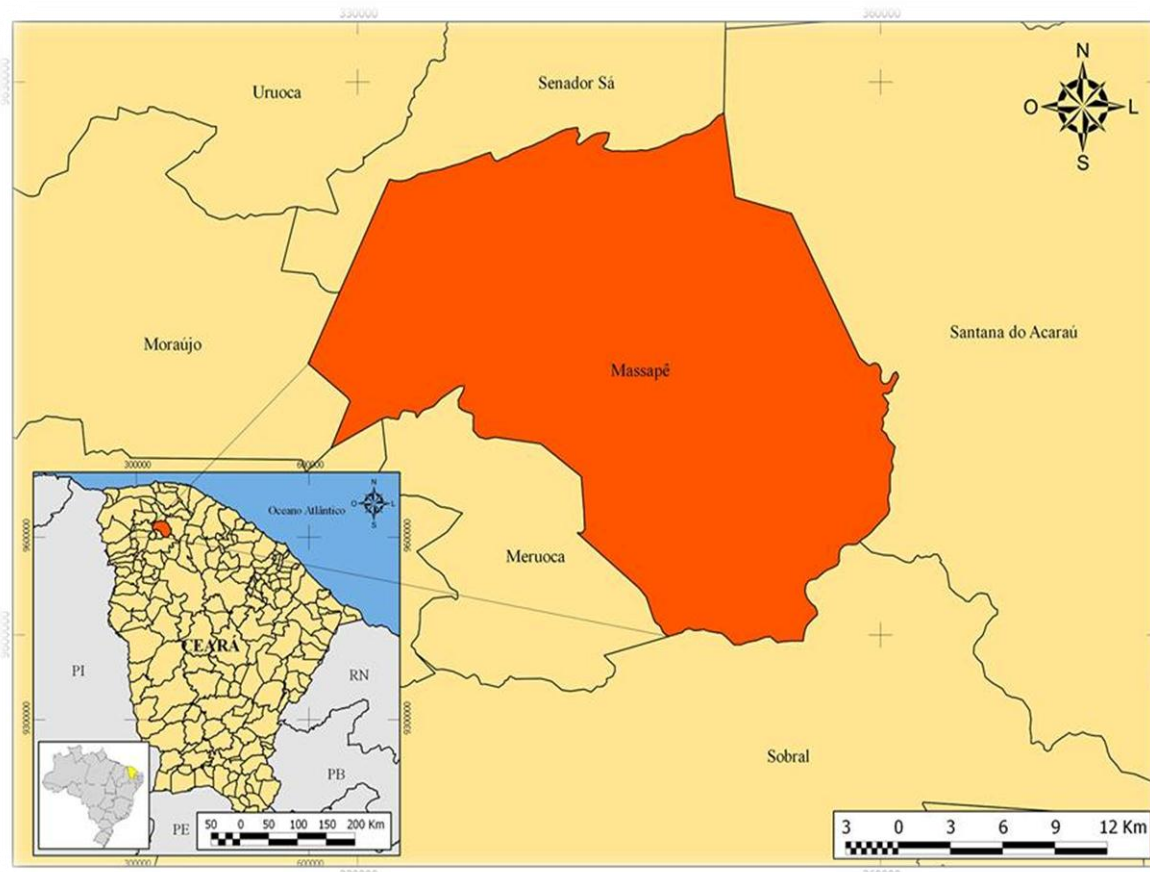
A área escolhida para realização desse estudo localiza-se no município de Massapê na zona norte do estado do Ceará (Ver Figura 1) A distância do município á Fortaleza é de 244 km. Esse município tem uma extensão territorial é de aproximadamente 571,531 km<sup>2</sup>, e uma população estimada em 2010 de 23.689 habitantes. A população urbana do município são aproximadamente 12.758 pessoas. Já a população rural é de 10.931 habitantes. Em relação ao gênero 48,51% dos habitantes pertence ao gênero masculino 51,49% do gênero feminino (IBGE, 2010). O nome Massapê vem do latim "*Massapequa*" e significa "solo argiloso", compacto de coloração escura.

O primeiro nome foi Vila da Serra Verde, e desde 1899, passou a ser Massapê. O clima do município é tropical quente semiárido com pluviometria média de 765,1mm com chuvas concentradas de janeiro a abril. As principais fontes de água são através dos rios,

Acaraú e Tucunduba do Riacho Caranguejo e Açude Acaraú Mirim. A economia local é baseada na agricultura: algodão arbóreo e herbáceo, caju, mandioca, milho e feijão. No setor da pecuária destacam-se a criação de bovinos, suínos e aves. (IBGE, 2010).

No setor industrial o município conta com oito indústrias, sendo uma metalúrgica, uma de madeira, uma de bebida, três de produtos alimentares, duas de vestuários, calçados, artigos de tecidos, couros e peles. Os principais eventos culturais do município são as festas da Nossa Senhora Perpétuo Socorro e São Francisco. Há também a tradição da realização da festa da colheita. Essa festa acontece geralmente no mês de junho. Essa festa tem uma importante relação com os sócios das casas de sementes, pois fortalece a organização anualmente do evento (IBGE, 2010).

Figura 1. Localização do município de Massapê-CE



Fonte: Labgeo, 2013.

As minhas sementes começaram a serem jogadas em visitas a algumas Organizações Não Governamentais (ONGs) como Cetra, Esplar e Cáritas. Em meio a essas visitas acabei encontrando algumas sementes no meu caminho. A instituição Cáritas me ajudou a construir o caminho da pesquisa fornecendo algumas informações muito importantes para a escolha do local que escolhi estudar.

Para escolha da área da pesquisa foram delimitados alguns critérios, como: à distância e acesso do município em relação à Fortaleza, o município apresentava a maior quantidade de casas de sementes na Zona Norte do Estado e apresentava uma das casas de sementes mais antiga do município; a presença marcante da participação das mulheres e organização das comunidades. Essas respostas foram obtidas através de visitas às comunidades, informações da Cáritas e contato com a população local.

Após levantar essas questões foi realizada uma visita preliminar ao local, com o objetivo de conhecer a área e verificar a viabilidade do projeto e fazer os primeiros levantamentos. Essas observações foram coletadas através da observação, e por meio de conversas informais com os sócios e representantes das casas de sementes. O primeiro contato com o município que está sendo estudado foi na reunião da Rede de Intercambio de Sementes, promovida pela Cáritas na comunidade de Meruoquinha no município de Massapê em novembro de 2012. Nesse evento se iniciou a observação participante. Nesta observação a pesquisadora se torna parte da situação pesquisada, interagindo por períodos com os sujeitos, buscando compartilhar seu cotidiano para sentir o que significa estar naquela situação. Assim durante esse encontro e durante os dias de pesquisa de campo fiquei hospedada na comunidade na casa das famílias camponesas vivenciando seu cotidiano, seus costumes e todas as suas atividades. Nesse encontro conheci as entidades que trabalham com o tema na região e fui apresentada para alguns sócios e coordenadores das casas de sementes da Zona Norte do Estado do Ceará. Ainda nesse evento apresentei as intenções desse projeto e a partir de então comecei a criar laços com algumas famílias camponesas que estavam no evento.

Nessa etapa da pesquisa utilizei a técnica de grupos focais. A estratégia de grupos focais consiste em uma diversificação da entrevista aberta, em que grupos são estimulados a dialogar e discutir sobre um determinado tema. Essa técnica tem características próprias e distingue-se das demais principalmente pelo processo de interação grupal, em que a fala a ser trabalhada não é meramente descritiva ou expositiva, e sim uma “fala em debate” (CARLINI, 1996). A segunda viagem aconteceu no mês de março de 2013 e teve como objetivo conhecer e realizar entrevistas livres para adentrar no universo das casas de sementes e os sujeitos que fazem parte dessa realidade. Foram visitadas quatro casas que ficavam mais próximas da cidade. A escolha desses locais para realizar as primeiras visitas ocorreu em decorrência do acesso à sede do município. As comunidades que visitei juntamente com os coordenadores das casas de sementes foram: Jatobá, Pé da Serra, Bandeira Branca.

A terceira visita aconteceu no mês de junho de 2013 e teve como objetivo conhecer e interagir com o grupo de mulheres do município. Nessa etapa da pesquisa foi realizada a captação de informações através da técnica com grupos focais. Entre os membros do grupo estavam presentes as camponesas e sócias das casas. Nesse encontro foi sendo construída uma relação mutua de confiança e compromisso. Nessa visita apresentei a proposta do projeto e também adentrei no universo feminino e observei os assuntos abordados nas reuniões. Na reunião estavam presentes 19 mulheres todas sócias da casa de sementes da Bandeira Branca. Para fins de registro usei a maquina fotográfica e gravador de áudio. A quarta visita aconteceu em junho de 2013 e teve como objetivo compreender os aspectos culturais do município. Nessa viagem participei da festa da colheita do município que ocorre no mês de junho. A festa da colheita já faz parte do calendário de eventos do município de Massapê. Para tanto as comunidades se organizam de forma articulada incluindo todas as pessoas que tiram seu sustento da roça que cultivou. A festa acontece anualmente em uma casa de semente diferente, juntamente com as comemorações da festa junina no município. Para fins de registro foi utilizada a máquina fotográfica que serve como documento que capta a situação real de um determinado momento, sendo útil para demonstrar os episódios vivenciados. Nessa etapa da pesquisa foi possível conseguir informações da história de algumas comunidades com o auxilio do gravador de áudio.

Figura 2. Contato inicial com a comunidade de Meruoquinha em Massapê no encontro da RIS.



Fonte: Erivan Silva

Na quinta visita já tinha em mente as comunidades e assentamentos que seriam estudados. Como no município existem doze casas de sementes, optei por trabalhar com quatro casas de sementes, para ter uma visão mais sistêmica da realidade do município. Nas

minhas idas e vindas ao município foi possível perceber que nesses locais de estudo existiam muitas particularidades e riquezas que seriam interessantes para trazer na pesquisa. A partir de então escolhi para pesquisar quatro áreas: Riacho Fundo, Assentamento Pé da Serra das Contendas, Morro Vermelho e o Bairro Bandeira Branca (Ver figura 3). A escolha dessas comunidades foi delimitada seguindo alguns critérios. O Assentamento Pé da Serra das Contendas foi escolhido por se tratar de um assentamento, por apresentar uma grande variedade de sementes e uma coordenadora com muito conhecimento para partilhar. O bairro Bandeira Branca por ser um bairro de Massapê que ainda persiste com agricultura e por se tratar da casa que apresenta a maior quantidade de mulheres no município. A terceira comunidade escolhida foi Morro Vermelho, por apresentar uma forte presença feminina na direção da casa e por apresentar experiência com quintal produtivo. A última comunidade é Riacho Fundo por apresentar uma das casas de sementes mais antiga do município. Além disso, todas as casas de sementes estudadas tinham que fazer parte da RIS (Rede de Intercambio de Sementes).

Para atingir tais objetivos da investigação optei por utilizar instrumentos como: questionários semi-abertos, entrevistas semi-estruturadas, observação participante dentre outras ferramentas metodológicas. No total da pesquisa participaram 12 camponeses (as), correspondendo a três pessoas de cada comunidade. A indicação das pessoas que foram entrevistadas ocorreu através da técnica com grupos focais com técnicos da Cáritas, diretores do STTR de Massapê e algumas pessoas das comunidades e assentamentos. Nessa técnica a pesquisa é construída mediante entrevistas abertas. É uma alternativa nos casos em que a investigação científica se destina a evidenciar o significado de fenômenos sociais. Segundo Silverman (2009) por intermédio da fala, os sujeitos participantes se expressam de forma livre, contribuindo para o entendimento aprofundado a respeito de um tema central

As entrevistas semi-estruturadas foram escolhidas, pois transpõem as limitações de instrumentos estruturados que não permitem a captação do significado embutido em opiniões expressas, nos valores e sentimentos dos sujeitos da pesquisa. Os questionários semi-abertos foram aplicados para os coordenadores da casa de sementes e dois sócios(as) sendo respectivamente um homem e uma mulher para trabalhar a inclusão de gênero na pesquisa. Para captação de dados sobre as mulheres sócias foram realizadas as entrevistas semi-estruturadas para coleta de informações sobre o universo feminino. A sexta visita foi agendada para participar da festa no Assentamento Pé da Serra das Contendas. Essa festa foi realizada pelos próprios assentados para arrecadar dinheiro para a reforma da capela do

assentamento. Essa celebração foi construída com jantar, reisado e muita música durante toda a noite. Nessa visita conheci alguns assentados que me forneceram informações sobre a história do assentamento. Nessa etapa da pesquisa foi utilizada a técnica de entrevistas livres e observação participante. Para uma melhor compreensão da pesquisa construí uma sistematização dessas etapas que foram realizadas bem como conhecer as ferramentas que foram utilizadas para coleta de dados para a pesquisa.

Quadro 1 Sistematização das informações da pesquisa com as ferramentas utilizadas.

LEVANTAMENTO	FERRAMENTAS UTILIZADAS
<ul style="list-style-type: none"> <li>• História colhida nas casas de sementes comunitárias de Massapê.</li> <li>• Conhecendo os guardiões das sementes crioulas.</li> <li>• Organização comunitária</li> <li>• Acesso ao conhecimento</li> <li>• Assistência técnica</li> <li>• Mulheres plantando autonomia</li> <li>• Festa da colheita</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Vivência de campo, Entrevistas livres e semi-estruturadas com auxílio do gravador de áudio e diário de campo.</li> <li>• Entrevistas semi-estruturadas com auxílio de gravador de áudio.</li> <li>• Questionário semiaberto.</li> <li>• Questionário semiaberto, utilizando o gravador de áudio.</li> <li>• Questionário semiaberto.</li> <li>• Entrevistas semi-estruturadas, Entrevistas livres e grupos focais com auxílio de máquina fotográfica e gravador de áudio.</li> <li>• Vivência de campo, observações <i>in loco</i> com auxílio de máquina fotográfica.</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conhecendo as sementes utilizadas nas casas de sementes.</li> <li>• Sabedoria na forma de selecionar.</li> <li>• Como se relacionam com a terra.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Questionário semiaberto com auxílio de máquina fotográfica e gravador de áudio.</li> <li>• Entrevistas semi-estruturadas e auxílio de gravador de áudio.</li> <li>• Questionário semiaberto com auxílio de gravador de áudio.</li> </ul>

Sistematização: Mônica Barbosa.

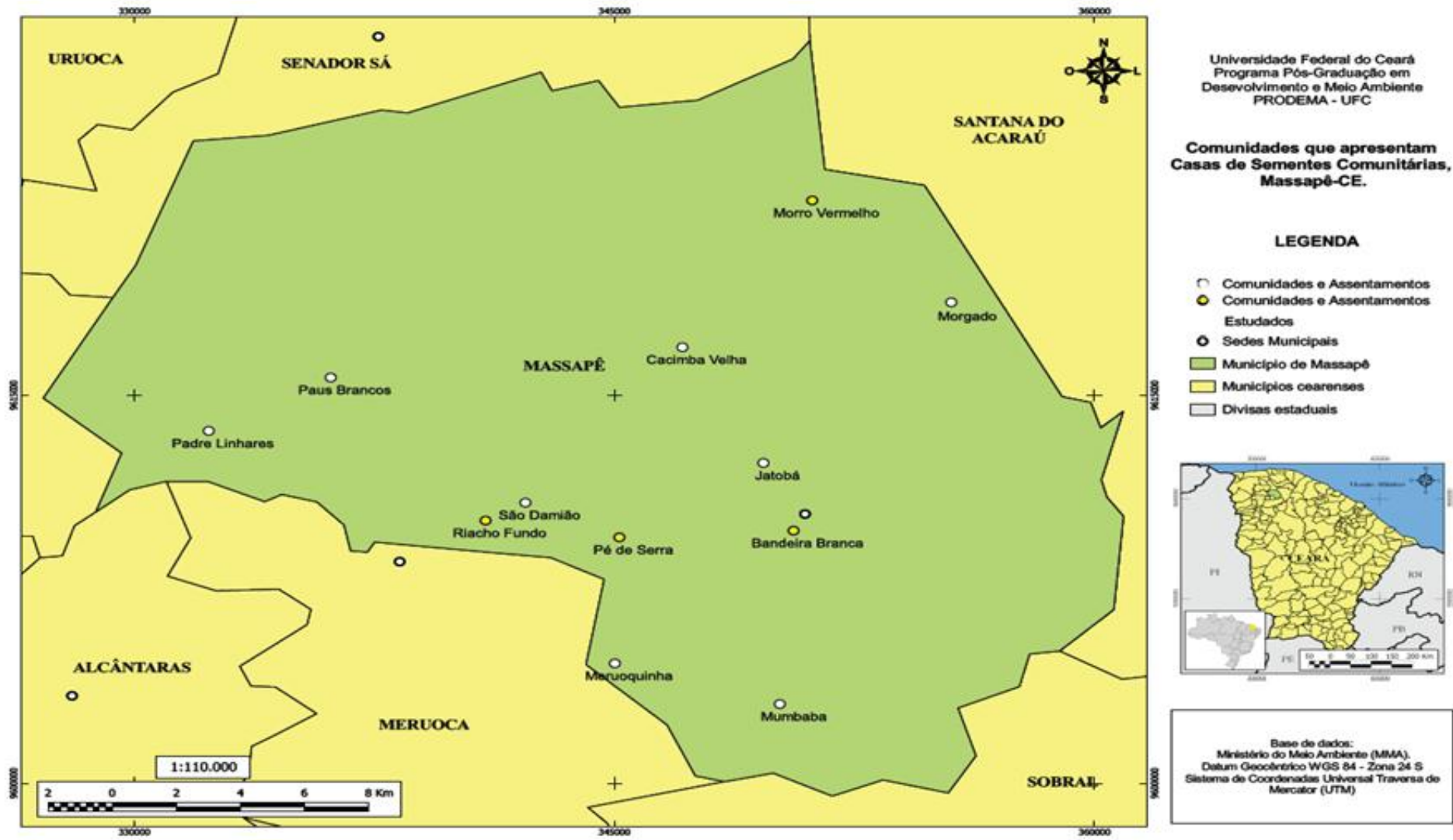


Figura 3- Comunidades e Assentamentos que apresentam casas de sementes no município de Massapê.

Ainda como aspecto metodológico gostaria de fazer duas ressalvas. A primeira sobre meu envolvimento com a temática e a segunda sobre a estrutura desse trabalho. A minha relação com as sementes e amor pelo semiárido nordestino emergiu durante a minha graduação no curso de Zootecnia na Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) em Sobral-CE. Nesse curso sempre senti falta de estudar assuntos holísticos que incluíssem e resgatassem a importância do saber popular, ou seja, que relacionasse o camponês com o meio ambiente. A procura por essa integração de conhecimentos me levou a estagiar no laboratório de forragicultura da UVA, onde estagiei por cerca de um ano. Durante esse tempo procurei aprender e relacionar essa área com o camponês, mas não conseguia, pois os trabalhos que eram realizados considerava muito técnico, o que acabou me afastando um pouco do laboratório. Após ter realizado esse estágio comecei a fazer disciplinas de sociologia rural e extensão rural, disciplinas estas que abordavam temas interessantes e sistêmicos. Para mim essas eram as disciplinas mais importantes do curso, pois através delas comecei a compreender a dinâmica da família camponesa e suas relações. Nessa época sentia que estava no caminho certo.

A minha procura continuava por estágios e vivências dentro da universidade. Em meio às andanças comecei a estagiar com o professor Doutor João Ambrósio de Araújo Filho, pesquisador de referência em trabalhos no semiárido nordestino. Foi a partir daí que comecei a estagiar no projeto " Produção, coleta, avaliação e armazenagem de sementes lenhosas madeiras e forrageiras da caatinga", formulado por ele. Nesse mesmo estágio participei de mais dois projetos de pesquisas que tinham uma abordagem holística da realidade. Empolgada pelos ensinamentos obtidos comecei a pesquisar e a ler mais sobre a temática e resolvi que iria escrever o meu projeto de mestrado com o tema casa de sementes comunitárias. Só que não foi tão simples assim, pois acabei percebendo que trabalhos com enfoque Agroecológico ainda são poucos quando comparados ao montante de estudos referente a agricultura moderna, principalmente, trabalhos realizados no semiárido nordestino abordando o tema de casas de sementes. Mesmo diante dessa dificuldade para encontrar autores que abordavam a temática, acabei selecionada para o mestrado do PRODEMA. As disciplinas do PRODEMA de alguma forma me chamaram muita atenção, pois a abordagem interdisciplinar era exatamente o que estava procurando. Em meio a tantas disciplinas realizadas, duas me chamaram bastante atenção. A disciplina "agricultura familiar e relações de gênero" ministrado pela professora Gema e a disciplina de "Ética, cidadania e educação ambiental" ministrada pela professora Kelma. Essas duas disciplinas foram a chave que tinha descoberto para enriquecer a minha



pesquisa. Em meio às leituras, fui despertando para assuntos como gênero e ética. Com a realização dessas disciplinas aprendi princípios muito importantes como: respeito ao saber tradicional, o respeito ao próximo, a importância da mulher no contexto agrário, a importância da educação ambiental em nossa vida. Com essa bagagem de pensamentos e ideias construí meu trabalho e com ajuda de ONGS e principalmente dos camponeses, acabei encontrando a minha área de pesquisa e os assuntos que achei importante dialogar na minha pesquisa.

## CAPITULO II- Um diálogo com as Teorias

### I. Agroecologia e Sementes

*"Se temos de esperar, que seja para colher a semente boa que lançamos hoje no solo da vida. Se for para semear, então que seja para produzir milhões de sorrisos, de solidariedade e amizade."( Cora Coralina).*

Agroecologia é uma ciência que lança mão de diversas áreas científicas e saberes tradicionais, para estudar as atividades desenvolvidas no campo, com o intuito de apoiar os processos de transição da agricultura capitalista para agriculturas de base ecológica, que promovam a inclusão social e proporcionam melhores condições econômicas aos camponeses. (COSTABEBER 2006).

A agroecologia segundo Leff (2002) nasceu de uma interação entre famílias camponesas, que se preocupavam com a degradação ambiental e social provocada pelo modelo produtivo hegemônico e por pesquisadores comprometidos com a busca de estratégias ecológicas de produção. É assim se criando uma ciência que se conecta com a proposta sistêmica, na qual, utiliza o conhecimento científico derivado da agricultura convencional de forma integrada com os conhecimentos tradicionais obtidos pelos camponeses através do manejo da terra durante séculos.

Dessa forma, ela se afina com a dinâmica de funcionamento da vida, compreendendo que cada ser vivo se desenvolve dentro de organismos maiores, que as partes simples se inter-relacionam e formam sistemas complexos e interdependentes, no qual a cultura humana está inserida nesse processo. Como matriz disciplinar a Agroecologia se encontra no campo do que Morin (1999, p. 33) identifica como sendo do “pensar complexo”, em que “complexus significa o que é tecido junto. O pensamento complexo é o pensamento que se esforça para unir, não na confusão, mas operando diferenciações”. Logo, a Agroecologia não se enquadra no paradigma convencional, cartesiano e reducionista, conhecido como o paradigma da simplificação (disjunção ou redução), pois, como ensina o mesmo autor, esse não consegue reconhecer a existência do problema da complexidade. E é disto que se trata reconhecer que, nas relações do homem com outros homens e destes com os outros seres vivos e com o meio ambiente, estamos tratando de algo que requer um novo enfoque paradigmático, capaz de unir os saberes populares com os conhecimentos criados por diferentes disciplinas científicas, de modo a dar conta da totalidade dos problemas e não do tratamento isolado de suas partes.

Segundo Miguel Altieri (1998) a preservação e ampliação da biodiversidade dos agroecossistemas é o primeiro princípio utilizado para produzir auto-regulação e sustentabilidade sendo princípios básicos que norteiam a agroecologia. Quando a biodiversidade é restituída aos agroecossistemas, numerosas e complexas interações passam a se estabelecer entre o solo, as plantas e os animais. Como afirma Chambers (1983, p.27).

A Agroecologia fornece as ferramentas metodológicas necessárias para que a participação da comunidade venha a se tornar a força geradora dos objetivos e atividades dos projetos de desenvolvimento. O objetivo é que os camponeses se tornem os arquitetos e atores de seu próprio desenvolvimento.

Partindo desse mesmo principio Miguel Altieri (2012, p.02) afirma que a ciência agroecológica surge recentemente como um novo paradigma de desenvolvimento rural e integrante.

Holística e totalizante que integra e funde conhecimentos de outras disciplinas científicas com sabedorias ancestrais. A Agroecologia como ciência integradora reconhece e se vale dos diversos saberes populares, tais como dos povos indígenas, das aldeias de pescadores, dos povos das florestas, das comunidades quilombolas, das experiências dos camponeses (as) e demais agentes ambientais e atores sociais. O enfoque sistêmico dentro da Agroecologia é fundamental para compreender a complexidade e diversidade dos agroecossistemas, se contrapondo ao modelo agrícola convencional que simplifica, padroniza, escraviza e destrói os componentes e as relações ambientais, sociais, culturais e econômicas.

Nesse sentido Altieri (1998, 2002) afirma que a interligação de saberes acumulados pela ciência e pelos saberes populares sobre os agroecossistemas é o ponto de partida para a construção de condições objetivas e subjetivas para apoiar o processo de transformação das formas de produzir e consumir, tendo como referência os ideais da sustentabilidade econômica, social e ambiental, a médio e longo prazo. Segundo Costabeber (2006) a transição agroecológica é uma construção social que parte da análise e compreensão dos problemas e dos riscos dos atuais padrões insustentáveis, tanto de produção como de consumo, utilizados pelos camponeses e pelo coletivo da sociedade. Além disso, a transição agroecológica significa a construção de conhecimentos e de alternativas tecnológicas que apoiem os processos de transformações rumo à sustentabilidade.

De acordo com o autor citado acima essa nova forma de fazer a agricultura requer não somente maior racionalização produtiva, com base no conhecimento das especificidades físicas, químicas e biológicas dos agroecossistemas, mas também nas mudanças das práticas, ideias e valores dos camponeses (as) em relação ao uso, manejo e preservação dos recursos naturais disponíveis.

Apoiada nessa perspectiva de estabelecer práticas e estratégias que apoiem o manejo e desenho sustentável dos agroecossistemas, a agrobiodiversidade é uma das ferramentas a serem utilizadas nesta fase de conversão, devido aos serviços ecológicos por ela prestados (GLEISSMAN, 2005).

Para Conway (1987) o conceito de agrobiodiversidade reflete as dinâmicas e complexas relações entre as sociedades humanas, as plantas cultivadas e os ambientes em que convivem, repercutindo sobre as políticas de conservação dos ecossistemas cultivados, de promoção da segurança alimentar e nutricional das populações humanas, de inclusão social e de desenvolvimento local sustentável. De acordo com o mesmo autor o conceito de agrobiodiversidade deve ser levado em consideração quando falamos de Agroecologia:

A agrobiodiversidade consiste num processo de interação milenar entre a natureza e o ser humano a partir da prática da agricultura. A domesticação de espécies leva à seleção, por diferentes gerações e em diferentes localidades, das melhores variedades adaptadas às condições locais, resultando em grande variabilidade genética. Os diversos genótipos e agroecossistemas formam a agrobiodiversidade. As sementes crioulas chegaram até os nossos dias pela prática da agricultura tradicional realizadas pelos camponeses (as) e populações indígenas, que conservaram, selecionaram, melhoraram e trocaram sementes entre si.

Nesse sentido as variedades crioulas atendem a um dos princípios básicos da Agroecologia que é o de desenvolver plantas adaptadas às condições locais da propriedade, capazes de tolerarem variações ambientais e ataque de organismos prejudiciais. Outro aspecto importante consiste na autonomia do camponês, que pode coletar/armazenar as sementes destas variedades e replantá-las no ano seguinte, adquirindo maior independência do mercado de insumos e gerando um material que, com toda sua variabilidade genética, se torna cada vez mais vigoroso e adaptado ao seu tipo de solo e clima. (MEIRELLES, 2004).

Para Pillón (2010), o trabalho realizado pelas casas de sementes tem um papel fundamental no processo de conservação e manutenção das sementes crioulas, bem como é um instrumento importante para a manutenção da soberania alimentar e autonomia camponesa. Atualmente em todo o país, especificamente no semiárido nordestino as instituições públicas não dispõem de mecanismos para cuidar desse patrimônio da humanidade. De acordo com Pillón (2010, p.4):

Esse é um trabalho muito rico e importante, pois estão preservando a nossa agrobiodiversidade e contribuindo com a valorização da cultura e das características regionais. As sementes crioulas representam uma alternativa válida, tanto para camponeses (as) quanto para populações urbanas, pois resultam de um longo processo de adaptação ao ambiente das propriedades e, conseqüentemente, são ricas em variabilidade nutricional e funcional.

Para oferecer essas garantias o alimento tem que ser produzido em sintonia com a natureza. Qualquer modificação em sua base genética ou mesmo nas condições de produção que forcem sua natureza, compromete todas as suas potencialidades nutritivas. Portanto, para termos alimentos seguros, eles têm de ser produzidos de forma segura nos moldes sustentáveis. (CONTI, 2012).

Neste sentido, podemos dizer que a Agroecologia não é apenas produzir sem o uso de agrotóxicos, adubos químicos e organismos geneticamente modificados. Mas é uma nova forma de se relacionar com a natureza e com o outro. É o resgate do camponês e da camponesa como protagonistas do processo produtivo, e dos consumidores como parceiros nesta caminhada. É o reforço a uma ética de respeito à vida em todas as suas expressões e ao ser humano, construindo uma sociedade ecológica, justa e solidária.

Um dos elementos da Agroecologia é o cuidado com as sementes. A semente é a responsável pela garantia da continuidade da vida vegetal e conseqüentemente pela grande variedade de espécies existentes em nosso planeta. Elas são ao mesmo tempo protetoras e propagadoras da sua espécie, carregando dentro de si o embrião, representante da nova vida. As sementes são uma das grandes responsáveis por mudanças na vida dos homens e mulheres. No início dos tempos, os seres humanos levavam uma vida nômade, não tendo local fixo para fixar a moradia. Sobreviviam da caça, atividade desempenhada pelos homens, e da colheita de frutos, atividade desempenhada pelas mãos das mulheres.

De acordo com Pelwing et al. (2008) é atribuída às mulheres a descoberta da agricultura, que segundo nos contam os relatos dos povos antigos jogavam ao redor de suas moradias sementes retiradas dos frutos colhidos nas matas, com isso nasciam plantas que até então não existiam ali. Esta afirmação da relação entre a figura feminina e o desenvolvimento da agricultura pelas civilizações primitivas é um aspecto que tem sido abordado com bastante ênfase na literatura. Segundo Dominguez et al. (2000) é mais provável que tenham sido as mulheres que primeiro enterraram sementes no solo e iniciaram a doma dos animais jovens, alimentando-os e tomando conta deles, como faziam com seus filhos. As mulheres começaram a perceber a capacidade de germinação e, a partir deste fenômeno, a possibilidade de "concentrar" a produção dos alimentos.

Outra prática realizada pelas mulheres, que ainda hoje permanece no mundo rural é a troca de sementes e mudas. Esse hábito tem um sentido de solidariedade, de gentileza e de manutenção dos laços de amizade, tem sua origem nos primórdios da agricultura e faz parte do processo de domesticação e manutenção das variedades crioulas. Para Dominguez

et.al.(2000) uma grande quantidade de espécies, usadas na alimentação atual é nativa das Américas. E foram deixadas pelos indígenas (astecas, maias, incas), entre elas milho, batata, mandioca, feijão, algodão, tomate, pimenta, amendoim, cacau e abóbora. Porém outras foram trazidas de outros continentes, como o trigo e o arroz, mas por centenas de anos são conservadas e melhoradas pelos camponeses. Essas sementes são chamadas de sementes crioulas. De acordo com Carvalho:

As sementes crioulas são as sementes mantidas e melhoradas há mais de 10.000 anos pelos mais diversos povos pelo mundo. Nelas reside uma ampla variedade genética que os camponeses têm se utilizado para enfrentar variações climáticas sazonais ou não, condições edáficas distintas, pragas, etc. Além disto, representam a variedade cultural dos povos, sendo que diferentes variedades possuem diferentes finalidades (2003, p.181).

As sementes crioulas sempre estiveram com os camponeses. Sendo cultivadas e selecionadas ano após ano pelas famílias. Essas sementes estão adaptadas às condições da nossa região e aos nossos sistemas de produção. Além disso, ainda são resistentes às pragas e doenças. As sementes crioulas de acordo com Trindade:

São aquelas sementes que não sofreram modificações genéticas por meio de técnicas, como de melhoramento genético, inclusive, nesse contexto, a transgenia. Estas sementes são chamadas de crioulas ou nativas porque, geralmente, seu manejo foi desenvolvido por comunidades tradicionais, como indígenas, quilombolas, ribeirinhos, caboclos etc. (2006, p.04).

#### Segundo Mazoyer.et.al.

As primeiras formas de agricultura surgem em torno de 12.000 A.C, visando manter a produção local de forma contínua e garantindo a consorciação com a criação de animais, por meio da domesticação dos animais. As aldeias garantiam a criação de determinadas espécies herbívoras por meio do pastoreio extensivo em pequenos nichos agrícolas. Essas aldeias praticavam uma agricultura de forma rudimentar, contudo já utilizando ferramentas agrícolas, esterco animal e seleção de sementes, visando aperfeiçoar a sua produção. Muitos desses conhecimentos empíricos praticados na agricultura antigamente ainda são utilizados por comunidades tradicionais até hoje (2010, p.115).

No Brasil o surgimento da agricultura remete a época dos povos indígenas, que viviam no litoral, alimentavam-se de caça e pesca marinha, abundantes na costa brasileira; consumiam diversas raízes como mandiocas, cará, além de praticar a caça no interior das matas. Com a chegada dos colonizadores europeus no século XVI, começa a devastação das vegetações litorâneas brasileiras, com o início da exportação do pau-brasil e de outras culturas como a cana-de-açúcar, pecuária extensiva, passando pelos ciclos do ouro, até a exploração do café. (VASCONCELOS, et al, 2007)

Mais tarde, a semente foi a iniciadora do comércio entre os povos. Era ela o produto a ser trocado. Hoje em dia representa a base da alimentação humana, e seus

subprodutos são de grande valor para as nossas vidas. A semente é o ponto de partida da agricultura camponesa. É o mais prático e o mais econômico meio de multiplicação das espécies. Representa a sobrevivência de milhões de famílias, sendo o fruto da colheita de hoje e a promessa da colheita de amanhã. O modo de vida camponês é sustentado na relação de cuidado com a terra, pois com a falta da mesma não tem como a vida ter continuidade. Camponês é aquele que cuida da terra, tem cultura, tem a vida nas mãos. Assim, a semente se torna parte importante na continuidade da vida e na relação direta dos camponeses com a terra.

Para os camponeses, quilombolas, indígenas que descobriram nas sementes a sobrevivência da humanidade, as sementes representam seu maior patrimônio, pois são capazes de gerar e manter a vida, sendo, portanto sagrada e de valor imensurável. (COMISSÃO PASTORAL DA TERRA, 2006).

## II. Família Camponesa e Soberania Alimentar

*"A Soberania Alimentar constitui o centro da alternativa que se está a construir frente ao fracasso do atual modelo agroindustrial."*  
(Paul Nicholson/Via Campesina)<sup>1</sup>

Na atualidade, existe uma forte tendência nos estudos acadêmicos do Brasil de se explicar o termo campesinato como uma categoria política, sendo o camponês compreendido como uma classe que não expressa inteiramente a realidade rural do país em seus processos históricos de formação e de organização social. Nesta busca, alicerço-me em Marques, que define o campesinato como:

Um conjunto de práticas e valores que remetem a uma ordem moral que tem como valores nucleantes a família, o trabalho e a terra. Trata-se de um modo de vida tradicional, constituído a partir de relações pessoais e imediatas, estruturadas em torno da família e de vínculos de solidariedade, informados pela linguagem de parentesco, tendo como unidade social básica a comunidade. (2002, p.30).

Afirmo que essa é uma categoria social, um modo de vida que se formou e que permanece existindo no Brasil, e que a sua compreensão permite entender como esta parcela da população se organiza e se articula para permanecer reproduzindo-se enquanto camponês,

---

<sup>1</sup>**Via Campesina:** É uma organização internacional de camponeses composta por movimentos sociais e organizações de todo o mundo. A organização visa articular o processo de mobilização social dos povos do campo em nível internacional. Movimento internacional que integra a maioria das experiências organizativas dos trabalhadores rurais. A via elaborou propostas que contemplam o reconhecimento do papel fundamental dos pequenos e médios produtores para a manutenção de um mundo rural vivo ampliando o conceito de Segurança Alimentar.

ao mesmo tempo à margem e dentro de um sistema que o subjuga. De acordo com Mendras (1964 p. 437 p *apud* Wanderley 1996 p.03):

O camponês tradicional não tem propriamente uma profissão; é o seu modo de vida que articula as múltiplas dimensões de suas atividades. A modernização o transforma num camponeses, profissão, sem dúvida, multidimensional, mas que pode ser aprendida em escolas especializadas e com os especialistas dos serviços de assistência técnica.

O camponês, segundo Carvalho (2005), tem como característica a apropriação dos recursos naturais, pois é dela que se retira a alimentação e as condições de trabalho e garante a reprodução da família, pela qual se emprega mão de obra familiar principalmente nos roçados. Vários estudiosos como Bottomore, Harris e Miliband (2001), identificaram no modo de produção camponesa a ausência da relação de exploração, pois toda produção é organizada pela unidade familiar através da divisão de tarefas e geralmente eles são donos das terras e dos meios de produção.

O ritmo de trabalho está ligado aos “ciclos da natureza”. Este é marcado pelo tempo cíclico de sucessão das estações do ano, sendo esta uma das seguranças de produtividade nas unidades produtivas. A relação com a propriedade é outro traço marcante. A noção de propriedade, o apego a terra está muito presente, principalmente ligados a questões culturais e a heranças de família (BOMBARDI, 2004). Concordo com Rosa (2012, p.98) que compreende o campesinato como:

Conjunto de elementos que, no decorrer do tempo, foram se agregando e formando um jeito de ser e de viver, um jeito de relacionar-se com a terra, algo que para alguns pode até ter um tom de romantismo, de arcaísmo. Porém, elementos fundantes como a terra, a família e o trabalho, expressos no modo como essas pessoas se relacionam entre si e com a terra, dão características desse campesinato, as quais são fortemente marcadas pelas particularidades de regiões e/ou biomas e também estão em constantes mudanças. A terra é um elemento que transcende as fronteiras de compreensão desta relação entre humanidade e natureza, pois explicita a diversidade de vida, de comida na mesa e na terra, mas também de expropriação e miséria, quando concentrada nas mãos de alguns poucos.

Dentre os elementos que podemos citar como fundantes do modo de vida camponês é frequente o questionamento de como as famílias se desenvolvem economicamente dentro do capitalismo. As famílias camponesas utilizam as formas não capitalistas para desenvolverem suas atividades como afirma Martins (1994), para poder manter-se em um regime de economia familiar, diferenciando-se da economia de mercado. Segundo Chayanov (1974 p.30 *apud* Paulino et.al. 2010 p.03) a sociedade atual capitalista em sua natureza, não consegue exprimir compreensão em torno dessa economia:



Lograremos una comprensión total de las bases y de la naturaleza de la unidad económica campesina sólo cuando deje de ser nuestro objeto de observación, cuando podamos concebirlo como sujeto creador de su propia existencia.

Com essa afirmação de Chayanov podemos dizer que o modo de vida camponês é uma expressão de resistência ao processo de capitalismo e uma forma de resistir ao capitalismo, uma vez que a terra é utilizada também como meio de produção de bens para comercialização. Encontramos na economia camponesa alguns aspectos intoleráveis ao capitalismo como a troca e a reciprocidade. De forma contraditória, o modo de produção capitalista cria as condições para a reprodução do campesinato no campo brasileiro. Essa estratégia do capital é a forma de apropriação do trabalho camponês a fim de garantir e ampliar a sua produção e reprodução. Como afirma Souza (2008, p.138):

O próprio avanço das relações capitalistas e as contradições oriundas da necessidade de expansão dos projetos do capital no campo acabam por exigir dos camponeses uma participação política mais efetiva.

É no espaço criado por essas contradições que o campesinato se reproduz não só na luta pela terra, mas, principalmente, na luta para continuar vivendo nela. Esta se configura num espaço de produção e, sobretudo, de vida. Quando o capital, através de seus processos de monopolização da produção e nas tentativas de territorialização, ameaça à propriedade do camponês, este se vê obrigado a resistir e a lutar para não perder a sua forma de reprodução social e seus valores familiares. (JESUS, 2010). A ameaça em perder a sua forma de reprodução social na terra de trabalho reflete diretamente nas tentativas de enfrentamento aos projetos do capital, portanto, caracterizam também a reprodução do campesinato.

Entendemos o campesinato como uma classe social e não apenas como um setor da economia, uma forma de organização da produção ou um modo de vida simplesmente. Entretanto, essa posição aqui defendida em consonância com os estudos de José de Souza Martins, Ariovaldo Umbelino de Oliveira, Marta Inez Medeiros Marques, dentre outros não representa a totalidade desse debate, pois diversas são as análises sobre a situação do campesinato na atualidade. Muitas das quais, advogam o fim dessa forma de reprodução social em virtude do “avanço” do capitalismo no campo brasileiro, sob a alegação de que a penetração do modo capitalista de produção não deixa espaço para outra forma de trabalho, senão o trabalho assalariado conforme Paulino & Almeida (2010, p.112):

Portanto, a terra camponesa não é apenas terra de trabalho, ela é também morada da vida, lugar dos animais de estimação, do pomar, da horta e do jardim, é a terra da fartura, onde o grupo familiar se reproduz por meio do auto-consumo.

Dessa forma, podemos afirmar que embora o modo de produção capitalista determine a organização do trabalho, ele não erradicou o camponês. Como afirma, Moura (1986, p.17):

Os processos sociais que viabilizam a existência do camponês têm sido mais expressivos e fortes do que aqueles que o levam à extinção. O campesinato se recria, se redefine e esse processo só é possível por meio das contradições evidentes do modo capitalista de produção.

Uma das estratégias de produção camponesa remete para a soberania alimentar. De acordo com Campos & Campos (2007) na década de 1990, falava-se de soberania alimentar como uma proposta dos movimentos sociais a fim de direcionar a produção de alimentos e a agricultura. Estes movimentos discordavam das políticas agrícolas neoliberais impostas aos governos do mundo inteiro através de organismos internacionais, como a Organização Mundial do Comércio – OMC e Banco Mundial. Segundo Vankrunkelsven (2006, p. 01), desde a Cúpula Mundial da Alimentação em 1996 havia uma permanente discussão de centenas de instituições e organizações mundiais, buscando uma definição de soberania alimentar. Estas discussões resultaram na seguinte definição:

Soberania alimentar é o direito dos indivíduos, das comunidades, dos povos e dos países de definir as políticas próprias da agricultura, do trabalho, da pesca, do alimento e da terra. São políticas públicas ecológicas, sociais, econômicas e culturais, adaptadas ao contexto único de cada país. Inclui o direito real ao alimento e à produção do alimento, o que significa que todo mundo tem o direito ao alimento seguro, nutritivo e adaptado à sua cultura e aos recursos para produção de comida; à possibilidade de sustentar-se e sustentar as suas sociedades

O conceito de soberania alimentar foi inicialmente postulado pela Via Campesina. Apesar deste direito ser incontestável e exigível, o modelo de desenvolvimento adotado de maneira hegemônica pouco tem colaborado para seu alcance. Portanto na declaração final do Fórum Mundial sobre Soberania Alimentar, realizado em Havana – Cuba no ano de 2001 a Via Campesina declara que:

A soberania alimentar é o direito dos povos de definir suas próprias políticas e estratégias sustentáveis de produção, distribuição e consumo de alimentos que garantam o direito à alimentação para toda a população, com base na pequena e média produção, respeitando as próprias culturas e a diversidade de modos camponeses, pesqueiros e indígenas de produção agropecuária, de comercialização e de gestão dos espaços rurais, nos quais a mulher desempenha um papel fundamental. A soberania alimentar favorece a soberania econômica, política e cultural dos povos. Defender a soberania alimentar é reconhecer uma agricultura com camponeses, indígenas e comunidades pesqueiras, vinculadas ao território; prioritariamente orientada a satisfação das necessidades dos mercados locais e nacionais.

A soberania alimentar atribui também uma grande importância à preservação da cultura e aos hábitos alimentares de um país. Os conceitos de soberania alimentar remetem a um amplo conjunto de relações, com destaque para o direito dos povos de definir sua política agrária e alimentar, garantindo assim o abastecimento de suas populações, a preservação do meio ambiente visando a busca por uma sociedade mais sustentável e a proteção de sua produção frente à concorrência com países mais capitalizados (MEIRELLES, 2004). A soberania alimentar é direito do povo e esta deve ser alcançada através de “práticas” saudáveis e sustentáveis sem comprometer as gerações futuras.

O conceito de soberania alimentar está ligado ao conceito da ciência agroecológica. Segundo Longhi (2008) a agroecologia pressupõe princípios básicos para alcançá-la. O autor observou que o modelo de agricultura do último século não foi capaz de solucionar os problemas da fome, assim como, não respeitou os limites da natureza, e a agricultura tornou-se um “mero negócio” abandonando seu principal propósito alimentar e suprir as necessidades da população. Por sua vez, a agricultura camponesa de base agroecológica prioriza o resgate da produção de alimentos saudáveis sem comprometer a dinâmica dos ciclos da natureza.

De acordo com Meirelles (2004) as iniciativas agroecológicas de criação de casas de sementes crioulas pelas famílias camponesas asseguram a conservação de recursos naturais e a produção de alimentos “limpos”, juntamente com a articulação de novas redes de distribuição e consumo de alimentos, são condições indispensáveis para garantir o acesso a alimentos de qualidade a todos.

Por isso, destaca a necessidade de desenvolver um sistema de produção e comercialização de alimentos que tenha como principal objetivo, os abastecimentos dos mercados locais e regionais, garantindo dessa forma a soberania alimentar. Nesse sentido para que isso ocorra, são necessárias transformações profundas na forma de fazer agricultura. Para tanto, destaca um modo de produção agrícola baseado na agrobiodiversidade, que resgate e conserve as sementes crioulas e sistemas tradicionais de produção são elementos fundamentais para a soberania alimentar (LONGHI, 2008).

Com isso, podemos constatar que a soberania alimentar pode constituir um novo paradigma agroalimentar, que esteja baseado na implementação do direito à alimentação; no acesso aos recursos; numa produção sustentável, com prioridade aos mercados e circuitos de comercialização locais, propondo resolver o problema da escassez de alimentos. Por sua vez

os povos do campo serão considerados responsáveis por essa mudança, e junto a esses, a Agroecologia representa um caminho viável para atingir a soberania alimentar brasileira.

### III. As Mulheres Camponesas e as Casas de Sementes Comunitárias

*"Onde pisa uma mulher há sentimento, onde pisam duas mulheres, há determinação, onde pisam três mulheres, a organização nasce. Mas quando mais mulheres se juntam e pisam na terra firme, germina a esperança, já é possível planejar a colheita da safra de um mundo novo".  
(Sandor Sanches)*

Ampliar e aprofundar estudos de gênero tem se tornado cada vez mais urgente, principalmente, nos espaços rurais onde a temática é menos abordada comparada às localidades urbanas. Mesmo tendo o conhecimento que as mulheres camponesas têm uma forte relação com a agricultura e que contribuíram ao longo dos anos nos processos produtivos contribuindo para conservação e domesticação de várias espécies, poucos são os estudos que abordam a relação da mulher com as sementes crioulas.

Ao longo dos anos diversos conceitos foram trazidos por vários estudiosos sobre gênero. Para dar embasamento sobre a discussão de mulheres camponesas é imprescindível trazer autores que deram a contribuição com a questão. Dentre esses autores (as) destacam-se Joan Scott (1990) onde afirma que gênero é uma categoria analítica que serve para desvendar as diferenças e as relações de poder que se estabelecem entre o masculino e o feminino construídos culturalmente, que dão significado e organização na vida social. Além disso, ela ajuda a compreender como ocorreu a divisão sexual do trabalho, a segmentação dos espaços e as representações sociais construídas a partir do desempenho dos papéis sociais do homem e da mulher. Em suma, ela tece o passado no presente. Outro conceito é trazido por Fischer (2006, p.41).

Gênero surge a partir da ideia que o feminino e o masculino não são apenas condições naturais ou biológicas, mas uma construção sociocultural. Segundo essa abordagem, não são as características sexuais, mas a forma como são representadas e valorizadas é que vão constituir o que é masculino e o que é feminino em uma determinada sociedade e momento histórico.

De acordo com Gouveia e Camurça (2000) o conceito de Gênero vem ganhando espaço no cotidiano e em vários cursos fazendo com que possamos compreender melhor a sociedade em que vivemos e aprender como trabalhar com as nossas diferenças quebrando tabus que deriva desde os tempos remotos. Conforme Silva et. al (2011, p.180):

O conceito de gênero agrega à dimensão social e cultural da diferença sexual, adotando a perspectiva da construção social dos papéis sociais que devem ser desempenhados por homens e mulheres, e nega a construção universal das diferenças, implicando a compreensão dos papéis em determinada estrutura temporal e espacial.

No campo a presença das mulheres é marcada pela divisão sexual do trabalho e pelas relações patriarcais. Isso fez prevalecer análises a partir do lugar das mulheres nas relações familiares, em geral focando no seu papel de mães, esposas e donas de casa. As relações patriarcais no campo fazem com que a família seja compreendida como um todo homogêneo em que o homem representa os interesses do conjunto e detêm o poder de decisão. Dessa forma a partir da família se organiza uma hierarquia de gênero e geração centrada no poder dos homens sobre as mulheres e filhos (as). (MELO 1998)

De acordo com essa autora a mulher, ao participar do trabalho remunerado, enfrenta condições de desvantagem perante o homem, pela sua histórica condição de indivíduo inferior, determinada pela sociedade patriarcal. Nesse aspecto, mesmo com a chance de participar do mercado de trabalho, ela tem menos oportunidade do que o homem de se qualificar profissionalmente, sendo, desse modo, a força de trabalho preferida para o desempenho das atividades econômicas ditas precárias, pouco qualificadas, repetitivas ou inferiores.

No Brasil as mulheres correspondem aproximadamente quase metade da população rural. São quase 15 milhões de mulheres, muitas delas sem acesso aos direitos básicos como saúde e educação, as mais jovens são as mais afetadas pelos processos migratórios e a maioria delas não contam com o devido reconhecimento da sua condição camponesa. Apesar disso, assume de forma crescente a responsabilidade pelo grupo familiar que integram. (MDA/NEAD 2006). De acordo com Brasil (2006) No contexto do semiárido nordestino a mulher camponesa encontrada na maioria das áreas do semiárido, mesmo não sendo reconhecida como força de trabalho agrícola, representa, juntamente com as demais mulheres, 51% do número total dos 17.935.113 habitantes da região. É importante observamos que as mulheres dificilmente não são reconhecidas como camponesas. O mérito do trabalho realizado está nas mãos dos homens.

Atualmente a superação da subordinação das mulheres camponesas tem sido objeto de estudo da ação política dos movimentos das mulheres em movimentos sociais mistos. A partir do final dos anos 1980, ganha mais força a atuação das mulheres camponesas, na luta pela sua afirmação como camponesas, como sujeitos políticos que questionam as

relações de poder existentes no campo, bem como, as reivindicações de direitos econômicos e sociais. Fruto da realização de grandes mobilizações nacionais, como por exemplo, a marcha das margaridas. Criam-se assim, condições mais favoráveis para a formulação e a implementação de políticas públicas para as mulheres rurais e para a afirmação de uma agenda feminista no desenvolvimento rural (BUTTO, 2010).

Um dos instrumentos de resistência que as mulheres camponesas usaram para ser reconhecidas foi através das casas de sementes comunitárias. As casas de sementes são instrumentos que estão sendo utilizados para a inclusão da mulher.

Foram no universo movido por resistência que foram criadas as casas de sementes comunitárias. Os bancos de sementes, mais tarde chamados casa de sementes, surgiram no Brasil da década de 1970, por iniciativa da Igreja Católica junto às diversas comunidades de vários estados no Nordeste Brasileiro. Na época a população sofria muito com as secas anuais que maltratavam a região, fazendo com que a fome e a miséria aumentassem havendo perda de muitas variedades de sementes. (ESPLAR, 2012)

De acordo com a Cáritas (2006) como a população na época não guardava as sementes, na maioria das vezes ficavam sem sementes e acabavam pedindo para os patrões em troca pela sua força de trabalho, como consequência acabava perdendo sua autonomia. Outro grande motivo foi a intensa perseguição política e repressão dos militares, as comunidades. Os mesmos não podiam se reunir, pois era considerado crime. Foi a partir dessa realidade enfrentada na seca e no período da ditadura militar que matinha o povo reprimido que surgiu ideia de criar as casas de sementes.

No início, o principal objetivo era garantir as famílias sementes crioulas de boa qualidade e armazená-la coletivamente para o plantio quando caíssem as primeiras chuvas e assim não depender de patrão ou do governo. No Ceará a preocupação com a questão das sementes surgiu também por volta da década de 1970, nos sertões de Crateús e Inhamuns, estimulado pelo então Bispo da Diocese de Crateús Dom Fragoso entre os anos de 1964 a 1998 em virtude de perceber que estas regiões apresentavam grandes períodos de estiagem e que além dos camponeses perderem suas sementes, ficava na dependência dos patrões e ao mesmo tempo das sementes híbridas<sup>2</sup> que começaram a circular na mesma década,

---

<sup>2</sup> Sementes híbridas. São o cruzamento de duas variedades de sementes resultando numa planta com traços de ambas as variedades. O burro tem essa característica (um pouco de cavalo e jumento), portanto não reproduz. Sua primeira geração é adequada para o plantio. Os descendentes de suas sementes de primeira geração perdem suas características originais e não produzem mais intensamente e não podem ser replantadas. Com isso, os camponeses são obrigados a sempre comprar sementes novas. É nessa realidade que nossas sementes viram mercado nas mãos das multinacionais.

distribuídas pelos governos. É nesse contexto que emergem as casas de sementes comunitárias. Essas casas são organizações comunitárias que visam a autossuficiência das famílias camponesas no abastecimento de sementes de espécies importantes para a agricultura local e mantêm as variedades tradicionais armazenadas, assim como contribuem para a segurança alimentar das comunidades e fortalecem a organização comunitária.

Para Cordeiro (1993) as casas de sementes crioulas é o local onde guardam e armazenam as sementes crioulas após estarem secas e selecionadas. As famílias produtoras colocam suas sementes na casa e retiram na hora do plantio. É um espaço de troca de sementes entre as famílias do local e com famílias de outras regiões do Estado e do País. Quanto mais pessoas tiverem acesso mais se amplia a rede de produção e distribuição de sementes crioulas. A casa auxilia no resgate e na armazenagem das variedades locais. De acordo com Albarello et al. (2009 p. 23):

As casas de sementes crioulas, juntamente com as pessoas que as produzem são responsáveis pela preservação e reprodução das sementes. É importante para a manutenção da diversidade agroecológica e sociocultural das comunidades e povos. Nos dias atuais, as sementes estão sendo colocadas como forma de poder e dominação. No mundo, grandes grupos empresariais impõem as sementes híbridas e transgênicas. O que durante doze mil anos foi símbolo de autonomia e segurança alimentar passa a ser símbolo de poder, dominação fome, pobreza e morte. Deixar as sementes sob controle de empresas que busca na dominação a possibilidade de obter lucros, acima de tudo, é a perda da soberania dos camponeses e das camponesas, dos povos e dos países.

Nesse sentido resgatar variedades de sementes crioulas é urgente para reconstruir a soberania alimentar dos povos, produzir com qualidade, diversidade e manter a vida no planeta. Nesse sentido as casas de sementes crioulas têm uma importância fundamental, pois as sementes crioulas tornaram-se símbolo da luta pelo direito à vida, à diversidade, ao enfrentamento e resistência às sementes transgênicas.

#### IV Implantação e Gestão das Casas de Sementes Comunitárias

No processo de instalação das casas de sementes é imprescindível a implantação de um roçado comunitário, que consiste espaço produtivo onde os sócios da casa de sementes cultivam coletivamente os alimentos e tem como principal objetivo a produção de sementes para o armazenamento na casa de sementes e cada vez mais movimentar o trabalho em mutirão. Essa prática é comum na maioria das comunidades como forma de ampliar o estoque de sementes das comunidades.

Para a implantação das casas de sementes geralmente são realizados os seguintes passos: a) Identificação dos motivos que levavam a organização de uma casa de sementes

comunitária; b) Reunião comunidade/associação comunitária camponesa com objetivo de criação a casa de semente comunitária, c) Implantação de um roçado comunitário; d) Discussão da forma de gestão da casa de semente comunitária, e) Escolha do tipo de sementes que a comunidade mais necessita f) Escolha das variedades de sementes na comunidade, g) Realização de assembleia específica de criação da casa de sementes e h) Registro em cartório da ata de criação para oficialização legal perante órgãos públicos, garantindo aos associados direitos como acesso a políticas públicas de salário maternidade, auxílio doença e comprovação de trabalho rural para camponeses (as) quando necessitarem de aposentadoria. (CARVALHO, 2003)

Uma vez constituída a casa de sementes as pessoas são sensibilizadas para se associarem, fazendo o seu registro e preenchendo ficha de cadastro de sócio/a da casa de sementes, e que o mesmo assume o compromisso com a comunidade em produzir sementes de qualidade, e contribuir para o bom funcionamento da casa de sementes e inclusive participar mensalmente das reuniões e assembleias da comunidade. As pessoas associadas nas casas de sementes decidem coletivamente sobre a manutenção e a disponibilidade de sementes para a troca e empréstimos para os membros da comunidade ou de outras comunidades vizinhas e inclusive a venda destas sementes caso haja excedente.

De acordo com Cordeiro (1993) as casas de sementes funcionam através do sistema de depósito e empréstimo. Os sócios se reúnem, estabelecem qual a demanda do grupo no que diz respeito à quantidade e variedade de sementes e estipulam a quantidade que cada sócio/a deverá depositar para dar início ao trabalho. Na época do plantio, os sócios (as) terão direito de retirar sementes emprestadas para usar nos seus roçados. O estoque é controlado por uma coordenação local, que utilizam fichas de controle e de cadastro de sócios (as) e recibo de controle de estoque.

As sementes são armazenadas em diversos tipos de vasilhames disponíveis, em local apropriado, com identificação da cultura e variedade de sementes, do sócio/a, ou seja, os camponeses (as) que depositaram a semente e ano da colheita. No Ceará geralmente as sementes são guardadas em garrafas pet's. As casas de sementes estabelecem um calendário de reuniões, uma coordenação local responsável pelo registro das atas de reuniões, e com o cadastro de sócios (as) planejam o período de distribuição das sementes para o plantio e devolução após o período da colheita. Qualquer pessoa, homem ou mulher, jovem, ainda que seja da mesma família, pode ser sócio/a da casa de sementes. Basta que tenha vontade de trabalhar coletivamente e defenda a proposta com compromisso.



Figura 4 Casa de sementes na comunidade do Riacho Fundo em Massapê.



Fonte: Mônica Barbosa (2013).

A participação das mulheres e jovens como sócios/as da casa de sementes tem especial importância, pois além de contribuir para sua autonomia, é um instrumento de comprovação da sua profissão agrícola. Quem participa de qualquer casa de sementes ou da Rede de Intercambio de Sementes tem o compromisso agroecológico de preservar o meio ambiente, respeitar a natureza, não utilizar agrotóxicos ou adubos químicos, envolver as famílias no processo de produtivo e preservando as nascentes e beiras de rios especialmente. Segundo Vasconcelos (2011, p. 37):

Após realizar seus estudos constatou que a implantação das casas de sementes é uma tecnologia social de grande relevância para a família camponesa, considerando que exerce papel importante na preservação e resgate não apenas das sementes, mas, da cultura popular que resiste em preservar as sementes nativas crioulas e mostrar para sociedade e órgãos públicos que é possível produzir de forma sustentável, estimulando a produção e comercialização de sementes locais, como forma de melhoria da geração de renda, garantindo a biodiversidade e os recursos genéticos locais e que estas sementes poderiam ser adquiridas para programas de distribuição de sementes pelos governos locais.

Antes da casa de sementes entrarem em funcionamento existe algumas questões que precisam ser respondidas como: quais espécies serão armazenadas no banco? Qual a origem dessas sementes? Qual a quantidade máxima que será armazenada? Quanto cada participante pode retirar?

A escolha das variedades a serem mantidas é muito importante, pois pode ser determinante no sucesso ou fracasso da experiência. Caso haja uma impressão de que as

sementes da casa não são produtivas, ou qualificadas o suficiente para suprir as demandas locais, o banco pode estar fadado ao fim. (SOUZA, 1986).

Respondidas as perguntas anteriores, é o momento de implantação da casa. A primeira etapa a ser cumprida é a definição do local. Existem algumas características importantes que precisam ser levadas em consideração neste momento. O local precisa ser de fácil acesso aos membros do grupo, e o espaço a ser destinada a casa precisa ser amplo o suficiente para comportar as sementes, bem como apresentar boas condições de armazenagem (ausência de infiltrações, goteiras, ratos, ventilação, etc.). De acordo com Nead (2009, p. 34).

Além do próprio espaço em si, é importante planejar com exatidão a quantidade e o tipo de recipientes necessários para o armazenamento de todas as variedades mantidas pelo banco. Caso isso não ocorra, alguns problemas podem ocorrer como a mistura de variedades e, conseqüentemente, sua perda ao longo das safras através da polinização cruzada. As maiores taxas de contaminação ocorrem com a mistura das sementes no transporte ou na utilização de uma mesma máquina para o beneficiamento de variedades distintas.

O controle do estoque precisa ser feito com muita dedicação. Para que este controle seja mais eficiente, são criados os coordenadores das casas de sementes. Esta comissão pode ser ou não remunerada. Geralmente quem escolhe os coordenadores de cada casa são os próprios camponeses (as) nas reuniões da RIS (Rede de intercambio de sementes). Para a escolha do representante é levado em consideração à presença da mulher, sendo geralmente dois homens e duas mulheres na coordenação.

A RIS-CE surgiu por volta de 1991 em decorrência da grande seca de 1987. Nessa época, o Esplar – Centro de Pesquisa Assessoria promoveu debates com inúmeras famílias camponesas sobre a questão da seca e falta de sementes, surgindo assim o armazenamento comunitário de sementes disseminando em todo Estado do Ceará.

Com o passar dos anos a proposta de trabalhar com casa de sementes comunitárias avançou de forma significativamente que resultou em 18 casas de sementes comunitárias nos municípios de (Tauá, Tamboril, Massapê, Madalena). Com o aumento das casas de sementes e distribuição pelos municípios, os/as sócios (as) dessas casas sentiram necessidade de articular e fortalecer o trabalho com as casas de sementes troca de sementes, intercâmbio de experiências e saberes entre as diversas instituições e regiões do estado.

Segundo Vasconcelos (2011) a RIS – CE é constituída por mais de 200 casas de sementes distribuídas em todo estado. Porém, atualmente a RIS está articulado apenas na microrregião norte do estado, enquanto nas outras regiões tem dificuldades no processo de articulação. Na região norte do Ceará, desde a década de 1990 existe uma articulação das casas de sementes organizada pela RIS, denominada RIS da Microrregião Norte. Atualmente

a RIS da Microrregião Norte é formado por 29 comunidades com casas de sementes presentes em sete municípios e tem um total de 750 sócios. Essa RIS é apoiada e assessorada pelos Sindicatos de Sobral, Forquilha, Massapê, Santana do Acaraú, Instituto Carnaúba, Centro de Capacitação e Consultoria Técnica - CAPACIT e Cáritas Diocesana de Sobral. Tem uma coordenação microrregional e em cada município uma coordenação local.

Na Zona Norte a instituição Cáritas é quem está á frente no acompanhamento das casas. Anualmente a RIS se reúne três vezes, uma para planejamento das ações do ano, a segunda para estudo e festejar a festa da colheita. A manutenção das casas de sementes articuladas pela RIS nas comunidades tem como objetivo: manter o espírito de organização comunitária e o compromisso dos moradores/as das comunidades e associados a cuidarem da casa de sementes, garantir que camponeses (as) vão dispor de sementes de boa qualidade, preservar e resgatar as sementes crioulas, garantir a segurança alimentar das comunidades, além do fortalecimento dos laços de amizade e a organização dos grupos.

Figura 5 Reunião da RIS na comunidade de Meruoquinha em Massapê.



Foto: Erivan Silva, 2012.

Além da RIS-CE existe algumas instituições não governamentais (ONG's) e governamentais que desenvolvem projetos com resgate de sementes tradicionais.

Segundo Frapa (1995) as ONGs desenvolveram, na década de 60 e 70, o papel de mediadores dos movimentos sociais e de apoio às causas populares, no sentido da luta pela democratização da sociedade brasileira. O papel político dos mediadores variava de acordo com as necessidades dos movimentos e as conjunturas políticas específicas. Estes agentes foram fundamentais para a qualificação dos conflitos sociais neste período.

Dentre estas instituições que vem atuando no fortalecimento do campesinato e com projetos na perspectiva agroecológica destacamos os seguintes mediadores: Cáritas, CPT (Comissão Pastora da Terra), Centro de Pesquisa e Acessoria (Esplar) e Agricultura familiar e Agroecologia (AS-PTA). A Cáritas Brasileira é uma entidade de promoção e atuação social que trabalha na defesa dos direitos humanos, da segurança alimentar e do desenvolvimento sustentável solidário. Sua atuação é junto aos camponeses em defesa da vida e na participação da construção solidária de uma sociedade justa, igualitária e plural. A Cáritas vem trabalhando no projeto "sementes da solidariedade." Esse projeto teve início no ano de 2005 e tem como principal objetivo a construção de um novo paradigma de convivência e de sustentabilidade no semiárido nordestino, visando à autossuficiência no abastecimento de sementes de espécies importantes para agricultura local. O projeto estimulou a abertura de casas de sementes nos municípios de Itapipoca, Limoeiro do Norte, Sobral, Crateús, Iguatu, Crato e Tianguá. (CÁRITAS, 2006).

Outra instituição que trabalha com o resgate de sementes crioulas no estado é a Comissão Pastoral da Terra (CPT). Essa instituição nasceu em junho de 1975, durante o Encontro de Pastoral da Amazônia, convocado pela Conferencia Nacional dos Bispos (CNBB) realizado em Goiás. Ao longo de sua história tem defendido e implementado junto às famílias residentes no semiárido experiências e tecnologias apropriadas ao meio, na perspectiva de promover o protagonismo, a autonomia e a sustentabilidade das mesmas.

O ESPLAR é uma organização não governamental, sem fins lucrativos, fundada em 1974, com sede no município de Fortaleza. Atua diretamente em municípios do semiárido cearense, desenvolvendo atividades voltadas para a agroecologia prestando serviços para o fortalecimento e crescimento da agricultura familiar. O ESPLAR atua no projeto intitulado: "Desenvolvimento, sementes e cidadania". Com o objetivo de desenvolver, avaliar e difundir sistemas agrícolas em bases agroecológicas que contribuam para a geração de renda das famílias. O projeto apoia famílias camponesas no município de Tauá, na condução de consórcios agroecológicos, cujas principais culturas são: algodão, milho, feijão, gergelim,

leucena, guandu, nim e as espécies arbóreas. Nesses consórcios tem sido viabilizada a produção do algodão em bases orgânicas. O Esplar atua também no projeto "Casas de sementes: fortalecimento da agricultura familiar". O projeto beneficia famílias camponesas associadas à Rede de Intercâmbio de Sementes do Ceará.

A AS-PTA – Agricultura Familiar e Agroecologia é uma associação de direito civil sem fins lucrativos que, desde 1983, atua para o fortalecimento da agricultura familiar e a promoção do desenvolvimento rural sustentável no Brasil. A experiência acumulada pela entidade ao longo desses anos permitiu comprovar a contribuição do enfoque agroecológico para o enfrentamento dos grandes desafios da sustentabilidade agrícola pelas famílias agricultoras. A AS-PTA participou da constituição e atua em diversas redes da sociedade civil voltadas para a promoção do desenvolvimento rural sustentável. Ao mesmo tempo em que constituem espaços de aprendizado coletivo, essas redes proporcionam ações articuladas de organizações e movimentos da sociedade para influenciar elaboração, implantação e monitoramento de políticas públicas.

### **CAPITULO III Colhendo os Frutos do Trabalho.**

#### **I. Colhendo as histórias das casas de sementes da Zona Norte do Estado.**

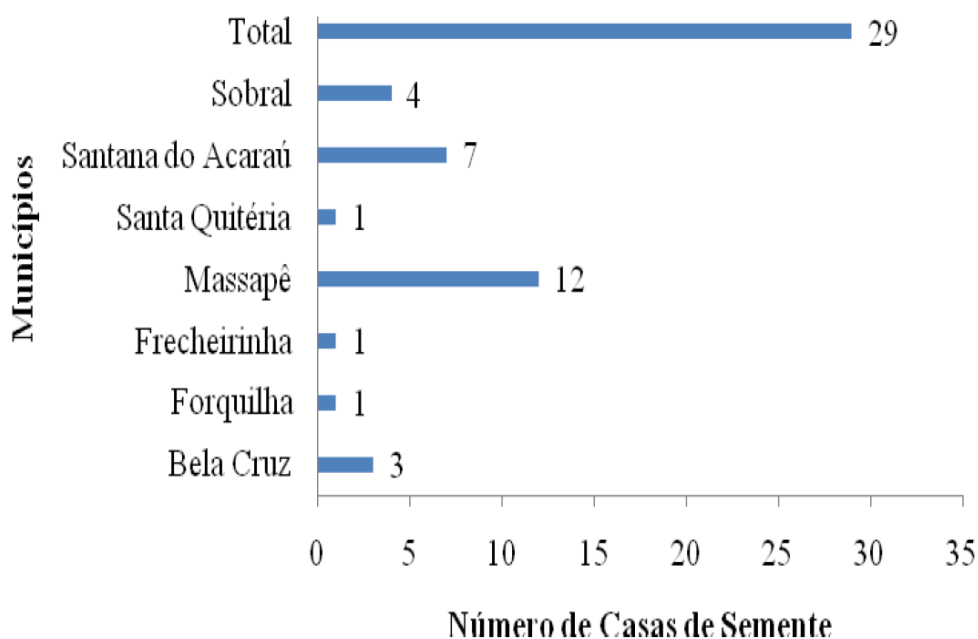
*O trabalho no plantio é duro, o cultivo é cansativo,  
mas a colheita é sempre festiva.  
(Juarez Alves)*

Desde 1980 a Cáritas Diocesana de Sobral atua na Zona Norte do Estado trabalhando com projetos voltados para as casas de sementes. O trabalho com as casas de sementes começou aproximadamente no ano 1993 quando a Cáritas trabalhou projetos de roçados comunitários, hortas familiares, etc. Nesse ano já existia em outros municípios do Ceará animado pelo ESPLAR e Movimento de Educação de Base (MEB) as casas de sementes. Assim, como estratégia de reforçar o trabalho comunitário e preservação das sementes crioulas a Cáritas começa a incentivar a criação das primeiras casas de sementes. Em 2011 na Zona Norte do Estado do Ceará, existem cerca de 29 casas de sementes comunitárias, sendo que Massapê possuem 12 ou 41% seguido por Santana do Acaraú, com 7 equivale a 24% (Ver figura 6).

Esse grande número de casas se deve ao fato do maior envolvimento das lideranças comunitárias e ao apoio dos Sindicatos dos Trabalhadores Rurais dos municípios. Convém destacar que Santana do Acaraú é um dos lugares pioneiros nesse tipo de

organização. Assim como em Massapê, o apoio do sindicato de trabalhadores rurais foi decisivo para o sucesso da implantação destas casas no município. De acordo com Vasconcelos (2011) o município de Massapê apresenta 12 casas de sementes trabalhando 180 homens e 171 mulheres. No ano de 2013 foram inauguradas mais duas casas de sementes em comunidades distintas.

Figura 06 - Número de casas de sementes levantadas em sete municípios da região Norte do Estado do Ceará.



Fonte: Vasconcelos 2011.

No município de Massapê existem atualmente 12 casas de sementes somando 180 homens e 171 mulheres totalizando 351 pessoas. Atualmente foi aberta mais uma casa de sementes com incentivo da Cáritas e do STTR de Massapê na comunidade de Remédios. Com relação à construção das casas de sementes do município de Massapê a Cáritas Regional de Sobral está presente em 50%, seguida pelas associações comunitárias 41% (Ver quadro 2). Embora não tenha participado na elaboração dos projetos para construção das casas o STTR de Massapê apoia e incentiva todas as casas de sementes.

Convém destacar que o município vem sendo contemplado com alguns projetos alternativos de produção para a família camponesa, dentre eles destacam-se: os quintais produtivos, agroflorestas, hortas comunitárias, construção de cisternas de placas, produção, barragens subterrâneas, barreiro trincheiro, bomba d'água popular.

Quadro 2 Comunidades/Assentamentos que apresentam casas de sementes em Massapê e a instituição ou grupos que promoveu a abertura.

COMUNIDADES/ASSENTAMENTOS	CONSTRUÇÃO DAS CASAS DE SEMENTES
Mumbaba	Cáritas
Riacho Fundo	Cáritas
Morgado	Associação
Jatobá	Cáritas
Meruoquinha	Cáritas
Pé da Serra das Contendas	Associação
Bandeira Branca	Grupo de mulheres
Morro Vermelho	Cáritas
Cacimba Velha	Associação
Pau Branco	Associação
Santo Amaro	Cáritas
Padre Linhares	Associação

Fonte: Vasconcelos 2011.

Cada projeto tem como princípio básico o processo de formação popular e com objetivo de garantir a autonomia das famílias beneficiadas. A Cáritas Diocesana de Sobral vem trabalhando juntamente com o STTR's prestando acompanhamento e assistência técnica junto a esses sócios. Segundo o técnico da Cáritas a criação da RIS vem contribuindo para animar e reunir os sócios e coordenadores das casas de sementes.

A Cáritas com o apoio do ESPLAR animou a criação da RIS no Ceará, animou também a criação do mesmo na Região Norte, sendo a Cáritas a referência em relação à articulação de outras instituições que contribuem nos processos de mobilizações. Mas, na verdade a RIS são todas as comunidades que já tem a experiência ou ainda está começando a organização de sua casa de sementes. As instituições apenas animam a RIS a se tornar cada vez mais uma rede que reúne os camponeses/as em torno da discussão da preservação da biodiversidade local e ao mesmo tempo contribui com a reflexão da Agroecologia junto aos mesmos/as. (Técnico da Cáritas, 36 anos).

As casas de sementes do município de Massapê também trabalham na realização da Festa da Colheita. No município de Massapê anualmente acontece uma festa tradicional denominada "Festa da Colheita". Essa festa acontece geralmente no mês de junho e tem uma importante relação com os sócios das casas de sementes. Os associados organizam e fortalecem a organização anualmente do evento. A celebração da colheita ensina na prática a



confraternizar entre os iguais, a repartir com todos e todos os frutos da terra e também a agradecer ao Deus da vida pelas colheitas nas roças sertanejas. A festa tem como um dos objetivos resgatar e enaltecer os valores da agricultura camponesa que constroem a identidade cultural dos camponeses familiares, bem como resgate das sementes crioulas e da vida em comunidade.

A Festa da Colheita já faz parte do calendário de eventos do município. No mês de junho anualmente as comunidades celebraram a festa da colheita, se organizando de forma articulada incluindo todas as pessoas que tiram seu sustento da roça que cultivou. A festa acontece juntamente com as comemorações das festas juninas no município. A celebração é o momento em que, por meio dos frutos do trabalho do homem e da mulher, mesmo em ano de seca, festejam a colheita do ano. Nesse encontro as pessoas a refletem sobre as dificuldades e dialogam sobre as histórias das comunidades. É durante esta celebração que os camponeses (as) selecionam e destinam os melhores produtos colhidos durante o ano, para que sejam levados ao altar do templo religioso e ali ofertados a Deus como retribuição pela colheita abençoada por ele naquele ano. Mesmo quando a colheita não é boa, em razão de alguma intempérie por longos períodos de estiagem a festa não deixa de ser celebrada e acaba sendo um momento de oferecer a Deus e aguardar a dádiva da boa colheita para o ano seguinte.

Cada comunidade traz comida para partilhar e sementes para fazer a troca entre si. Em um ambiente organizado pelas comunidades e simbolizado com produtos da roça, enfeitado com bandeirolas, fogueira, sementes crioulas, produtos da medicina alternativa, comidas típicas e muita alegria. A festa geralmente tem início com a celebração da colheita onde as famílias camponesas contam histórias, dão depoimentos de resistência da luta pela terra e todas/os e cantam cantigas de agradecimentos a Deus pela boa safra.

No ano de 2011 juntamente com a festa da colheita foi realizada a reunião da RIS com as comunidades da zona norte do estado. O Assentamento Pé de Serra das Contendas acolheu as 18 comunidades de seis municípios. A atividade foi vivenciada com muita alegria ao som de pandeiro, bumba, violão e um ambiente festivo, bem característico das festas juninas. A mística de abertura fez um agradecimento à mãe terra e de memória da luta para conquistá-la. Com o intuito de conhecer melhor as organizações de casas de sementes, num primeiro momento foi trabalhado um diagnóstico, onde foram discutidas e enumeradas informações importantes para a formatação de um plano de ação para cada unidade e principalmente com o objetivo de construir um mapeamento de dados para a Rede de Intercambio de Sementes. Num segundo momento, foram trabalhados os modelos de



agriculturas enfocando a Agroecologia e os principais manejos adequados para uma produção sustentável. As celebrações continuaram até a noite com várias comidas típica e também uma variedade de 25 espécies de sementes crioulas para trocaram entre si. Com espírito alegre, num ambiente sertanejo, aconteceu uma grande celebração religiosa, depoimentos, fogueira de São João, músicas e instrumentos que embalaram e vibraram todas/os presentes.

A festa da colheita de 2012 foi realizada na casa de sementes no bairro Bandeira Branca. Tunilda é quem coordena a Casa de Sementes. A casa de sementes conta com 30 pessoas associada sendo a maioria representada por mulheres. Elas, por iniciativa própria, montaram um roçado comunitário, em um terreno particular administrado e cultivado somente por elas. A festa contou com a presença das comunidades da região celebrando e pedindo para que a próxima safra seja mais farta, em decorrência de um ano de estiagem na região.

A celebração de 2013 aconteceu no STTR de Massapê juntamente com a festa de comemoração dos 47 anos do sindicato. A celebração durou o dia inteiro e contou com um ciclo de palestras com importantes temáticas sobre as casas de sementes. Nas palestras foi dialogada a importância que cada casa de sementes tem no resgate das sementes crioulas no fortalecimento da agricultura familiar, no resgate da cultura local e do valor da partilha e troca.

Figura 6 Fotos da Festa da Colheita no Assentamento Pé da Serra



Foto: Cáritas, 2011.

Após o ciclo de palestras ministradas para os representantes das doze casas de sementes do município foi realizada a missa na igreja matriz para celebrar a boa safra. Na mesma semana foi realizada a Festa da Colheita juntamente com a inauguração da casa de sementes na comunidade de Jatobá juntamente com os moradores da comunidade. Foram

realizadas místicas, troca de sementes, muita comida e músicas para comemoração de uma das datas mais importantes para os camponeses (as).

A Festa Camponesa da Colheita evidencia que os camponeses podem cuidar de si próprios e de que não precisam de tutelas, nem das grandes empresas nacionais e as multinacionais nem dos governos. Mostra que existe outra racionalidade, lógica ou jeito de produzir diferente daquele dominante o da empresa capitalista, que tem como centralidade o lucro a ser obtido de qualquer maneira, ignorando o bem-estar e a felicidade das pessoas e do povo. (CARVALHO, 2003).

A festa da colheita rejunta o grupo e fortalece as casas de sementes, é importante a união do grupo e na festa todo mundo se junta, partilha é uma festa linda, conhecemos outras pessoas, trocamos ideias e experiências. O alimento da festa vem do roçado, que é feito com as sementes crioulas, sem elas não tem festa (Luisa, 34 anos).

Para a gente ter a festa da colheita depende da nossa semente para ter produção e colheita depois (João Batista, 34 anos).

A festa da colheita celebra o que a gente colheu (Francisca Silva, 29, Morro Vermelho).

Através desses depoimentos é possível perceber que os frutos da Festa da Colheita vão além daqueles que proporcionam nossa alimentação, mas estimulam a reconstrução de uma nova história, eis alguns exemplos colhidos das festas: o resgate vivo da cultura camponesa, os mutirões realizados nas comunidades entre mulheres, homens crianças e jovens, incentivo para consumo de produtos com qualidades da colheita local, trouxe a cozinha sertaneja e suas comidas típicas para o presente, as festas foram preparadas pela comunidade e não para a comunidade, o agradecimento coletivo ao Deus da vida pela boa colheita, um despertar para preservação da biodiversidade local e organização das casas de sementes, continuidade da luta pela terra, praticar agricultura agroecológica para se praticar o bem viver e uma grande motivação para homens e mulheres do semiárido continuar a busca pela convivência harmoniosa como nossa terra. Como diz a cantiga popular “A festa boa é na base da união, é a festa da colheita que deu em nosso sertão” é assim que muita gente está se sentindo e lutando cada vez mais para que o semiárido sertanejo seja sempre um lugar de gente feliz. Assim as "Sementes da Vida é Festa Garantida".

No município de Massapê foram colhidas histórias de quatro casas de sementes. A primeira comunidade é Morro Vermelho que está localizada 40 km de Sobral e 15 km da sede do município de Massapê. Essa comunidade tem aproximadamente 80 anos de existência sendo a maioria das pessoas de uma família. O nome da comunidade tem origem devido o solo ser um pouco avermelhado. Os moradores mais velhos contam que antigamente eles

pagavam renda ao patrão para permanecer nas terras. Com o passar dos anos eles foram deixando de pagar a renda. As terras eram uma herança de uma família de Santana do Acaraú que fez a doação para as famílias da comunidade com a Escritura Pública no total de 356 hectares. As famílias consideravam que já eram donas das terras por direito, pois há anos moravam e viviam do trabalho nessas terras. As terras pertencem hoje à associação onde todos/as são sócios/as. Em relação à infraestrutura da comunidade é possível observar que 50% das casas são de taipa, ou seja, construídas de madeira com barro, e somente 02 possuem banheiro com fossa, o que é extremamente preocupante do ponto de vista ambiental e saúde das famílias, pois fazem suas necessidades fisiológicas a céu aberto contaminando o ambiente e lençol freático e suas fontes de abastecimento d'água.

Morro Vermelho apresenta algumas técnicas de convivência com o semiárido, dentre elas existem: uma estrutura de água relevante com poços profundos, bomba popular, cisternas calçadão, barreira de trincheira, barragem subterrânea, açudes e cisternas de placas além de riachos que existem. A casa de sementes da comunidade surgiu da preocupação da comunidade em ter suas próprias sementes sem depender das sementes do governo. A coordenadora da casa conta que a vontade de ter suas próprias sementes surgiu devido a falta de chuva que dificulta a obtenção de sementes na comunidade. A partir de 1993 começou a estocagem de sementes na comunidade numa antiga casa de farinha. Em 2011 a comunidade foi beneficiada com o projeto da Cáritas para a construção definitiva do espaço denominada "Antônio Cunha do Nascimento".

Figura 7 Casa de sementes na comunidade de Morro Vermelho.



Fonte: Barbosa, 2014.

Vale ressaltar que as reuniões da comunidade acontecem dentro da casa de sementes, se tornando um espaço de interação e troca de saberes. A coordenadoria da casa de

sementes é composta por dois irmãos ocupando os cargos de tesouraria e de presidência. da associação sendo ambos sobrinhos da atual coordenadora da casa. Atualmente na casa existem 20 sócios.

Figura 8 Vista interna da casa de sementes na comunidade do Morro Vermelho.



Fonte: Barbosa, 2014.

De acordo com a figura percebemos a variedade de sementes que existe. Dentre as sementes existentes encontram-se: feijão de corda, milho do sabugo fino, sementes de gergelim, melancia, jerimum, urucum, aroeira. Ao lado da estante das sementes tem uma estante de livros onde a coordenadora guarda alguns livros que foram doados por instituições não governamentais.

A segunda história colhida é da casa de sementes situada no bairro de Massapê denominado Bandeira Branca situado na periferia de Massapê com uma população estimada de 782 habitantes, sendo composto por 51,41% de mulheres e 48,59% de homens (IBGE, 2010). Segundo os moradores esse nome foi dado por um antigo morador preocupado com a violência que antes sofria o bairro, com isso resolveu chamar de Bandeira Branca por ser um dos símbolos de paz. Para trazer mais leveza e tranquilidade para esse lugar, uma das moradoras chamada Tunilda, diretora do STTR participou de uma reunião em Fortaleza e lá ela conheceu a experiência dos coordenadores de casas de sementes de vários lugares. Entusiasmada com as experiências vivenciadas resolveu se reunir com a comunidade, principalmente, com as mulheres para abrir a casa no bairro. A casa atualmente não tem uma estrutura própria, por enquanto estão guardando as sementes dentro da casa da coordenadora



Tunilda. A não abertura da casa de sementes se deve ao fato de que ainda não conseguiram verba suficiente para começar a construção. De acordo, com uma moradora já foram realizados bingos para arrecadação do dinheiro, mais a quantidade arrecadada não foi suficiente para que fosse construída. Além da casa elas querem construir um sistema de mandalas com plantio de hortaliças, frutas e verduras. A casa denominada "Estevão do Nascimento" foi fundada oficialmente em dezembro de 2010 e conta atualmente com 55 sócios sendo composta por 72% homens e 68% mulheres. No bairro não existe uma associação, mas existe um salão comunitário onde se reúnem para discutir assuntos importantes sobre o bairro.

Figura 9 Casa de sementes do bairro Bandeira Branca.



Fonte: Henrique Ziegler, 2014.

Na casa de sementes da Bandeira Branca existem cinco coordenadores, a Tunilda, o Seu João, Lourenço, a Dona Lúcia e o Tarciso. Sendo a primeira coordenadora da casa e desempenha a função de reparação das garrafas e organização das reuniões, o segundo colabora no processo de seleção, a terceira desempenha trabalhos como reparação das garrafas pets e por ultimo desempenha a função de tesoureiro da casa. Os moradores guardam sementes de várias espécies, dentre elas: feijão, milho vermelho, feijão de corda, feijão moita, urucum, gergelim, cabaça, pepino, melancia, melão, feijão de corda, milho branco dentre

outras variedades. É importante ressaltar que na casa não entra nenhuma semente do governo. Na casa de sementes também existe um grupo de mulheres que se reúnem sempre para discutir assuntos do bairro.

A terceira história colhida é da casa de sementes situada no pequeno vilarejo denominado do Riacho Fundo que fica na subida da serra da Meruoca 6 km de Massapê totalizando uma área de aproximadamente 60 ha. De acordo com os moradores o nome Riacho Fundo surgiu devido passar um riacho no meio da comunidade. Quando chove esse riacho fica bem cheio e no seu entorno é onde a maioria dos moradores realiza a plantação. As terras, segundo moradores foram emprestadas por um senhor que mora em Fortaleza.

A comunidade conta com cerca de 60 famílias. Na comunidade a maioria das casas são de taipa e algumas de tijolo. O abastecimento de água é obtido através das cisternas de placas. Na comunidade existem algumas tecnologias de convivência com o semiárido dentre as quais: Barreira de trincheira, cisterna enxurrada, cisterna calçadão, tanque de pedra. Existe na comunidade uma escola para ensino fundamental.

A casa de sementes do vilarejo é denominada " Nossa Senhora Aparecida", fica localizada na casa de farinha da comunidade. A casa de farinha foi construída através do projeto São José financiada pela Secretária de Desenvolvimento Agrário (SDA) pelo Governo do Estado do Ceará. A coordenadoria da casa é realizada por Cosmo, camponês, que trabalha no sindicato, participa da coordenação regional da RIS, organiza e acompanha juntamente com a coordenadora da casa do bairro Bandeira Branca as casas de sementes do município. O segundo coordenador é Juraci que ocupa o cargo de zelador, a terceira é a Rita desempenhando a função de secretária, o quarto é Joãozinho que é responsável pela seleção das sementes e a última é a dona Zuíla participando da tarefa de limpeza.

A casa segundo Cosmo surgiu através de discussões dos moradores preocupados com a predominância das sementes do governo que alguns camponeses estavam utilizando. Isso fez com que as reuniões cada vez mais aumentassem e a proposta de guardarem sementes foi bem aceita pelos moradores. Conforme a figura, observamos os coordenadores da casa de sementes do Riacho Fundo. Vale ressaltar que a foto foi tirada pouco tempo depois deles já terem realizado a distribuição das sementes para as famílias camponesas, por isso que não está tão abastecida de sementes. As sementes presentes na casa são de milho, feijão, gergelim, xixá, mulungu, café preto, fava, cravo santo e jerimum.

Figura 10 Coordenadores da casa de sementes de Riacho Fundo.



Fonte: Barbosa, 2014.

A quarta historia colhida é da casa de sementes situada no Assentamento Contendas Boqueirão, antes já possuía o nome de Pé da Serra, e hoje, ainda é conhecido por este nome. A comunidade Pé da Serra está situada 9 km Município de Massapê. A Comunidade Pé da Serra foi fundada no ano de 1987. Mas, os primeiros habitantes chegaram nesta localidade por volta de 1911, vindos da serra da Meruoca, na esperança de uma vida melhor. Os motivos que os trouxeram a este local, foi à procura de terras férteis, pois segundo relatos os solos da região eram férteis e proporcionavam a agricultura e fruticultura. É importante ressaltar que nesta época, a propriedade Pé de Serra pertencia ao senhor Edmilson Marques, que era um fazendeiro local, filho de Massapê.

Em 1985 essas famílias camponesas enfrentaram um dos maiores conflitos em suas vidas. Tratava-se da opressão por parte do patrão que queria proibir a construção das casas. No entanto, a atitude mais injusta e cruel do patrão, foi colocar o gado dentro das plantações das famílias camponesas. Nesse mesmo período em que o grupo deu um passo à frente, o sertão cearense sofria uma seca devastadora. Foi mais um motivo para os camponeses darem início à luta pela conquista das terras da comunidade Pé da Serra. O proprietário das terras, Plínio Carneiro Liberato, entra em conflito com os moradores, colocando todo o seu gado nas plantações, destruindo-as por completo. O proprietário estava desesperado, não sabia onde colocar o gado, pois a seca já estava muito forte e a única alternativa que restava era transportar seu gado para os roçados dos camponeses. Assim os

roçados foram invadidos por 600 ou mais cabeças de gado, causando muitos estragos. Injustiçados com os acontecimentos as famílias camponesas reivindicaram seus direitos ao STTR de Massapê pedindo indenização e a retirada do gado da propriedade.

Em 1987, no dia 18 de novembro, aconteceu a primeira reunião do grupo de jovens da comunidade, com o objetivo de promover a integração social da comunidade. A partir deste grupo foi também formada a delegacia sindical, onde os camponeses reuniram-se para discutir seus direitos e deveres dentro do movimento sindical. O Sindicato marca uma reunião com os trabalhadores e o proprietário buscando a resolução do tal problema. Mas o proprietário resolveu não pagar a indenização e nem responsabilizar-se por nenhum outro dano, ficando os moradores indignados com esta atitude.

Então, as famílias resolveram procurar apoio em outras entidades a fim de ficarem mais fortalecidas. As entidades solicitadas foram: CEB's (Comunidades Eclesiais de Bases), Cáritas, Pastoral da Juventude e CEAT (Centro de apoio ao Trabalhador), como também o apoio do advogado do PT, Clodoveu Arruda e do Deputado Estadual do PT, João Alfredo. Dentre as diversas reivindicações apontadas pelas famílias, estava o fim do voto de cabresto e a renda da terra, que era três por uma (de cada três fileiras plantadas, uma era do patrão).

O conflito durou até maio de 1989. Vale ressaltar que nesta época residiam cerca de 80 famílias, sendo que destas, 45 nasceram e se criaram no lugar e as outras vieram do Município de Meruoca. Mesmo assim, estas últimas também lutaram pela conquista da terra. Depois de tantas lutas e reivindicações, vem o triunfo final, a conquista da terra, que foi desapropriada pelo INCRA (Instituto de Colonização e Reforma Agrária), no dia 20 de fevereiro de 1989, recebendo a emissão de posse no dia 03 de fevereiro de 1993. (INCRA, 2005)

O assentamento hoje abriga 140 famílias, sendo que 60 são assentadas e 80 agregadas. As famílias agregadas são filhas de assentados que se casaram e que, de certa forma, vieram contribuir no desenvolvimento do assentamento, participando do trabalho coletivo e todos os outros momentos da comunidade. É importante lembrar que o assentamento não tem capacidade de abrigar todas as novas famílias que estão se constituindo ou que irão se constituir, porque o espaço geográfico do assentamento só é capaz de abrigar as famílias já existentes.

Nesse assentamento existe a casa de sementes " Regino Clarindo da Silva" fundada em 2009, esse nome em homenagem ao avô da coordenadora da casa. A coordenadora chamada de Neuma foi quem teve a iniciativa de abrir a casa no assentamento,



ela conta que visitou algumas experiências em outros municípios para conhecer mais sobre o assunto e entusiasmada resolveu marcar uma reunião com os assentados e lançou a proposta onde todos aceitaram.

Figura 11 Vista interna da casa de sementes crioulas do Assentamento Pé da Serra



Fonte: Barbosa, 2013.

Atualmente a casa conta com 20 sócios (as) sendo 13 mulheres e 7 homens assentados. A coordenadora conta que desempenha todas as funções da casa do assentamento, pois segundo ela as pessoas não estão querendo esse compromisso por ser uma atividade voluntária. Para ela é uma atividade que tem o dever de fazer, como conta em seu relato;

As pessoas não querem o compromisso por ser voluntário, o povo quer é dinheiro, mais eu estou aqui por que acredito nisso, e acho importante guardar as nossas sementes, quero ver quando não tivermos mais essas sementes como iremos fazer, mais enquanto ninguém quiser me ajudar na coordenação eu me sinto que é meu dever. (Coordenadora, 52 anos)

## II. Conhecendo os/as Guardiões/as das Sementes Crioulas

Apoiada nos princípios da pesquisa participante em Freire (1992) e Brandão (1998; 2001) entre outros convidamos coordenadores/as das casas de sementes comunitárias, e sócios para participar do projeto. As lideranças foram escolhidas para serem entrevistadas em função de critérios como: ser sócio; coordenador da casa de sementes, de preferência que participassem de movimentos sociais e grupos de trabalhos; técnicos da Cáritas e o Secretário de Desenvolvimento Agrário de Massapê. Esses camponeses foram indicados em reuniões com grupos focais com o sindicato dos trabalhadores rurais de Massapê, Cáritas e pelos próprios camponeses (as). Os entrevistados eram compostos por 8 mulheres e 4 homens.

Tivemos a preocupação de colocar pessoas com faixa etária de 20 a 50 anos para trabalharmos inclusão tanto de jovens como também de pessoas mais idosas que participavam das casas de sementes.

Figura 12 Participação dos camponeses nas entrevistas.



Fonte: Arquivo Pessoal.

Destacamos também nessa pesquisa a inclusão das mulheres como sujeitos políticos, que se mobilizam através de grupos e articulações e organizam campanhas, experiências produtivas para fazerem aparecer o ponto de vista dessas mulheres em relação às sementes crioulas, dentre outras questões. Segundo Karam (2004), é importante a inclusão e a participação desses sujeitos dentro das pesquisas sociais. Com as entrevistas realizadas foi possível traçar algumas características das famílias camponesas (Ver quadro 3).

A primeira característica é a multifuncionalidade desses camponeses (as) e especialmente pelas mulheres. Compreendendo que esta pesquisa se estabelece em três comunidades e um assentamento com contextos diferentes, existe uma diversidade muito grande de tarefas desenvolvidas. Para compreensão de quem são os sujeitos que criam as paisagens e o espaço rural como um espaço de vida e como tal, múltiplo em seus modos e ser e de viver, sendo importante a ampliação do olhar sobre o campo e a figura do camponês.

Não há uma identidade homogênea, porém no Assentamento, logo pensar em um Assentamento não deve se resumir a idealizar o homem do campo, trabalhador rural, da terra. Por ser um espaço que possibilita a reprodução social e a multiplicidade de ser e de viver

contempla também outros sujeitos, artesãs e artesões rurais, pescadores artesanais e, por que não, sujeitos sociais que se identificam para além de uma categoria. (ESMERALDO 2007). Há, porém, realidades que acabam não sendo de fato cobertas, como nas presentes comunidades e assentamentos pesquisados, onde os sujeitos se inscrevem na sociedade de forma plural assumindo os dois papéis, duas funções e se identificando a partir deles.

Eu me viro nos 30, Sou coordenadora da casa, dona de casa, trabalho também ajudando na igreja participando, pois quero saber das informações da comunidade, tudo que acontece aqui eu quero saber, eu organizo o reisado da comunidade, eu fui para um encontro agora e já pensou se eu não tivesse informada da comunidade. Tem ainda também as quadrilhas, só que esse ano não teve, tem também os carnaval que me envolvo. O que for da comunidade eu tenho que saber. (Coordenadora, 52 anos).

No âmbito da percepção de que o campo é pluridentitário pela diversidade dos modos de vida que o constrói nasce então necessidade de (re) conhecê-lo. É importante ressaltar que esses camponeses sentem uma alegria e satisfação muito grande ao falarem que desempenham muitas atividades e se sentem bem por viver dessa forma. É interessante notar que a maioria dos entrevistados afirmam que desempenham várias atividades, o " ser sócio" é outra atividade que desempenham em suas comunidades. Os entrevistados também consideram muito importantes ser sócio da casa, pois além de exercerem essa atividade camponesa, ser sócio da casa comprova também junto ao INSS tal atividade. Pois, com o recibo da casa e carimbo que o STTR doou para todas as casas de sementes do município, os camponeses podem receber a aposentadoria, dentre outros benefícios.

Ser sócia é importante para tanta coisa, pra comprovar que a gente é camponesa, que a gente é independente, incentivar outras pessoas, a gente aprende muita coisa, as visitas que a gente faz nas outras comunidades, as trocas. (Maria Liduina, 52 anos).

A multifuncionalidade de acordo com Carneiro e Maluf (2003) é um conceito que rompe com o enfoque setorial e amplia o campo das funções sociais atribuídas á agricultura, que deixa se der entendida apenas como produtora de bens agrícolas. Ela se torna responsável pela conservação dos recursos naturais (água, solo, biodiversidade), do patrimônio natural (paisagens) e pela qualidade dos alimentos. Os/as camponeses (as) além de desenvolverem outras atividades para o sustento da família contribuem também na multiplicação de variedades crioulas garantindo também cuidado com o meio natural.

Quadro 3 Informações gerais sobre os entrevistados.

<b>NOME</b>	<b>COMUNIDADE ASSENTAMENTO QUE RESIDE</b>	<b>OCUPAÇÃO</b>	<b>IDADE/ESTADO CIVIL/FILHOS</b>	<b>VINCULO COM MOVIMENTOS SOCIAIS</b>
Francisca Silva	Morro Vermelho	Trabalha na empresa Grendene, coordenadora da casa de sementes e Agricultora.	29, casada, não tem filhos.	Grito da Terra, Marcha das Margaridas, Romária da Terra e Marcha Mundial das Mulheres.
Renato Cunha	Morro Vermelho	Sócio da casa e Agricultor	67, casado, 8 filhos	
Antonia Rosiane	Morro Vermelho	Artesã, sócia da casa e Agricultora.	26, solteira, 1 filho	Encontro de mulheres agroecológicas (ESPLAR), grupo de mulheres da comunidade, sindicato, Romária da Terra.
Luisa Batista	Bandeira Branca	Sócia da casa e Agricultora.	34, casada, 3 filhos	Romária da Terra, Grupo de mulheres do bairro.
Tunilda	Bandeira Branca	Coordenadora da casa, diretora do Sindicato Local e Agricultora.	48, casada, 3 filhas	Romaria da Terra, Marcha das Margaridas, Coordenadora do grupo de mulheres do bairro, MST, participação em congressos e eventos sociais.
Maria Gorete	Bandeira Branca	Sócia da casa e Agricultora	52, casada, 4 filhos	Grupo de mulheres do bairro.
Maria de Jesus	Riacho Fundo	Sócia da casa e Agricultora	58, casada, 6 filhos	Romaria da Terra.
João Batista	Riacho Fundo	Prestação de serviços, sócio da casa e Agricultor	45, casado, 1 filho	MST, Cooperativa Rural do Massapê.
Cosmos	Riacho Fundo	Diretor do sindicato dos trabalhadores de Massapê, coordenador da casa de sementes e Agricultor.	47, casado, 6 filhos	MST, congressos, Grito dos Excluídos, Romaria da Terra, participação em cursos e eventos sociais.
Maria Liduina	Pé da Serra	Assentada, sócia e Agricultora.	52, casada, 2 filhos	Marcha das Margaridas, MST, Romaria da Terra
Francisco Dias	Pé da Serra	Assentado e Agricultor.	55, casado, 7 filhos	
Neuma	Pé da Serra	Assentada, coordenadora da casa de sementes, organizadora de eventos do assentamento, artesã e Agricultora.	52, casada, 3 filhos	MST, Romaria da Terra, Marcha das Margaridas, Marcha Mundial das Mulheres, grupo de mulheres, participação em congressos e eventos.

Fonte: Pesquisa direta da autora entre os meses de dezembro de 2013 e janeiro de 2014, como parte dessa dissertação.

As vozes anunciadas revelam as relações de identidade como modos de vida, com a existência destes sujeitos a partir das interações com a natureza tornando possível e necessário o reconhecimento de suas múltiplas atividades. Baseado em tudo isso é possível perceber que a casa de sementes contribuiu até nesse aspecto de reconhecimento e firmamento da identidade camponesa e a multifuncionalidade como algo intrínseco ao ser camponês.

Em relação à renda dos entrevistados foi possível observar que os sócios para manter financeiramente a família aderiram à pluratividade como: diretor (a) do Sindicato Local, prestação de serviço, venda de produtos agrícolas, artesanato e utilização de direitos como: aposentadoria, seguro safra e bolsa família. Mais eles garantem que a venda de produtos agrícolas e prestação de serviços é muito instável e que o dinheiro que ganham não dá para suprir todas as necessidades da família. A renda das famílias varia, só é fixa a de quem tem um trabalho fixo (três entrevistados) que trabalham na Greendene e Sindicato local onde recebem um salário e existem dois entrevistados que sustentam a família com a bolsa família no valor de (R\$120,00). Identificamos que 80% dos entrevistados sobrevivem com auxílio do seguro safra e bolsa família. A produtividade geralmente é para o auto-consumo da família, onde Gazolla (2004, p.30) afirma:

A produção para autoconsumo compreende todo o tipo de produção, bens, ferramentas de trabalho A produção para autoconsumo compreende todo o tipo de produção, bens, ferramentas de trabalho ou outros produtos que são gerados no interior da unidade familiar e utilizados pelos seus membros para suprir as suas necessidades (Gazolla: 2004 p.45).

Essas são características da produção familiar brasileira, os camponeses (as) procuram diferentes atividades para complementar a renda familiar e querem mesmo assim permanecer no seu local de origem. Essa informação concorda com o depoimento de uma das entrevistadas onde relata:

Eu trabalho na Greendene mais eu não gosto, só estou lá por que tenho uma filha para criar, mais minha vontade é ficar aqui, gosto mais de ficar no campo, eu to quase pra pedir as contas (Coordenadora, 29 anos).

"Acho mais tranquilo trabalhar na roça fico mais tranquilo e tenho liberdade, não tenho patrão (Sócio, 45 anos).

Quando indagados sobre o que é ser camponês (a) era possível perceber que a vontade de trabalhar no campo é mais gratificante do que ter trabalho assalariado, contudo foram apontadas algumas dificuldades como: acesso ao crédito, períodos de estiagem, falta de assistência técnica por parte do governo que vem gerando desmotivação nos camponeses (as).

Em relação à organização e lideranças nos movimentos sociais o município de Massapê é conhecido pela Cáritas, dentre outras Ong's pelo o STTR ser bem atuante. Segundo o técnico da Cáritas na Zona Norte do Estado do Ceará todas as casas de sementes do município são pertencentes a RIS (Rede de Intercambio de Sementes).

Massapê é bem organizado, pois tem um sindicato local mais incisivo, em relação á articulação das casas de sementes o município mais ativo, eles se reúnem mensalmente é por isso que conta com o maior número de casa de sementes, pois são muito organizados, estão sempre participando de reuniões e as mulheres são conhecidas lá por estarem presentes em vários trabalhos (Técnico da Cáritas, 33 anos).

A organização social leva à dimensão política da sustentabilidade, insere camponeses (as) isolados na condição de sujeitos de transformação da sociedade e lhes garantem poder de barganha política e econômica (CAPORAL & COSTABEBER 2002, 2005). Porém, esta organização não é rápida e nem fácil, porque as relações sociais são sempre conflituosas e estão em constante processo de mudança. Em relação ao estágio da organização social todas as comunidades apresentam uma associação, com exceção do bairro Bandeira Branca, onde as reuniões acontecem no salão comunitário do bairro. Nas demais comunidades e assentamentos as casas de sementes funcionam no mesmo local onde fica a casa de sementes. Sobre a frequência de reuniões com os/as sócios (as)

De acordo com a pesquisa foi possível observar que o bairro Bandeira Branca tem sido a casa de sementes que vem se destacando nesse quesito, aonde vem sendo realizado pelo menos dois encontros mensais com os sócios (as) das casas de sementes no salão comunitário do bairro ou no terreiro na frente da casa da coordenadora. Segundo a coordenadora eles se organizam como se fosse uma associação. As outras comunidades e o assentamento vêm se reunindo pelo menos uma vez por mês em associações e nas casas de sementes. Segundo uma sócia a casa de sementes trouxe muitos benefícios como: fortalecimento dos vínculos, organização das comunidades, aumento na frequência de reuniões, sobre esse fato assim se expressam alguns sócios das casas de sementes:

As pessoas começaram a se unir mais, a procurarem mais, se informar, melhorou muito aqui nossos contatos (Sócia, 26 anos).



Somos nós mulheres com nossos maridos que seleciona as sementes até nisso melhorou, pois agora a gente sente mais respeitada, mais valorizada e a gente se reúne mais (Assentada, 52 anos)

A organização das mulheres na nossa casa mudou 100%, pois agora estamos visitando outras casas e isso fortalece a gente cada vez mais (Coordenadora, 48 anos).

Outro ponto considerado como critério organizativo dentro das casas de sementes é utilização de fichas de sócios e comprovante de empréstimos e devoluções. Essas fichas tem um importante papel para cadastrar os sócios e trazer informações como: endereço, documentação, tamanho do terreno que utilizam para o plantio.

Atualmente as casas de sementes estão utilizando uma ficha de sócio mais simples, sem foto com informações mais gerais sobre o associado (a). Porém através da RIS será utilizada uma nova ficha que contém mais informações, bem como, local para foto (Ver figura 14).

Já as fichas de comprovante de empréstimo e devolução servem para controlar a quantidade de semente recebida e a quantidade devolvida. Em todas as casas estudadas os sócios devolvem a quantidade recebida com acréscimo de 25%. Para os coordenadores esse acréscimo é importante para manter a casa sempre abastecida de sementes e para promover a troca das sementes com vizinhos e outras regiões do município e Estado. As fichas de sócios e comprovantes de empréstimos e devolução fornecem informações bastante importantes para manter a organização da casa de semente. Outro critério da organização na casa de semente são as formas de armazenamento das sementes. Segundo Cordeiro (1993) as condições de armazenamento são muito importantes para a garantia da qualidade das sementes.

Figura 13 Nova ficha que será utilizada para controle dos sócios (as) das casas de sementes.

**Casa de Sementes: Caminhos para a autonomia**

**CASA DE SEMENTES**

Entrada: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ Nº. da Mat.: \_\_\_\_\_

Sócio(a): \_\_\_\_\_

Pai: \_\_\_\_\_

Mãe: \_\_\_\_\_

Instrução: \_\_\_\_\_ Estado Civil: \_\_\_\_\_

Lugar onde Nasceu: \_\_\_\_\_ Estado: \_\_\_\_\_

Município: \_\_\_\_\_ Residência Domiciliar: \_\_\_\_\_

Tipo de Trabalho: \_\_\_\_\_ O que Planta: \_\_\_\_\_

Cultiva qtos. Hectares: \_\_\_\_\_ Guarda Cereais: \_\_\_\_\_ Em que: \_\_\_\_\_

Destino da Produção: \_\_\_\_\_ Lugar onde Trabalha: \_\_\_\_\_

Tempo de Profissão: \_\_\_\_\_ Produz em Regime e Economia Familiar? \_\_\_\_\_

Com quem? \_\_\_\_\_

**DOCUMENTAÇÃO**

Carteira Profissional Nº: \_\_\_\_\_ Série: \_\_\_\_\_ RG Nº.: \_\_\_\_\_ Org. Exp.: \_\_\_\_\_

CPF: \_\_\_\_\_ Reservista: \_\_\_\_\_

Título de Eleitor Nº.: \_\_\_\_\_ Zona: \_\_\_\_\_ Seção: \_\_\_\_\_

Conjuge: \_\_\_\_\_ É associado: ( ) Sim ( ) Não

Assinatura do(a) Sócio(a) \_\_\_\_\_ Assinatura do Representante Legal \_\_\_\_\_

Fonte: Barbosa, 2014.

A capacidade de tempo de germinação das sementes depende de suas características genéticas em interação com as condições ambientais. Como as sementes são organismos vivos, sua atividade de respiração continua após a colheita, provocando uma série de reações químicas que podem afetar a sua conservação. Em todas as casas de sementes estudadas são utilizadas garrafas pet's para armazenar as sementes, segundo os coordenadores a utilização das garrafas são importantes por que ocorre reciclagem dos materiais e torna a organização mais fácil. As garrafas antes de serem utilizadas passam por um processo de lavagem e secagem antes das sementes serem armazenadas.

Em relação ao roçado comunitário foi possível constatar que apenas duas casas de sementes realizam esse trabalho. A casa de sementes na Bandeira Branca tem um roçado comunitário e a comunidade do Riacho Fundo planta tanto coletivamente como em terrenos familiares. Segundo a coordenadora da casa de sementes da Bandeira Branca eles (as) plantam num roçado que distancia 15 km da sede num terreno que foi emprestado pelo ex-vereador da cidade desde 2011.

Figura 14 Armazenamento de sementes em garrafas pets no Assentamento Pé da Serra.



Fonte: Barbosa, 2014.

Em todas as outras casas de sementes estudadas os roçados são distribuídos por família. Segundo a Cáritas está sendo realizado um planejamento com as comunidades que apresentam casas de sementes para implementar o roçado comunitário ecológico. Para algumas famílias entrevistadas o roçado comunitário é um lugar importante de socialização, onde os mesmos conversam, se divertem, plantam e celebram junto à colheita das sementes.



Em relação à divisão de tarefas o levantamento realizado nos roçados evidenciou algumas particularidades em relação ao manejo com as sementes. Verificou-se uma divisão de tarefas homem/mulher, onde cada um desempenha um papel diferenciado em relação ao manejo das sementes dentro das casas. Foi possível observar uma ajuda mútua nas tarefas, tanto na seleção, armazenamento e distribuição das sementes. Com exceção da casa de sementes do assentamento Pé da Serra aonde a coordenadora vem trabalhando sozinha, para ela está ficando difícil dar conta de tantas tarefas. Neuma executa trabalhos de seleção, armazenamento, identificação, recibos e coordenação da casa. Já na casa de sementes do Morro Vermelho e Riacho Fundo foi possível observar colaboração de ambas as partes tanto no trabalho de coordenação, seleção e armazenamento. Essa importância é relatada no depoimento abaixo:

É importante dividirmos as tarefas para organizar melhor a casa de sementes, pois não pesa pra um e nem pra outro (Coordenadora, 46 anos)

A divisão de tarefas foi encontrada também dentro do roçado. Enquanto os homens trabalham no roçado preparando a terra e brocando as mulheres fazem as coivaras e ajudam a plantar e colher as sementes. É perceptível o papel da mulher dentro de espaços que até então eram masculinos como ir para a roça, isso vem reforçar que as mulheres vêm ocupando espaço desde o plantio até a coordenação da casa de sementes.

Baseado nas informações coletadas pode constatar que a abertura das casas de sementes contribuiu para que houvesse uma maior organização das comunidades. Alguns entrevistados afirmaram que agora sentem mais vontade de participar das reuniões e de propor mudanças dentro de suas comunidades.

### III. As Mulheres Semeando Autonomia

*"Nossa experiência foi onde fortaleceu nosso trabalho como camponesa, saímos da semente venenosa e estamos com a nossa. Pra gente foi uma libertação"*  
(Tunilda, Bandeira Branca).

Uma questão importante que é levada em consideração antes da abertura de uma casa de sementes é a inclusão da mulher. Em todas as casas de sementes é necessário que tenha na coordenação ambos os sexos, esses pré-requisitos são considerados importantes para as mulheres. As mulheres dentro de uma casa de sementes podem desempenhar várias tarefas, dentro as quais: seleção das sementes, armazenamento, limpeza, coordenação, secretária,

tesouraria. Essas funções que são delimitadas por elas e em consenso com a comunidade ou assentamento da qual fazem parte.

A comunidade de Morro Vermelho tem presença feminina marcante, especialmente duas mulheres. A primeira dessas mulheres é a coordenadora da casa de sementes da comunidade chamada de Francisca essa mulher desempenha vários trabalhos em seu dia a dia. Ela trabalha na Grendene, porém continua sendo coordenadora da casa de sementes da comunidade. Ela desempenha dentro da casa de sementes as funções de organizar as fichas, os documentos, os recibos de empréstimos e devolução. Ela também trabalha nas atividades produtivas, assim denominadas por gerar renda. Estas atividades são acumuladas com as atividades domésticas, portanto as mulheres enfrentam uma dupla jornada de trabalho.

Para ela não foi encontrada nenhuma dificuldade em realizar suas tarefas como coordenadora, pelo contrário ela considera que a vida dela mudou em vários aspectos depois que ela começou a desempenhar essa função. Por ser uma atividade voluntária ela acredita que se ela sair da coordenação ninguém mais vai querer ficar. Ela acredita que estar na coordenação da casa de sementes abriu várias portas que até então eram fechadas. Dentre as portas que foram abertas destaca ela, a sua participação na Marcha das Margaridas em Brasília e que já é a segunda vez que participa e se orgulha de ter estado presente nesse evento.

Foi uma experiência maravilhosa, eu gostei por ver mulher de todo o Brasil. Fortaleceu as mulheres (Coordenadora, 29 anos).

A participação dela na Marcha das Margaridas foi financiado pelo STTR de Massapê e pela Cáritas, ela foi com Tunilda, Neuma, Rosiane e Idenilda, mulheres estas que serão discutidas a seguir.

A outra guardiã de sementes da comunidade do Morro Vermelho é chamada de Rosiane, essa mulher apesar de ser nova já tem várias experiências. Ela trabalha em seu quintal produtivo, sendo sócia e dona de casa. Ela conta que cultivava as sementes crioulas de milho, feijão, melancia, acerola, jerimum, tangerina, limão, coqueiro e manga. Para ela o que motivou a participar da casa de sementes foi o fato de conhecer o que está comendo e quando ela quiser plantar vai ter sementes disponíveis. Ela acredita que as sementes do governo são ruins para saúde do camponês.

As sementes da gente são sementes boas, que tem certeza que vai dá frutas. As sementes do governo não são seguras, faz mal para a saúde, pois tem veneno e só dura um ano, as nossas sementes são sementes que não vão se perder, sempre vamos ter se guardarmos (Sócia, 26 anos).

Segundo Rosiane o processo de valorização das sementes crioulas resgatou e valorizou práticas voltadas para a produção da própria alimentação. Observa-se nas entrevistas que a produção de sementes crioulas atualmente é motivo de orgulho para muitas mulheres. Ainda de acordo com Rosiane na comunidade antigamente tinha um grupo de mulheres que se reuniam, era um grupo para trabalhar hortas e quintais produtivos realizados pela Cáritas e STTR, eles haviam começado a trabalhar prestando acompanhamento há um tempo, só que depois parou e o grupo desarticulou. Quem começou a trabalhar com o grupo foi a Tunilda da Bandeira Branca, Idenilda do Morgado, ambas representando o Sindicato de Massapê e os técnicos da Cáritas. Eles passaram ainda um tempo tentando mobilizar com um grupo de pintura, se reuniram algumas vezes mais acabou não dando muito certo, pois segundo a camponesa acabou o acompanhamento da Esplar que estava sendo realizado na comunidade, pois finalizou o projeto.

Para Rosiane há um desinteresse por parte das mulheres, ela acredita que isso está acontecendo pelo fato das mulheres quererem que sejam pessoas de fora para acompanhar e dar cursos e oficinas. O que ficou das reuniões segundo ela foi o quintal produtivo que foi implantado pela Cáritas na casa dela. Para ela a casa de semente entra como um resgate desse grupo, pois através da casa as mulheres participam de cursos, eventos, palestras, reuniões da RIS com os mais variados assuntos desde gênero até sementes crioulas. Segue abaixo uma mensagem deixada para as outras companheiras por Rosiane:

Que elas não desistam, por que por mais que seja difícil, não desistam nunca, pois temos muitos motivos para seguir em frente (Sócia, 26 anos)

Quando faço uma analogia entre mulheres e sementes, identificando-as como “geradoras de vida”. Neste caso observei uma afinidade com o ecofeminismo quando se busca na função fisiológica a associação com a natureza. No entanto, as interpretações ecofeministas podem ir além de uma pura interpretação essencialista. Como afirma Gebara (1997), embora exista a interpretação essencialista no ecofeminismo, deve-se à associação entre feminismo e a luta ecológica o fato de que a mulher, com o aumento da sua participação pública, passa a ter uma visão mais crítica dos padrões culturais que resultam na exploração dos pobres, das mulheres e da natureza.

Percebe-se que essas mulheres depois que começaram a trabalhar com as sementes elas ficaram ativistas, participando de palestras, eventos, tudo que for relacionado a Agroecologia, sementes crioulas, direitos da mulher dentre outros assuntos. A casa de sementes vem contribuindo também nesse aspecto, facilitando o acesso a movimentos sociais

e inclusão feminina. Essas mulheres passaram a buscar mais por seus direitos, a se conhecer mais e realizar mudanças em busca de suas autonomias. Essas mulheres já participam das atividades agrícolas através dos quintais produtivos vendendo hortaliças, participam da casa de sementes e agora começaram a produzir artesanato em vista de ter uma atividade extra para contribuir financeiramente na renda familiar e ao mesmo tempo em sua independência financeira.

A terceira guardiã das sementes reside no Assentamento Pé da Serra chamada de Neuma. Meu primeiro encontro com essa guardiã foi na reunião da RIS na comunidade de Meruoquinha, comunidade pertencente ao município de Massapê, esse vilarejo fica na subida da serra da Merouca.

Figura 15 A coordenadora e sócia da casa no banner da Cáritas durante o encontro da RIS.



Fonte: Barbosa, 2012.

Um fato bastante interessante que me chamou a atenção foi em vê-la vindo a pé do seu Assentamento até essa comunidade para o encontro. Algumas pessoas do município já havia me contado que ela era muito esperta e participava de todos os movimentos que tivesse ligação com as sementes e com vários outros assuntos incluindo práticas sustentáveis na agricultura.

Neuma é casada, coordenadora da casa de sementes do Assentamento, dona de casa, mãe de três filhos e participa da organização de todos os movimentos do assentamento. De acordo com Neuma a participação nos eventos e assuntos que diz respeito ao Assentamento é muito importante.

É difícil dizer o que eu sou, por que eu faço tanto coisa, organizo reisados, coordeno a casa, carnaval, sou dona de casa, camponesa, não sei como é que dou conta de tanta coisa, mais sei que é importante a gente ta informado de tudo que acontece aqui (Coordenadora, 52 anos).

A casa de sementes do assentamento surgiu através da Neuma, após visitas e vivências em outras comunidades acabou conhecendo mais sobre o assunto e levou a ideia para o assentamento que até então não tinha uma casa de sementes, os assentados guardavam suas sementes em sua própria casa e não tinham lugar de armazenamento coletivo.

"Eu trouxe a informação de outras comunidades, pra gente ta participando, eu trouxe a ideia pra cá, como a gente não tinha muito apoio era novata a ideais, tinha pessoas que não tinha conhecimento, aí eu fiquei sem saber se ia formar ou não, aí a ideia eu apresentei, pouca gente participou, as pessoas participaram mais por causa do documento pra aposentadoria, não é só isso a gente sabe que a gente tem uma semente de qualidade de importância, pois é a semente que a gente ta produzindo é antiga, não queremos perder, às vezes a gente pegava do governo e não era boa, vem com veneno ela é prejudicial tanta pras sementes e a saúde das pessoas. (Coordenadora, 52 anos).

Apesar das dificuldades encontradas em fortalecer os assentados em relação à participação mais ativa, o relato da coordenadora vem mostrar a valorização das sementes crioulas para a produção de alimentos representando com isso uma resistência às sementes "comerciais", sendo também um resgate de práticas dos antepassados, como pode ser observado na fala da entrevistada:

"Minha família sempre guardava sementes em casa, e eu sempre guardei, tenho até um feijão chamado quarentinha que ninguém tem mais, eu fiz foi emprestar para outras comunidades que não tinha." (Sócia, 46 anos)

Esse depoimento reforça com Menasche et al. (2007) que afirma que a troca de sementes entre as comunidades, garante a manutenção do conhecimento e a diversidade genética. Neste caso, as trocas não só servem para a melhoria da dieta das famílias como também para a preservação de espécies vegetais que perderam espaço para as sementes comerciais. Foi possível observar no relato de com as Neuma a contribuição do trabalho sementes crioulas tanto na valorização da mulher, independência e ressignificando suas vidas. As casas de sementes vêm trazer uma mudança na maneira de pensar, agir e ser para o reconhecimento do trabalho da mulher.

As casas de sementes valorizaram muito as mulheres, pois agora a gente viaja mais para conhecer outras experiências, o marido valorizou mais, as mulheres passaram a procurar mais, ir atrás de conhecer, de conversas (Coordenadora, 52 anos).

Eu mesma já participei de três marcha das margaridas em Brasília junto com um monte de mulher de vários lugares, foi muito bom. (Coordenadora, 52 anos).

Apesar de Neuma encontrar dificuldades na coordenação em decorrência de alguns assentados não quererem dividir a coordenação, segundo ela é gratificante sentir que está ajudando o assentamento para manter as sementes crioulas que é também patrimônio deles.

Figura 16 Neuma em sua residência com os enfeites do reisado.



Fonte: Barbosa, 2014.

Neuma conta que existem pessoas com antipatia dentro do assentamento por conta de seus trabalhos com sementes e Agroecologia. Ela conta que já enviaram para ela um bilhete enfatizando que ela não sabia nada sobre meio ambiente e nem sobre Agroecologia. Esse relato trouxe uma frase de Pastorino em seu livro *Minuto de Sabedoria* que descreve o sentimento de Neuma " *Somente a árvore que dá mais frutos é que se vê apedrejada*" Para Neuma esse bilhete em nada lhe afetou, mesmo com essas dificuldades o trabalho que vem desenvolvendo é como uma missão que Deus lhe enviou para ajudar o Assentamento.

A casa de sementes do bairro Bandeira Branca apresenta uma forte presença das mulheres como sócias, totalizando 55 sócios (as) sendo 67% mulheres. Elas por iniciativa montaram um roçado comunitário, em um terreno particular administrado e cultivado por elas



e com ajuda de seus maridos. Antonia dos Santos Arruda, conhecida como Tunilda é quem coordena a casa de sementes. A iniciativa para abrir a casa no bairro começou quando ela participou de um encontro no STTR sobre o tema e achou que seria importante levar para o bairro. A empolgação contagiou outras mulheres que acreditaram e apostaram na proposta e daí nasceu o grupo. “Estamos felizes e vamos crescer ainda mais”, conta Tunilda muito feliz e satisfeita com os resultados.

Figura 17 Sócias da casa de sementes do bairro Bandeira Branca.



Fonte: Arquivo Cáritas, 2012.

Elas armazenam as sementes em um pequeno espaço na casa da Dona Tunilda, mas os planos do grupo é construir um espaço para as sementes em um terreno que fica ao lado da casa da coordenadora. Elas estão organizando bingos para arrecadar dinheiro para comprar o material, a mão de obra fica por conta da ajuda dos maridos e filhos que apoiam a iniciativa. Além da casa elas querem construir mandalas com plantio de hortaliças, frutas e verduras.

As mulheres contam que nos dias de plantio saem de casa às 6h da manhã e caminham por mais de uma hora até chegar ao local onde plantam milho, feijão, jerimum, melancia e cabaça retornando para casa no final do dia. Elas contam que o plantio é um momento de alegria, e a música é parte fundamental na atividade. Elas cantam enquanto plantam. As sócias cultivam também algumas espécies de plantas medicinais em seus quintais como: mastruz, malva, noni, capim santo, cidreira, manjeriço. Na casa de sementes é

proibida a entrada de qualquer semente do governo. Para a coordenadora as sementes do governo são prejudiciais ao consumo e as crioulas são garantia de saúde.

A manifestação positiva da casa está diretamente relacionada ao cultivo de sementes, que historicamente sempre esteve associado ao trabalho feminino. Com o Resgate desta atividade foi possível iniciar o processo de valorização de uma prática que estava sendo substituída pela compra de sementes comerciais. Sobre esta questão a diretora do STTR comenta:

A semente nossa a terra não recusa, essa aí do governo a terra só da um ano e é envenenada. Tem pessoas de outras comunidades com câncer, eles tiravam do governo para receber o documento que comprova que é agricultor comia tanto milho como feijão. A semente do governo vem com uma tinta, essa tinta é venenosa mesmo cozinhando ela solta uma tinta que parece caldo de beterraba e aquela "golda" dá problema de saúde. (Coordenadora, 48 anos).

As nossas sementes são a melhor coisa que existe, pois são nossas, é importante, pois temos sementes pra plantarmos quando a gente quer, não precisa ficar esperando a do governo (Sócia, 34 anos).

Em relação aos direitos das mulheres camponesas. Uma das maiores conquistas da luta das mulheres trabalhadoras rurais, bem como seus movimentos e organizações no Brasil, que se transformaram em política pública, foi o reconhecimento da profissão de trabalhadora rural pelo Estado através do STR. A partir desse reconhecimento profissional na Constituição Federal de 1988, as mulheres camponesas passaram a ter os direitos previdenciários, como a aposentadoria, ao conjunto dos trabalhadores rurais, homens e mulheres. Antes de 1988, somente o homem se aposentava com meio salário mínimo e a mulher só se aposentava depois da morte de seu marido. A partir da Constituição de 1988 mulheres e homens que comprovem sua profissão de trabalhadores (as) rurais se aposentam com um salário mínimo como Segurados Especiais da Previdência Social. Além disso, o auxílio e o Salário Maternidade são conquistas importantes do ponto de vista de políticas públicas para as mulheres. Ademais, o direito à documentação pessoal e profissional às mulheres trabalhadoras rurais, bandeira de seus movimentos autônomos, vem sendo viabilizado através do Programa de Documentação da Trabalhadora Rural. Mesmo que haja um reconhecimento por parte da Constituição muito mulheres vêm sofrendo com discriminação sofrida por essas camponesas por algumas funcionárias do INSS na concessão de benefícios. Como consta no relato da camponesa Tunilda assim como se segue abaixo:

A Dificuldade que eu encontrei em ser mulher é pela luta dos nossos direitos, ainda sofremos muito preconceito em ser mulher, sempre quando vamos ao INSS quando



vamos atrás dos benefícios que é direito nosso os funcionários fazem 100 perguntas pra mulher e só umas duas para os homens, mesmo sabendo que nos trabalha 5 a 10 vezes que o homem, pois mesmo sabendo que quando chegamos do roçado ainda temos nossa casa pra cuidar, mesmo assim ainda não somos reconhecidas, é só você ir disfarçado para ver a dificuldade numa entrevista. Para você ter ideia nós temos mulheres dentro do INSS que são mais carrasco que os homens, elas como mulheres sabem dos nossos direitos e nega nossos benefícios. Quando nós vamos para o INSS, não temos o direito de ir de brinco, cordão, unhas pintadas, nem mesmo cabelo pintado, eles dizem que nós temos que andar com o pé descalço, toda rasgada e toda suja. Quero que veja a gente se humilha pra poder ser aprovada, por que não tem direito de ir nem com o batom, nos somos discriminadas até na roupa. Tivemos uma experiência com uma agricultora aqui do bairro que tinha pintado o cabelo, sem nenhuma maldade quando ela chegou lá o benefício foi negado e lhe disseram: "você não é agricultora porque você tem condições, ela passou 4 anos pra receber a aposentadoria. É difícil recebermos salário maternidade, auxílio doença, pra fazer cirurgia quero que veja o tamanho do negocio, eles diz que é uma farsa que eu estou mentindo. Outra coisa eles perguntam até como a gente vai pra lá se é de moto ou de bicicleta. Às vezes temos que mentir que vamos de bicicleta. Sofremos muita humilhação, uma vez pediram pra ver minha mão e disseram que não tinha nem calo que não era mão de agricultora, só que elas não sabem que nos arrancamos o mato com a mão ninguém é obrigado a pegar só no cabo da enxada não. Teve funcionários de lá que colocou na entrevista da mulher que ela tinha ido de carro só porque a mulher tinha a pele branca. Eles disseram que ela não pegava sol e isso é uma coisa que fazemos para aconselhar as mulheres para usarem protetor solar se não dá câncer (Coordenadora, 48 anos).

Esse desabafo foi observado em outras camponesas entrevistadas. Ainda segundo a coordenadora essa realidade é encontrada em todo o município, onde os direitos são negados. A fala revela a indignação com o contexto de não serem reconhecidas como trabalhadoras rurais. Nesse sentido dialogamos com Paulo Freire (1992, p.86) que evidencia em *Pedagogia da Esperança*:

Não basta um conhecimento mais crítico da realidade para transformá-la, que alcançar a compreensão mais crítica da situação de opressão ainda não liberta os oprimidos. Ao desvelá-la, contudo, os oprimidos dão o primeiro passo para superá-la. Só há superação de verdade desde que se envolvam na luta política. Para, superá-la os oprimidos precisam entender os fatores ideológicos que mantém a classe opressora sobre as outras. Descobrirem as "brechas" dessa estrutura para intervir e modificar, estar envolvido nas lutas coletivamente acontece à conscientização e libertação.

Com o intuito de lutarem por seus direitos as mulheres do bairro Bandeira Branca vem se organizando atualmente em um grupo onde discutem assuntos sobre seus direitos como trabalhadoras rurais e suas dificuldades. Esse grupo está fortalecendo a luta política por seus direitos, bem como e aconselham as demais moradoras para mudar essa atual realidade. Identificamos na fala de Tunilda que os funcionários do INSS são mulheres que segundo ela sabem dos direitos e deveria se compadecer da situação, essa informação conversa com Paulo Freire (2005, p.55) que afirma que:

A imersão em que se encontram, não podem os oprimidos divisar, claramente a ordem que serve aos opressores que, de certa forma, "vivem neles. "Ordem" que, frustrando-os no seu atuar, muitas vezes os leva a exercer um tipo de violência horizontal com que agridem os próprios companheiros. É possível que, ao agirem assim, mais uma vez explicitem sua dualidade. Ao agridirem seus companheiros oprimidos estarão agridendo neles, indiretamente, o opressor também "hospedado" neles e nos outras agridem, como opressores, o opressor nos oprimidos.

No relato da moradora é possível identificar uma revolta em relação a algumas funcionárias do INSS, pelo fato de ser mulher e não compreender sobre os seus direitos. A mulher com seu instinto protetor tem uma sensibilidade em relação às outras companheiras, mais nesse caso essa empatia que vem do ser feminino se transforma em opressão. Paulo Freire enfatiza que o opressor não tem consciência que está lhe atingindo indiretamente, pois como permanece dentro do sistema e não tem esse olhar além do que está acostumado a realizar. Baseado nisso é necessário que os preconceitos contra a agricultora seja revertido para que essas mulheres possam usufruir de seus direitos e reconhecimento.

Com o intuito de fortalecer a organização feminina floresceu o grupo de mulheres no bairro em 2010 juntamente com a casa de sementes, pela iniciativa da coordenadora da casa. O grupo atualmente conta com 37 mulheres com idade entre de 25 e 55 anos. As reuniões do grupo oficialmente acontecem duas vezes por mês, ou quando surge a necessidade de conversarem sobre algum tema importante para elas. Dentre o assuntos abordados nas reuniões encontram-se: Previdência Social, sobre a casa de semente, sobre os novos cadastros, INSS, geração de renda, importância de diagnosticar o câncer de mama, sobre feiras dentre outros assuntos. Esse momento é importante para partilha de informações, união dos laços, do compartilhamento de experiências e trajetórias de vidas. É nesses espaços que externalizam os seus desejos, os seus sonhos de mulheres, trabalhadoras e mãe. Para o técnico da Cáritas o grupo vem trazendo muita melhoria para as mulheres do bairro bandeira branca, conforme relata em baixo:

O grupo de mulheres de Bandeira Branca tem sido uma revelação no sentido de sua fortaleza que mesmo morando na periferia da cidade continuam fazendo a roça comunitária. O trabalho comunitário e na casa de sementes tem sido um espaço de autonomia e independência das mulheres em relação à sociedade. O trabalho tem gerado frutos e quebrado preconceitos principalmente em relação à dependência que a cidade tem dos produtos agrícolas. Enfim, tem sido uma forma concreta de enfrentar o machismo dentro de suas famílias e ao mesmo tempo de construir ideias novas em relação autoafirmação das mesmas (Técnico da Cáritas, 32 anos).

No dia-a-dia dessas mulheres observam-se diferentes espaços de vida e de trabalho compondo seus cotidianos, dentre eles o espaço da roça e o espaço da casa. O espaço da roça é o que denota maior importância, nesse posto as mulheres do bairro vêm ganhando respeito e valorização.

Figura 18 Reunião do grupo de mulheres do Bairro Bandeira Branca.



Fonte: Barbosa, 2013.

Já o espaço da casa representa o da reprodução que é constantemente visto como de valor nulo, se analisado sob a lógica capitalista, porque não gera lucro. O grupo de mulheres veio para trazer várias mudanças na vida das entrevistadas, vem a ser mais um espaço que está sendo conquistado, pois segundo as moradoras antigamente ninguém participava de nenhum grupo, as mesmas ficavam mais em casa não participavam nem do roçado comunitário, pois não tinha, pois o mesmo veio junto com a casa de sementes.

O nosso grupo ajudou muito, começamos a se encontrar, se animar. Antes da casa de sementes tinha que comprar no mercado as sementes. Agora todas podem plantar (Sócia, 52 anos).

Para essas mulheres o trabalho com as casas de sementes é sinônimo de autonomia, de conquista de espaços. As mulheres contam que depois que começou esses movimentos com as sementes crioulas elas se tornaram mais independentes. Atualmente o grupo do bairro bandeira branca vem aumentando e trabalhando com cadastros de novas sócias no bairro. Segundo as entrevistadas a procura para participar do grupo de mulheres e da casa vem aumentando bastante.

Nesse contexto é importante perceber que as casas contribuíram até mesmo para que houvesse um maior interesse dos sócios pelo acesso ao conhecimento. Nesse sentido a participação em cursos e eventos é a garantia de acesso a novos conhecimentos. Todos os entrevistados afirmaram terem participado ou de cursos, palestras, reuniões sobre novas técnicas e consideram importantes espaços para troca de experiências com outras camponesas. Segundo a coordenadora da casa da Bandeira Branca:

Desde que abri a casa participei de cursos em Sobral de prevenção da tecnologia e em Fortaleza falando sobre saúde, ensinamentos que não podia aguar o roçado que dava doenças e também sobre queimadas em nossos roçados (Coordenadora, 48 anos).

Nesta fala identificamos mudanças de comportamento a partir da problematização da realidade, quando identificam as práticas predatórias e as consequências para eles e a natureza. O novo conhecimento aponta para mudança de técnicas.

A necessidade das camponesas de aprenderem novas práticas e aderirem novos conhecimentos para suas vidas contribui para perceberem e refletirem sobre as suas atuais técnicas de manejo com a terra. E refletirem se as técnicas que eles vêm utilizando contribui para a degradação do solo, contaminação dos rios, diminuição da variedade da produção, trazendo doenças e não garantem a sustentabilidade da família. A Cáritas, STR, ESPLAR entre outros vem desenvolvendo trabalhos de capacitação sobre práticas sustentáveis pelo menos duas vezes ao ano. Na comunidade de Riacho Fundo pelo menos uma vez por ano o sindicato oferece oficinas sobre defensivos naturais. Outra temática importante que vem sendo discutidas no município é sobre questões de gênero. Segundo o técnico da Cáritas vem sendo realizado alguns eventos de formação sobre gênero com grupos de mulheres. Esses trabalhos são realizados com o intuito de envolver as mulheres na luta pelos seus direitos e inserção na sociedade.

Outro ponto que foi possível perceber durante as entrevistas foi que cerca de 60% dos entrevistados participam/participaram de mobilizações promovidas pelos movimentos sociais como: Romaria da Terra, Marcha das Margaridas, Grito dos Excluídos. Foi possível constatar também que depois que as casas de sementes foram abertas houve um maior estímulo aos coordenadores e sócios para participarem de eventos e cursos para conhecer mais sobre os assuntos e passar o conhecimento adquirido para as outras pessoas da comunidade. Todos os coordenadores das quatro comunidades estudadas alegam que participam de todos os encontros promovidos pelo RIS.

Baseado nessas informações fica claro que esses/as camponeses (as) vêm partindo dos questionamentos de suas condições estruturais (acesso aos meios de sobrevivência) para interpretar e "desmontar" ideologicamente o sistema que os oprime, inclusive quanto à construção das subjetividades, que é fundamental para entender o papel dos homens e mulheres nas suas relações com o meio natural. Eles estão se organizando para propor transformação desse sistema, projetando ideias e utopias a serem construídas por intermédio de ações políticas coletivas. Não se colocam como vítimas do sistema, nem como salvadores do planeta, são camponeses (as) lutando por seus direitos de serem sujeitos plenos de suas vidas, e contribuindo, à sua maneira, para a transformação do mundo injusto que vivem.

Em relação à assistência técnica foi possível observar que em todas as comunidades e assentamentos estudados os entrevistados afirmaram que é deficiente. Para as famílias camponesas a assistência da EMATERCE (A Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Ceará) só aparece para vacinação contra a febre aftosa e a Secretaria de Agricultura do município é omissa no atendimento dos agricultores. Alguns deles afirmam que a falta de assistência nos últimos anos não tem ocorrido em decorrência do período de estiagem. Essa informação reforçar com o relato da camponesa:

Eles nunca vem aqui, seria melhor se eles viessem direto, só que fica só trocando todo ano (Sócia, 52 anos).

Essa realidade foi constatada em todos os locais estudados. Segundo os entrevistados a EMATERCE todo ano muda de técnico fazendo com que os laços não sejam firmados dificultando o trabalho junto a essas famílias. Em Massapê a Cáritas vem realizando o trabalho de acompanhamento com "animadores de campo" juntos as casas de sementes e os quintais produtivos de dois em dois meses. O STTR também vem atuando no processo de acompanhamento dessas famílias trabalhando com reuniões e formação de grupos.

Outra assistência que realiza visitas pelo menos uma vez a cada dois anos é o INCRA, junto aos assentamentos. Segundo relato de um camponês a última vez que eles vieram foi com intuito de proibir o uso de praticas insustentável como queimadas, uso de agrotóxicos dentro dos assentamentos rurais. Para alguns assentados essa postura acabou desagradando alguns assentados que utilizavam tais praticas o que acabou fazendo com que os mesmos nem plantassem durante esse período.

Percebe-se que a assistência técnica não trabalha levando em conta a heterogeneidade dos sistemas de produção das realidades das famílias. Destaca-se que a

assistência técnica poderia melhorar consideravelmente a situação de muitas famílias camponesas por meio de orientações especializadas e acompanhamentos mensais. Ressalta também que cursos voltados para o fortalecimento da organização local, seja talvez, a melhor estratégia para elevar os demais índices de sustentabilidade dentro das comunidades e assentamentos no município.

#### IV. Sementes da Vida

*Sementes é AMOR, Amor que não é propriedade,  
Mas partilha;  
Que implica cuidado, respeito, dedicação;  
Que necessita experiência, contato, conhecimento.  
Fruto do amor, a semente possui um valor sagrado.  
Como tal, não pode ser apropriada ou mercantilizada. (Jelson Oliveira CPT)*

Nessa pesquisa realizada em algumas casas de sementes de Massapê constatamos alguns fatos. Primeiro que as casas de sementes das famílias camponesas constituem dinâmicos depositários de biodiversidade, tanto de plantas silvestres quanto de plantas cultivadas de origem local. Isto se deve em grande parte as características da agricultura de pequena escala, realizada em ambientes sujeitos a grande variabilidade em função das condições de manejos variadas, em decorrência das diferentes pressões de seleção estabelecidas em cada um dos distintos ambientes. O estudo realizado junto às quatro casas de sementes diagnosticou uma diversidade de sementes crioulas. Vale ressaltar que a coleta de informações sobre essas sementes ocorreu logo após a distribuição de sementes para os sócios no início do mês de fevereiro.

Em todas as casas de sementes foi possível identificar uma diversidade de sementes crioulas. Em relação às sementes mais utilizadas pelos sócios são para uso agrícola como milho e feijão. Essas duas sementes tem um significado muito grande para essas comunidades, pois são, as espécies utilizadas para consumo próprio e na alimentação de animais. Seu consumo é principalmente verde, e quando seco serve para criações de aves e porcos que são à base da dieta de proteína das comunidades.

Segundo ponto observado foi que os sócios valorizam o sistema de produção diversificado, por isso o cultivo de abóbora, gergelim, pepino, fava, urucum e frutíferas todas provenientes dos roçados comunitários ou familiares.

Quadro 4 Lista de sementes crioulas encontradas nos locais estudados.

Sementes Crioulas	Comunidade Morro Vermelho	Comunidade Riacho Fundo	Bairro Bandeira Branca	Assentamento Pé da Serra
Feijão de Corda	X	X	X	X
Feijão de Moita	X		X	X
Milho Vermelho	X		X	
Milho Sabugo Fino	X			X
Fava	X	X	X	X
Café Preto		X		
Gergelim	X	X	X	X
Urucum	X		X	X
Jerimun	X	X	X	X
Melancia	X	X	X	X
Mamão				X
Pepino			X	
Sorgo	X			
Angico	X	X		
Xixá	X	X		
Pau d'Arco		X		
Sabiá	X	X		
Imburana	X			

Fonte: Informações coletadas pela autora no ano de 2014.

Durante as entrevistas percebemos o compromisso dos/as camponeses (as) especialmente na comunidade do Morro Vermelho e no Riacho Fundo em trabalhar com sementes nativas da caatinga. Segundo as famílias camponesas esse tipo de manutenção é importante, pois, algumas espécies da caatinga estão ameaçadas de extinção e o trabalho das casas de sementes também vem estimular a conservação dessas espécies. Dentre as espécies da caatinga encontramos: Xixá (*Sterculia Chixaessa*), Pau d' arco (*Tabebuia ochracea*) Sabiá (*Mimosa caesalpinifolia*), Imburana (*Commiphora leptophloeos*), dentre outras que não haviam sido identificadas. As informações sobre a disponibilidade de sementes demonstraram que algumas variedades estão desaparecendo, o que torna necessária a implantação de estratégias para sua reprodução.

Terceiro ponto identificado é que a maioria dos sócios (as) não possuem sementes em quantidades suficientes para disponibilizar para outras famílias integradas à rede. Uma das questões destacadas em uma das falas diz respeito à “troca” ou doação de sementes aos vizinhos mais próximos, característica presente nas relações de reciprocidade comuns às comunidades camponesas. Entende reciprocidade, baseado em Sabourin (2009), a dinâmica de reprodução de prestação, geradora de vínculo social. Para o autor, a troca se diferencia da reciprocidade. “A operação de troca corresponde a uma permutação de objetos, ao passo que a estrutura da reciprocidade constitui uma relação reversível entre sujeitos”. Nas

comunidades foi possível identificar a importância da multiplicação dessas espécies, pois as ofertas das mesmas são importantes para manter os laços e união entre as comunidades e manutenção das variedades tradicionais.

Eu já doei muitas sementes para várias comunidades. Se o inverno tivesse sido bom tinha dado para doar muita semente. Eu já doei para semente de melancia, jerimum. Já doei para o Boqueirão, agora esses anos a chuva não ajudou. Eu dou sementes pra muita gente... Eu tinha umas sementes que ninguém tinha mais, o feijão quarentinha, eu doei, ele é bem pequenininho, dei para o Morgardo e para outras comunidades também (Coordenadora, 52 anos)

Eu já participei de alguns encontros e trouxe algumas sementes para a casa, a semente de cabaça eu trouxe de um encontro que eu fui e acabei doando para outras comunidades (Coordenadora, 52 anos).

Quarto fato da pesquisa evidenciou que o fator climático não contribuiu para que houvesse uma maior estocagem de sementes. Para alguns sócios esses dois anos foram muito ruins para eles, dificultando o plantio, como relata o sócio ' que afirma que plantou três vezes, esperaram a chuva e não veio e aconteceu que acabaram perdendo muito milho e feijão, o pouco que conseguiram plantar a comeram e os restantes separaram para abastecer a casa de sementes. Já para a coordenadora da casa de sementes da Bandeira Branca o *plantio desses dois anos foi difícil devido à falta de chuva mais conseguimos abastecer a casa. "grifo do autor"*.

Outro aspecto da investigação apontou que algumas variedades de sementes crioulas como feijão e milho estão desaparecendo das comunidades. Das sementes que foram mais relatadas pelos entrevistados destacam-se: feijão costa verde feijão quarentinha, feijão coruja, milho vermelho, milho agulha e milho branco. (Segundo uma entrevistada esse milho era muito utilizado para fazer um pão maravilhoso). Como relata à entrevistada;

Tem sementes que não vemos mais como é o feijão costa verde, faz muito tempo que não o vemos, fico triste por ver desaparecendo e por não termos acompanhamento com as sementes (Sócia, 34 anos).

Essa afirmação corrobora com Londres (2013) Uma das críticas feitas pela sociedade civil organizada é o fato de essas políticas de distribuição de sementes, em geral, não reconhecerem o valor das sementes crioulas, a importância do seu uso para a segurança e a reprodução dos sistemas produtivos das comunidades rurais, e nem as estratégias coletivas



de conservação, difusão e uso de sementes crioulas, que incluem as casas de sementes comunitárias, as redes das casas, os sistemas de trocas e as feiras de sementes.

Ao não reconhecerem o valor das sementes crioulas e das estratégias comunitárias de gestão, as políticas públicas acabam sendo baseadas na distribuição individualizada de variedades comerciais, melhoradas em centros de pesquisa e frequentemente pouco adaptadas às condições locais. Em alguns casos são distribuídas sementes híbridas, que não prestarão para o plantio na safra seguinte. Esse tipo de política reforça a dependência das famílias camponesas em relação ao insumo. Nesse sentido é importante que o governo trabalhe com projetos de acompanhamento e reprodução das sementes crioulas para que as famílias camponesas conquistem sua autonomia e mantenham as sementes que geram vida.

#### V. Sabedoria na Seleção das Sementes da Vida.

*O saber a gente aprende com os mestres e os livros.  
A sabedoria se aprende é com a vida e com os humildes.  
(Cora Coralina).*

A história das civilizações está profundamente ligada à história do homem e da mulher com a seleção de sementes e a prática da agricultura. Essa relação teve origem há cerca de 12 mil anos. As pessoas começaram a perceber que podiam cultivar as plantas, plantar as sementes, selecionar aquelas plantas de mais interesse. Esse processo vem se desenvolvendo ao longo dos milênios e continua até hoje. Em todo o mundo famílias camponesas selecionam e conservam sementes, realizando, safra após safra, o melhoramento das plantas a partir de variados critérios.

Alguns entrevistados (as) afirmam que desde que foram iniciadas as comunidades seus antepassados vem utilizando e selecionando as sementes crioulas, especialmente sementes de milho para a produção familiar. O milho produzido na comunidade pelas famílias faz parte de suas tradições, herança de seus antepassados.

Desde que a gente nasceu planta esse milho, essas sementes são do tempo dos velhos, nunca deixamos a planta acabar... aí nós vem zelando, zelando, eu me casei e fomos zelando, tem mais de 50 (cinquenta) ano.(Sócio, 67 anos).

Minha mãe já chegou a guardar várias sacas de milho sozinha, ela mesma tinha plantado e colhido com meu pai (Coordenadora, 47 anos).

Para alguns entrevistados os antepassados lhe forneceram muita sabedoria, desde seleção até formas de armazenamento de sementes, como conta Cosmos:

Meu pai e meus avós sempre nos ensinou a guardar, é importante termos sempre as nossas sementes, ta com 18 anos que guardo e acho muito importante para a gente

Diante dessa constatação por parte das entrevistadas, cabe resgatar Wanderley (1999) que identifica como uma característica do camponês a inspiração no passado para pensar o futuro com base no saber tradicional pautado nas formas de vida local, no consumo da família e no trabalho familiar. Essa citação confirma o relato da Maria Gorete que afirma que vem guardando suas sementes há muito tempo, segundo ela manter suas sementes é importante para que seus filhos e netos venham também usufruir e passar essa prática para as novas gerações. Para ela a seca veio dificultar a quantidade de sementes estocadas mais não à vontade de ter.

As famílias camponesas contam que sempre guardaram em casa, antes mesmo de começarem a ideia de guardarem coletivamente. O processo de estocagem sempre foi realizado, essa prática antiga vem influenciar diretamente segurança e autonomia alimentar das comunidades.

A seleção das variedades crioulas tradicionalmente realizadas pelas famílias camponesas, ao contrário, não é focada somente na produtividade. Tomando como exemplo a cultura do milho: a produção de palha importante para alimentação dos animais, o porte das plantas e a espessura do colmo serve de sustentação para culturas trepadeiras cultivadas em consórcio, o fechamento das espigas que protege os grãos do ataque de insetos durante o armazenamento, ou a resistência a períodos secos, podem ser tão ou mais importantes para os camponeses quanto a produtividade dos grãos. Características como o sabor ou o tempo de cozimento também são levadas em conta. O manejo da diversidade é outro componente importante desses sistemas, conferindo a eles maior segurança.

Dentre tantas contribuições significativas das famílias camponesas na conservação das sementes crioulas, destaco a fala que descreve a metodologia utilizada para classificar e melhorar as sementes:

Aí vai escolhendo qual é o mais bonito e graúdo que não tem doença, depois descasca e coloca pra secar e armazena dentro de litros bem fechados (Coordenador, 45anos)".

Foi possível observar que todos os entrevistados (as) selecionam o milho da seguinte forma: escolhem a espiga maior, em seguida são descascadas e retiradas às sementes do início do milho e do final da espiga e deixa só a parte do meio, essa parte do meio é utilizada para estocar. No caso do feijão utilizam a vagem mais limpa, maior e sem nenhum furo. Para o sócio do Assentamento Pé da Serra,

Eu utilizo as sementes maiores para estocar e não uso as sementes que tem insetos ou furos (Sócio, 47 anos).

A seleção das sementes é considerada um critério importante para os sócios depois da colheita cada sócio tem que entregar as sementes já selecionadas para serem posteriormente estocadas. Em algumas casas de sementes foi possível identificar que alguns sócios não entregam as sementes de melhor qualidade, sendo então descartadas pela coordenação da casa.

Já em relação à metodologia utilizada para armazenamento das sementes observamos que em todas as casas são utilizados procedimentos para aumentar a durabilidade das sementes crioulas. Como relata a coordenadora da casa do Assentamento Pé da Serra:

Primeiro tem que lavar a garrafa, tirar o plástico e não colocar no sol, por que se colocar no sol esquenta a garrafa e o feijão fica vermelho o ideal é deixar secar a sombra, depois de feito isso coloca as sementes com cinza dentro para não ter ar e estragar as sementes (Coordenadora, 52 anos).

Essa forma de armazenamento foi semelhante aos procedimentos utilizados pelos demais camponeses (as). Mais uma descrição interessante sobre as técnicas e os métodos utilizados na pesquisa no campo realizada por essas famílias camponesas é possível observar que existe uma sabedoria muito grande provenientes de herança de seus antepassados que posteriormente irão passar para as próximas gerações.

Dentro do litro tem que fechar bem, daí ele se conserva ali dentro não pega doença, não pega caruncho, não pega nada (Sócia, 52 anos).

Baseado nos relatos acima sobre formas de estocagem é interessante notar que mesmo que os sócios (as) tomem cuidados em relação ao armazenamento das sementes, esses manejos não estão sendo suficientes para que as sementes durem mais tempo. Na casa de sementes do Assentamento Pé da Serra foram diagnosticadas algumas falhas na estocagem das sementes, foram encontradas garrafas com vedação deficiente facilitando o aparecimento de fungos tornando inviáveis as sementes crioulas.

Dessa forma, é interessante que seja realizado junto com essas comunidades programas de orientação e acompanhamento sobre formas de secagem e armazenamento. Essas informações tornam-se fundamentais, a fim de que aumente a qualidade das sementes e garanta a manutenção das variedades tradicionais em questão, além de aperfeiçoarem ambos os processos, permitindo, assim, a multiplicação do volume de material disponível para distribuição.

Nessa condição resta reconhecer a importância dos conhecimentos milenares depositados no processo de melhoramento das sementes de crioulas por esses camponeses (as) que desafiam o sistema e a si próprios, na intenção de continuar com as sementes “em suas mãos”, para que, sobre elas, possam depositar o resultado de seus aprendizados permanentes resultantes de cada plantio, de cada colheita e da troca efetivada entre eles. Diante disso, resta admitir a necessidade de aceitação de conhecimentos de diferentes fontes com equidade, respeitando as diferenças e as posições ocupadas, mas reconhecendo a condição desses camponeses (as) como pesquisadores e detentores de direito de propriedade intelectual sobre as melhorias que produzem suas sementes. (CANCI, 2002).

As Sementes da Vida foi o nome dado pelas famílias camponesas do município de Massapê durante uma reunião da RIS que significa continuação da vida. Para eles (as) esse nome tem um importante significado, pois as sementes são geradoras da vida e de um imenso valor sagrado. Os camponeses (as) utilizam seus conhecimentos tradicionais para perpetuarem as suas sementes. Em controvérsia a essa forma de manejo as sementes do governo buscam criar variedades de alta produção, mas para alcançarem seu potencial produtivo precisam ser manejadas nas chamadas "condições ótimas de cultivo", que em geral são obtidas através da artificialização do meio com a correção de solo, a adubação química e a irrigação. E por serem extremamente homogêneas, essas lavouras tornam-se vulneráveis ao ataque de pragas e doenças, que são então combatidas com o uso de agrotóxicos. Ao indagar aos camponeses(as) sobre o que eles(as) achavam sobre as sementes híbridas também chamadas sementes do governo, foi possível observar uma rejeição por parte dos entrevistados. Como consta no relato de uma sócia:

As sementes do governo não são seguras, elas vem com venenos que tem causado doenças em nosso povo, não é confiável e além do mais só dura um ano, a Ematerce vem trazer pra gente mais não queremos, a nossa é melhor (Sócia, 26 anos).

Esse depoimento corrobora com Miguel Altieri (2002) ao afirmar que estas tecnologias respondem a estratégia das empresas de biotecnologia de intensificar a dependência dos agricultores às sementes protegidas pela chamada “propriedade intelectual”, a qual entra diretamente em conflito com os antigos direitos dos agricultores de reproduzir, compartilhar ou armazenar suas próprias sementes.

Para uma camponesa as sementes do governo são produtivas até determinado período, depois de um ano a produção vai diminuindo como consta no relato abaixo,

As sementes do governo eu já peguei, mais é difícil de dar, quando dá ela são milhos bem pequeninhos (Sócia, 52 anos).

Esse problema vem acontecendo em decorrência das sementes do governo ter um prazo de validade, geralmente à produção só dura um ano. A produtividade é somente anual, isso acaba gerando uma espécie de controle por parte das empresas que fabricam as sementes para manter o controle sobre os camponeses (as) fazendo com que os mesmos utilizem as sementes anualmente, isso gera dependência e conseqüentemente perda da autonomia.

A utilização dessas sementes e insumos promoveu uma drástica redução das variedades crioulas, causando o que chamamos de erosão genética. Além disso, as sementes híbridas geram grande dependência dos camponeses(as), obrigando-os a adquiri-lo todos os anos no mercado.

Todos os entrevistados (as) afirmaram que só utilizam as sementes crioulas para o plantio. O uso de sementes crioulas foi indicado por Padovan (2007) como parte do processo da transição agroecológica, como estratégia de convivência com o semiárido e soberania alimentar.

Eu só utilizo nossas sementes, pois são mais resistentes e também não dependemos de ninguém, as sementes que a EMATERCE distribui são ruins pois demoram pra chegar e quando vamos usar mesmo com pouca chuva ela não dá direito, a nossa mesmo com pouca chuva ainda pega ( Sócia, 52 anos).

O uso das sementes crioulas serve como uma alternativa à dependência dos camponeses aos políticos e às prefeituras. O fato de não precisarem de ajuda externa quando se tratam de sementes para o plantio e alimentação gera soberania e autonomia em suas vidas. As famílias camponesas resistem à dominação imposta pelas multinacionais ou pelo Programa de Distribuição de Sementes do Governo. Assim, reduzem o nível de dependência a esses programas que distribuem as sementes nos períodos em que as chuvas já têm passado, e os camponeses já tenham plantado ou já estejam próximos de colher a sua produção.

## VI. Como se Relacionam com a Terra

Para se conhecer as sementes crioulas é importante saber de onde elas vieram e de como foram cuidadas. Identificamos que os entrevistados (as) cultivam suas plantas em roçados individuais e roçados comunitários como relata a coordenadora da casa de sementes do Bairro Bandeira Branca:

Nós plantamos no roçado três vezes no ano de 2013, o primeiro foi no mês de janeiro, o segundo em fevereiro ultima feita no mês de novembro. A gente se reúne e marca o dia de ir no roçado, tem uma data determinada pra ir no roçado, as mulheres e homens. As mulheres fazem as coivaras. e os homens brocam e queimam. Nós não usa veneno, mais fogo usamos ainda, pois tem muito espinho mesmo sendo capoeira, nós usamos mais é pouco fogo. O Roçado é do Ataíde ele foi um ex-vereador de Massapê que cedeu o terreno fica distante daqui uns 20 km e tem mais ou menos uns 2 ha. Desde 2011 que agente trabalha lá (Coordenadora, 46 anos).

Foi possível identificar que a procura por terra para plantar pelos moradores do bairro ocorreu depois que a casa de sementes foi aberta. A casa contribui para que os moradores se unissem mais e fossem atrás de um lugar para realizar o plantio, pois como eles (as) moram num bairro periférico do município os terrenos são bem escassos e além do custo ser mais elevado.

Os sócios da casa de sementes da Bandeira Branca ainda resistem em práticas de queimadas, mas a coordenadora afirma que tem vontade de mudar esse atual manejo, mais ainda não conseguiu devido outros/as camponeses (as) acharem que dificulta o trabalho no roçado devido à presença de muitos espinhos. Mesmo com a utilização moderada de prática de queimadas identificamos que está havendo uma mudança de maior incidência que é o abandono do agrotóxico e o uso de defensivos naturais. Segundo os camponeses são utilizados o Nim e esterco de galinha e cabra para controle de pragas. Estas atividades realizadas pelos camponeses (as) já fazem parte da transição agroecológica como o exemplo do uso de adubos e defensivos orgânicos a partir dos insumos da própria propriedade. Estas são técnicas que respeitam o meio ambiente e não degradam, mas sim valorizam a família e o local onde vivem.

Do roçado comunitário do bairro são produzidas algumas variedades como: milho, feijão, jerimum, melancia e mandioca. Toda essa produção é utilizada para subsistência dessas famílias e as sementes são utilizadas para abastecer a casa. A coordenadora conta que a ida ao roçado é a parte mais importante do seu trabalho, pois segundo ela esse momento é importante para conversar, cantar estreitar os laços com as outras agricultoras.

Na comunidade do Morro Vermelho não existe roçado comunitário, as sementes são oriundas de terras da associação. Nesse terreno são produzidas espécies como milho, feijão, jerimum, melancia e cultivo de frutíferas em seus quintais dentre outras utilizadas pelos sócios (as) para auto-consumo. Dentre as técnicas utilizadas podemos destacar o uso de

"queimadas moderadas" e utilização de defensivos naturais como nim e esterco pra controle de insetos. A coordenadora conta que a prática de queimadas está diminuindo em decorrência de influencia de uma comunidade vizinha que está fazendo trabalhos agroecológicos.

Figura 19 Roçado Comunitário da Casa de Sementes do Bairro Bandeira Branca.



Fonte: Barbosa, 2014.

Apesar da realidade apontada, percebe-se a existência de uma construção intelectual sobre os princípios da agroecologia influenciadas pela comunidade vizinha na realização de práticas que respeite as interações existentes. Isso demonstra um esforço para a utilização de práticas mais sustentáveis.

Na comunidade do Riacho Fundo observamos que os plantios agrícolas são realizados ao redor do riacho que passa no meio da comunidade. De acordo com Cosmos um dos coordenadores da casa são plantadas espécies como milho, feijão, melancia, fava, café e o manejo adotado é através do uso de defensivos naturais e utilização mínima de pratica de queimadas. Vale ressaltar que a produção é toda para auto-consumo e as sementes utilizadas para abastecimento da casa. O coordenador ressalta que são plantadas pelos sócios (as) frutíferas em seus quintais e hortaliças onde alguns comercializam para aumentar a renda.

A motivação para a transição das práticas anteriores às agroecológicas foi após uma sensibilização. A partir de novas técnicas e novas experiências em melhorar o solo, aumentar a produtividade, melhorar a saúde e receber novos conhecimentos, eles observaram na agroecologia uma alternativa de vida, como declara o coordenador da casa,

Eu acho muito importante a gente não queimar mais, pois sei que faz mal pra nossa saúde para a dos bichos também, fiz cursos em Fortaleza sobre esse tema e me disseram que estão trabalhando para que as casas não pratiquem mais queimadas e nem uso de venenos em nossas plantas(Coordenador, 46 anos).

Esse relato vem constatar sobre a importância dos cursos e palestras recebidas pelos camponeses (as) e a necessidade de acompanhamentos para que novas práticas sejam adotadas. Na comunidade do Riacho Fundo todo ano é ministrado um curso sobre defensivos naturais pelo Sindicato Local.

No assentamento Pé da Serra é possível identificar em quase toda sua extensão uma grande parte desmatada isto é, com capoeiras provenientes de desmatamento efetuados há dezesseis ou há dezoito anos. E esse problema ainda continua sendo praticado atualmente. Hoje em dia, somente cerca de 5,0 ha estão sendo cultivada com fruteiras, principalmente a bananeira que vem sendo substituída sistematicamente pela implantação de capim elefante e capim canarana que atinge aproximadamente 20,0 ha.

Devido ao considerado desmatamento ocorrido nos últimos dezesseis a dezoito anos, atingindo aproximadamente 60% da propriedade para implantação de pastagens forrageiras com vistas à criação da pecuária em regime semi-intensivo, verifica-se que a maioria da flora foi prejudicada. Em consequência, pode-se afirmar que também atingiu a fauna existente, prejudicando assim, o próprio equilíbrio ecológico do assentamento. Em relação às práticas adotadas identificamos junto aos entrevistados (as) que não está sendo utilizadas práticas de queimadas e desmatamentos, esse novo modelo de agricultura foi trazido pelo INCRA que proibiu o uso de queimadas e de agrotóxicos em Assentamentos de Reforma Agrária. Segundo os entrevistados essa posição não agradou a todos como consta no relato de um assentado: " "Tem alguns assentados que nem plantaram esse ano por que não sabiam como fazer de outro jeito". Nesse sentido acho interessante um maior acompanhamento por parte do INCRA e das assistências técnicas junto aos assentados, pois um processo de transição agroecológica precisa ser alicerçado em treinamentos, cursos e acompanhamentos para que haja uma efetividade desse novo saber adquirido.



Em relação à terra, sua área foi dividida para o plantio familiar e coletivo, sendo que as melhores terras foram destinadas para o coletivo que corresponde a 1.200 ha, o restante é destinado aos roçados individuais, construção de casas, pastagens etc. É dado o direito aos assentados de trabalharem em roçados individuais, onde o lucro fica com o próprio trabalhador e sua família. Um dia por semana é dedicado ao trabalho coletivo. O resultado do trabalho coletivo é direcionado ao pagamento de despesas ou fazer benfeitorias no assentamento.

A ideia de adotar um trabalho coletivo pelos assentados veio na intenção de favorecer resultados mais eficazes para beneficiar a coletividade. E também para o entendimento deles, o sentido coletividade propicia mais fortalecimento para qualquer tipo de obstáculo que possa vir. Outra mudança que o assentamento trouxe no sentido de produção foi que, além de já vir cultivando plantio de milho, feijão, mandioca, algodão, foi desenvolvido também a plantação de arroz, mamona, cana-de-açúcar, caju, manga, acerola e ata. Destes produtos, os que apresentam maior produção são o milho e o feijão. Vale salientar que este assentamento é um grande fornecedor de leite para os próprios assentados e também para a cidade de Massapê. Sobre os produtos comercializados, destacamos a castanha, manga, banana e o leite. Todos estes produtos são vendidos no Município de Massapê.

Nesse sentido é possível verificar que o trabalho com as sementes vem trazendo reflexões e questionamentos para os camponeses sobre a forma de praticar agricultura, especialmente pelo INCRA. Os antigos hábitos que agridem o meio ambiente aos poucos vão ganhando espaço para a adoção de outras técnicas que respeitem a natureza, como uso de defensivos naturais, utilização de adubação orgânica, diminuição na prática de queimadas dentre outros manejos. O acesso ao conhecimento e o respeito ao saber popular são veículos que juntos promovem muitas mudanças dentro dessas comunidades e assentamentos. Portanto, se faz necessário apoio de políticas públicas e acompanhamento junto a esses camponeses para fomentação de novas práticas.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As casas de sementes se estabelecem como um instrumento agregador e uma tecnologia social de grande relevância para os/as camponeses (as), considerando que exerce papel importante na preservação do resgate não apenas das sementes, mas da cultura popular que resiste

em preservar as sementes crioulas. Após a realização da análise das entrevistas com os associados das casas de sementes e a observação feita durante a atividade de campo, pode-se concluir que as sementes crioulas têm um papel fundamental na garantia da Soberania Alimentar e autonomia dos camponeses (as). Para eles (as) as sementes possuem vários significados desde renda, alimento, autonomia, segurança, alegria, cultura, valor sagrado, saúde, preservação do meio ambiente, sustentabilidade, manutenção do saber popular e futuro.

As casas de sementes vêm contribuir para o reconhecimento da importância dos conhecimentos milenares depositados no processo de melhoramento e seleção das sementes de crioulas realizadas pelos camponeses. Esse conhecimento se configura como uma resistência ao modelo predominante, na intenção de continuar com as sementes “em suas mãos”, para que, sobre elas, possam depositar o resultado de seus aprendizados permanentes resultantes de cada plantio, de cada colheita e da troca efetivada entre eles.

Outro resgate que as casas de sementes vêm contribuindo é para a manutenção da Festa da Colheita. Essa comemoração vai além daqueles que proporcionam nossa alimentação, mas estimulam a reconstrução de uma nova história, eis alguns exemplos colhidos das festas: o resgate vivo da cultura camponesa, os mutirões realizados nas comunidades entre mulheres, homens crianças e jovens, incentivo para consumo de produtos com qualidades da colheita local, agradecimento coletivo ao Deus da vida pela boa colheita, um despertar para preservação da biodiversidade local e organização das casas de sementes, continuidade da luta pela terra.

Em relação à participação das mulheres, foi possível identificar pelos relatos uma melhora significativa depois que começaram a trabalhar com as sementes, elas ficaram mais ativistas, participando de palestras, eventos, passaram a participar de grupos e desejos por mais conhecimento. A casa de sementes vem contribuindo também nesse aspecto, facilitando o acesso à movimentos sociais e inclusão feminina. Essas mulheres passaram a buscar mais por seus direitos, a se conhecer mais e realizar mudanças em busca de suas autonomias. As casas de sementes vêm trazer uma mudança na maneira de pensar, agir e ser para o reconhecimento do trabalho da mulher.

Em relação ao aspecto ambiental foi possível verificar que as casas de sementes contribuem para conservação e manutenção das sementes crioulas, bem como sementes nativas do semiárido. O uso das sementes crioulas serve como uma alternativa à dependência dos camponeses aos políticos e às prefeituras. O fato de não precisarem de ajuda externa quando se tratam de sementes para o plantio e alimentação gera soberania e autonomia em suas vidas. Assim, reduzem o nível de dependência a esses programas que distribuem as

sementes nos períodos em que as chuvas já têm passado, e os camponeses já tenham plantado ou já estejam próximos de colher a sua produção.

Embora a conservação das sementes crioulas tenha grande importância social e econômica, possibilitando a autossuficiência e desenvolvimento dos agricultores de pequena escala, ela se apresenta também como promotora da conservação da biodiversidade silvestre. Nesse sentido é necessário uma maior percepção e ação dos órgãos ambientais no que se refere à implementação de medidas simples que auxiliem na manutenção e promoção do uso de sementes crioulas em regiões onde ainda se pratica a agricultura em pequena escala como forma de conservação ambiental, principalmente em uma época em que a conservação passa a ser compreendida como a gestão dos espaços socioambientais e não apenas da preservação dos ecossistemas naturais desprovidos da interação humana.

## REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, Perseu; **Pesquisa em Ciências Sociais**. In: HIRANO, Sedi (Org.). Pesquisa social: projeto e planejamento. 2. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 1988.41p.

**AGROECOLOGIA O valor das sementes crioulas. Agroecologia em Rede, Rio Grande do Sul**. Disponível em: <<http://www.agroecologia.org.br/index.php/noticias/noticias-para-o-boletim/527-o-valor-das-sementes-crioulas-entrevista-com-flavia-londres>>. Acesso em Març. 2014.

ALBARELLO, J. E; SILVA, T. M. DA; GÖRGEN, S. **Casa de Sementes Crioulas. Caminho para a Autonomia na Produção Camponesa**. Instituto Cultural Padre Josimo. Porto Alegre, Setembro 2009.23p.

ALTIERI, Miguel **Bioteχνologia Agrícola: Mitos, Riscos Ambientais e alternativas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

\_\_\_\_\_. Miguel. **Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável**. Porto Alegre: UFRGS, 1998.

\_\_\_\_\_. Miguel. **Agroecologia: Bases científicas para uma agricultura sustentável**. 3. Ed. ver. Ampliada, São Paulo, Rio de Janeiro: Expressão Popular, AS-PTA 2012.02 p.

ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação**. 10. Ed. São Paulo: Atlas, 2010 115p.

BOMBARDI, Larissa Mies. **O campesinato enquanto classe social**. In:\_\_\_\_ O Bairro Reforma Agrária e o processo de territorialização camponesa. São Paulo: Anna Blume, 2004.

BOTTOMORE, Tom; HARRIS, Laurence; MILIBAND, Ralph. **Dicionário do pensamento Marxista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BRANDÃO, C. R.. **Cenários e Momentos da Vida Camponesa: três dias de caderno de campo em uma pesquisa no Preto Baixo, do Bairro dos Pretos em Joanópolis, São Paulo.** In: Ana Maria de Niemeyer; Emilia Pietratesa de Godoi. (Org.). Além dos territórios. Campinas: Mercado das Letras, 1998.

\_\_\_\_\_. Carlos Rodrigues (Org.). **Pesquisa participante.** São Paulo: Brasiliense, 2001 15p.

BRASIL. NEAD. **Coexistência, o caso do milho: proposta de revisão da Resolução Normativa nº4 da CTNBio.** MDA. Brasília, 2009.34p.

BRASIL. NEAD. **Gênero, agricultura familiar e reforma agrária no Mercosul.** Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2006 (Nead Debate 9).

BUTTO. A. **As Mulheres na política de desenvolvimento rural.** In Brasil Rural em Debate. Coletânea de Artigos. Brasil. Ministério do Desenvolvimento Agrário. 2010.

CAMPOS, C. S. S. & CAMPOS, R. S. **Soberania alimentar como alternativa ao agronegócio no Brasil.** Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales. Barcelona: Universidad de Barcelona, vol. 11, n. 245, ago. 2007. Disponível em: <http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-24568.htm>. Acesso em: Nov.2013.

CANCI, Adriano. **Sementes crioulas: construindo soberania. A semente na mão do agricultor.** São Miguel do Oeste: Mclee, 2002.

CAPLAN, S. apud DIAS. **Using focus group methodology for ergonomic design.** *Ergonomics*, v. 33, n. 5, p. 527-33, 1990.02 p.

CAPORAL, F. R. **Em defesa de um Plano Nacional de Transição Agroecológica: compromisso com as atuais e nosso legado para as futuras gerações.** Brasília: 2009. 15p.

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. **Construindo uma nova extensão rural no Rio Grande do Sul. Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável.** Porto Alegre, v. 3, n.4, 2002, 10-15p.

CÁRITAS. **A experiência da Rede de Intercambio de Sementes- RIS- Zona Norte do Ceará: Semeando soluções, colhendo cidadania.** 2006. Disponível em: <<http://www.agroecologiaemrede.org.br/experiencias.php?experiencia=578>>. Acesso em: Nov.2012.

CARLINI, C. B. **Potencialidades da técnica qualitativa grupo focal em investigações sobre abuso de substâncias.** Rev Saúde Pública. 1996. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rsp/v30n3/5075.pdf>. Acesso em: Out. 2013.

CARNEIRO, M.F; MALUF, R.S (Orgs). **Para além da produção: multifuncionalidade e agricultura familiar.** Rio de Janeiro: MAUAD, 2003.

CARVALHO, Horácio, M. de. **Multifuncionalidade da agricultura familiar.** In: FILHO, Flávio. B. B. (org.). **Agricultura familiar e desenvolvimento territorial em debate.** V. 5. Brasília: UNB, 2005, p. 43-58.

CARVALHO, Horácio Martins (org.). **Sementes, Patrimônio do Povo a Serviço da Humanidade**. São Paulo, Expressão Popular, 2003. 181p. Disponível em: <<http://www.landaction.org/IMG/pdf/sementes.pdf>>. Acesso em: Março de 2013.

CHAYANOV, Alexander. **La organizacion de la unidad econômica campesina**. Ediciones Nueva Vision. Buenos Aires, 1974. 30p. Disponível em: <http://boliviaagraria.files.wordpress.com/2011/06/chayanov-organizacion-campesina.pdf>. Acesso em: 5 Ago. 2013.

COMISSÃO PASTORAL DA TERRA DO RS. **Conhecendo e Resgatando Sementes Crioulas**. Porto Alegre: Evangraf, 2006.

CONTI, M. **O papel da escola na formação dos guardiões mirins das sementes crioulas de Ibarama – RS. Encontro nacional de geografia agrária**. Uberlândia, 2012. Disponível em: <[http://www.lagea.ig.ufu.br/xx1enga/anais\\_enga\\_2012/eixos/1211\\_1.pdf](http://www.lagea.ig.ufu.br/xx1enga/anais_enga_2012/eixos/1211_1.pdf)>. Acesso em: Nov. 2012.

CONWAY, G. **The properties of agroecosystems *Agricultural Systems***, Barking Essex: Elsevier, v. 24, nº2. 1987.

CORDEIRO, A.; FARIA A. A. **Gestão de Bancos de Sementes Comunitários**. Rio de Janeiro: AS-PTA. 1993.

COSTABEBER, José Antônio. **Transição Agroecológica: rumo à sustentabilidade**. *Agriculturas: experiências em Agroecologia*, v. 3. N. 3, out, 2006. Disponível em: <<http://www.agriculturesnetwork.org/magazines/brazil/caminhos-da-transicao-agroecologica/transicao-agroecologica-rumo-a-sustentabilidade>> Acesso em Jul. 2012.

CRUZ NETO, Otávio. C. **O trabalho de campo como descoberta e criação**. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. 51 – 66p.

DESHAIES, B. **Metodologia da investigação em ciências humanas**; Lisboa: Instituto Piaget. 1992.

DOMINGUEZ, O. Carlos. E. et al. **Sistema informal de sementes: causas, consequências e alternativas**. Pelotas: Editora Universitária/UFPel, 2000. 206p.

ESMERALDO, Gema. G. S. L. **Singularidades mediadas pelos agentes de reforma agrária**. In: SALES, C. de M. V. *et. al.* **Terra, sujeitos e condição agrária**. Fortaleza: Imprensa universitária, 2007, p. 67-78.

ESPLAR. **Casas de sementes: fortalecimento da agricultura familiar**. Rio de Janeiro 2002. Disponível em: <[www.encontroagroecologia.org.br/files/CE\\_041.rtf](http://www.encontroagroecologia.org.br/files/CE_041.rtf)> Acesso em Dez. 2012.

FISCHER, Izaura Rufino. **O protagonismo da mulher rural no contexto da dominação**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2006. 41p.

FRAGA, P. 1995. “As ONGs no Espaço Público: Uma Trajetória de Mudança”. Dissertação de Mestrado apresentada ao IPPUR/UFRJ, Rio de Janeiro.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005. 55p.

\_\_\_\_\_. Paulo. **Pedagogia da esperança**. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1992. 86p.

GAZOLLA, M. **Agricultura familiar, segurança alimentar e políticas públicas: Uma análise a partir da produção para autoconsumo no território do Alto Uruguai/RS**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural/UFRGS. Porto Alegre, 2004. 45p.

GEBARA, Ivone. **Teologia Ecofeminista**. São Paulo: Olho D' Água, 1997.

GLIESSMAN, S. R. **Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável**. Porto Alegre: Editora da Universidade – UFRGS, 2005, 11 p.

GONDIM, Linda M. P. **A Pesquisa como artesanato intelectual: considerações sobre método e bom senso**. João Pessoa: Manufatura, 2002. 20p. Disponível em: <http://sociofespsp.files.wordpress.com/2013/01/gondim-l-m-p-e-lima-j-c-a-pesquisa-como-artesanato-intelectual.pdf>. Acesso: Nov. 2013.

GOUVEIA, Taciana e CAMURÇA, Silvia. **O que é gênero**. Cadernos SOS Corpo, vol. 1. Recife: SOS Corpo Gênero e Cidadania, 2000.

IBGE-INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo Demográfico 2010. Disponível: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 25 de março de 2013.

JESUS, Dias, A. **Reprodução Camponesa no Semiárido Brasileiro**. XVI Encontro Nacional de Geógrafos. Porto Alegre, 2010. Disponível em: <[file:///C:/Users/Monica/Downloads/download \(72\)%20\(5\).PDF](file:///C:/Users/Monica/Downloads/download%20(72)%20(5).PDF)>. Acesso em Nov. 2013.

KARAM, Karen Follador. **A mulher na agricultura orgânica e em novas ruralidades. Estudos Feministas**, Florianópolis, v.12, n.1, jan./abr., 2004. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v12n1/21704.pdf>>. Acesso em: Ago. 2013.

LAKATOS, Eva Maria, MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. Ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 2003. Disponível em: <[http://docente.ifrn.edu.br/olivianeta/disciplinas/copy\\_of\\_historia-i/historia-ii/china-e-india](http://docente.ifrn.edu.br/olivianeta/disciplinas/copy_of_historia-i/historia-ii/china-e-india)>. Acesso em: Jul. 2012.

LEFF, E. **Agroecologia e saber ambiental**. Revista Agroecologia e desenvolvimento rural sustentável. V. 3, n.1, jul/set. 2002. Disponível em: <[http://www.pvnocampo.com.br/agroecologia/agroecologia\\_e\\_saber\\_ambiental.pdf](http://www.pvnocampo.com.br/agroecologia/agroecologia_e_saber_ambiental.pdf)>. Acesso em: Nov. 2013.

LONGHI, Alvir. **Agroecologia e soberania alimentar**. 2 ed. 2008. Disponível em: <<http://www.cetap.org.br/wp-content/uploads/2008/10/agroecologia-e-soberania-alimentar.pdf>>. Acesso em ago. 2013.

- MARQUES, Marta Inez Medeiros. **A Atualidade do uso do Conceito de Camponês**. Anais do XIII Encontro Nacional de Geógrafos, João Pessoa. AGB, 2002. Disponível em: <<http://revista.fct.unesp.br/index.php/nera/article/viewFile/1399/1381>>. Acesso em: Out. 2013.
- MARTINS, Gilberto Andrade. **Estudo de caso: uma estratégia de pesquisa**. 2.ed. São Paulo: Atlas, 2008.27p.
- MARTINS, José de Souza. **O poder do atraso. Clientelismo e corrupção no Brasil contemporâneo**. São Paulo: Hucitec, 1994. 138p.
- MAZOYER, M.; ROUDART, L. **História das Agriculturas do Mundo: do neolítico à crise contemporânea**. Lisboa: Instituto Piaget, 2010. 115p.
- MDA/NEAD. **Mulheres na Reforma Agrária**. Brasília: MDA, 2008. 19-38p.
- MEIRELLES, L. **Soberania alimentar e a construção de mercados locais para produtos da agricultura familiar**. Boletim Informativo. Centro Ecológico – Núcleo Litoral Norte: Dom Pedro de Alcântara (RS). V. 1, ed. 1,2004.
- MELO Lúcia Albuquerque de. **Reprodução da subordinação de gênero: o caso da mulher trabalhadora rural de empresa de uva do submédio São Francisco**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal Rural de Pernambuco. 1998.
- MENASCHE, Renata et al. **Circulação de alimentos: dádiva, sociabilidade e Identidade**. In: MENASCHE, Renata (Org.). A agricultura familiar à mesa: saberes e práticas da alimentação no Vale do Taquari. Porto Alegre: UFRGS, 2007.
- MENDRAS, Henri. **La fin des paysans; suivi d'une réflexion sur La fin des paysans vingtans après**. Paris, Actes Sud, 1984. 437 p.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 28. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. Disponível em: <<http://www.moodle.ufba.br/mod/resource/view.php?id=48419>>. Acesso em: Out. 2013.
- MORIN Edgard. **Complexidade e ética da solidariedade**. In: Castro G, Carvalho EA, Almeida MC. Ensaio da complexidade. Porto Alegre (RS): Sulina; 1997. 06 p.
- \_\_\_\_\_ Edgard. **Ciência com consciência**. São Paulo: Bertrand Brasil, 1999. 33p.
- MOURA, M. M. **Camponeses**. São Paulo: Ática, 1986. 17p.
- PADOVAN, Milton Parron. **Manual do agricultor agroecológico**. Mato Grosso do Sul. 2007.
- PAULINO, Eliane Tomiasi; ALMEIDA, Rosemeire Aparecida de. **Terra e território: a questão camponesa no capitalismo**. 1. Ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010. V. 1. 112 p.
- PELWING, A.B.; FRANK, L.B.; BARROS, I.I.B. **Sementes e Campesinato**. Brasília. Rev.Econ.Sociol. Rural. Vol. 46, nº2. 2008.391-420p.

PILLON, C. **Sementes crioulas contribuem com conservação da agrobiodiversidade.** Embrapa, 2010.

ROSA, W.J. **O campesinato como modo de vida.** Revista Trilhas da História. Três Lagoas, v.1, nº2 jan-jun, 2012.p.98-107.

SABOURIN, Eric. **Camponeses do Brasil: entre a troca mercantil e a reciprocidade,** Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

SCOTT, Joan Wallach. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** Educação e Realidade. Porto Alegre, Vol.16, nº 2. Jul/dez p.5-22, 1990. Disponível em; <http://www.direito.caop.mp.pr.gov.br/arquivos/File/SCOTTJoanGenero.pdf>. Acesso em: Nov. 2013.

SEVILLA, A; GUZMÁN, E. **Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável in Agroecologia- Princípios e técnicas para uma agricultura orgânica sustentável.** Brasília. Embrapa, 2005.

SILVA, J. M.; NABOZNY, A.; ORNAT, M. J. **A visibilidade e a invisibilidade feminina na pesquisa geográfica: uma questão de escolhas metodológicas.** 2011.180p.

SILVERMAN, D. **Interpretação de dados qualitativos: métodos para análise de entrevistas, textos e interações.** 3ª ed Porto Alegre: Artmed; 2009. 376 p.

SOUZA, S. T. **Da negação ao discurso “hegemônico” do capital à atualidade da luta de classes no campo brasileiro. Camponeses em luta pelo/no território no Sudoeste da Bahia.** 2008. 138p. Tese (Doutorado em Geografia)- Universidade Federal de Sergipe, Núcleo de Pós-Graduação em Geografia, Departamento de Geografia, São Cristóvão, 2008.

SOUZA, U.C. **Prática de produção de sementes.** Rio de Janeiro. Ed. Tecnoprint, 1986.

TRINDADE, C. C. **Sementes Crioulas e Transgênicas, uma reflexão sobre sua relação com as comunidades tradicionais.** In: XV Congresso Nacional do Conpedi, Manaus, 2006.04p.Disponível em:<[http://www.publicadireito.com.br/conpedi/manaus/arquivos/anais/manaus/estado\\_dir\\_povos\\_carina\\_carreira\\_trindade.pdf](http://www.publicadireito.com.br/conpedi/manaus/arquivos/anais/manaus/estado_dir_povos_carina_carreira_trindade.pdf)>. Acesso em: Set. 2013.

TURATO E. R. **Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa.** Revista de Saúde Pública, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsp/v39n3/24808.pdf>> Acesso em: Nov. 2013.

VANKRUNKELSVEN, L. **Soberania alimentar: por uma democracia nos sistemas locais de alimentos.** 2006. 01p. Disponível em: <[http://www.fetrafsul.org.br/downloads/Artigos-Cronicas/Soberania\\_Alimentar.pdf](http://www.fetrafsul.org.br/downloads/Artigos-Cronicas/Soberania_Alimentar.pdf)> Acesso em: 08 set. 2013.

VASCONCELOS, F. R. LIMA,J..S. **Reflexões Sobre a Importância dos Princípios Agroecológicos na Recuperação de Áreas Degradadas Visando a Produção de Biodiesel: A Importância de Sistemas Agroflorestais.** Monografia apresentada ao Curso de Pós-graduação em Gerenciamento e Tecnologia Ambiental no Processo Produtivo, Escola Politécnica, UFBA. 2007.



VASCONCELOS, J.M.. **I mplantação De Casas De Sementes Comunitárias Como Forma De Sustentabilidade Alimentar E Preservação Da Biodiversidade Vegetal No Sertão Cearense**. Monografia (Especialização em Agroecologia), Sobral-CE. 2011.

VIA CAMPESINA. **La voz de los campesinos y de las campesinas del mundo. 2007**. Disponível em: <[http://www.viacampesina.org/main\\_sp/index2.php?option=com\\_content&do\\_pdf=1 id=292](http://www.viacampesina.org/main_sp/index2.php?option=com_content&do_pdf=1 id=292)>. Acesso em: 08 set. 2013.

WANDERLEY, Maria. **Raízes históricas do campesinato brasileiro**. In: TEDESCO, J. C. (org.). Agricultura familiar realidades e perspectivas. 2 ed. Passo Fundo: EDIUIPE, 1999, 21-55p.